



LSPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**Conteúdo das cognições das crianças perante
situações ameaçadoras e diferenças de género**

Graciete Maria Tavares Figueiredo Leal Marques

Co-Orientador de Dissertação:

MESTRE FILOMENA DIAS

Coordenador de Seminário de Dissertação

PROFESSORA DOUTORA ISABEL LEAL

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia da Saúde

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no ISPA – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia da Saúde.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Dra. Filomena Dias pelos momentos partilhados, orientação e sugestões prestadas ao longo da realização deste trabalho.

Ao meu filho Diogo que esteve sempre presente na alma e no coração contribuindo em muito para vencer mais uma etapa, com sucesso, da minha vida.

Ao meu marido pelo carinho, paciência, companheirismo e dedicação.

Um sincero agradecimento aos meus pais e à minha família por todo o seu carinho, ajuda e otimismo.

À Professora Doutora Isabel Leal pela orientação prestada ao longo deste percurso.

Um agradecimento muito reconhecido às minhas colegas de curso que me ajudaram e que estiveram presentes nos momentos de maior dificuldade, em especial à Mariana Mano Ferreira e Inês Cruz.

A todos aqueles que me acompanharam nos bons e maus momentos.

Esperando sinceramente que este trabalho corresponda às vossas expetativas um bem hajam.

Resumo

A ansiedade, os medos e preocupações são ocorrências comuns na infância e adolescência e podem ser considerados como reações perante diversos acontecimentos existentes no meio ambiente no qual a criança está inserida. Tendo em consideração que a ansiedade afeta um grande número de crianças por um significativo período de tempo, torna-se necessário, compreender os aspetos subjacentes a estas perturbações. Após uma revisão da literatura científica, surgiu o problema de investigação que está na base do desenvolvimento deste trabalho: o que pensam as crianças perante situações ameaçadoras e se existem diferenças significativas relativamente ao género e à idade das crianças. Para o desenvolvimento desta investigação, optou-se por um estudo exploratório, correlacional e comparativo, utilizando como instrumento de recolha um questionário sociodemográfico, a Escala “ Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders (SCARED-R)” e o instrumento “9 Scripts Potentially Threatening for Anxious Children” e como método, a análise de conteúdo. Foi utilizada uma amostra não-clínica de crianças da ilha Terceira (n = 85; faixa etária entre os 10 e 11 anos). Os resultados apontam para que a maioria dos participantes quando confrontados com situações ameaçadoras tendem a recorrer, com maior frequência, à utilização de Pensamentos Negativos, principalmente nas histórias referentes à Ansiedade Generalizada e de Separação. Verificou-se uma relação entre a Ansiedade e todos os Pensamentos Negativos elaborados pelas crianças. As subcategorias mais referenciadas foram o Pessimismo, Dificuldades para Lidar com a Separação e Insegurança. Relativamente à idade e género não se verificaram correlações significativas quando relacionadas com a ansiedade das crianças.

Palavras-chave: histórias potencialmente ameaçadoras; ansiedade; crianças; cognições

Abstract

Anxiety, fears and concerns are common at childhood and adolescence and can be considered as reactions to the several situations that occur on the environment where a child lives. Given the fact that anxiety affects a great number of children through a significant period of time, it is important to improve knowledge about the aspects that are on the origin of these disturbances. After revising scientific literature about the issue, the problem that is on the basis of this work arose: what do children think when facing threatening circumstances and are there significant differences amongst gender and age? During research, it was opted for a exploratory, correlation and comparative study, using as a gathering tool a socio-demographic questionnaire such as the scale “Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders (SCARED-R)”, the tool “9 Scripts Potentially Threatening for Anxious Children” and the content analyses as a research method. It was used a non-clinic sample of children from Terceira Island (n=85; between 10 and 11 years old). Results show that the majority of participants tend to have Negative Thoughts when facing threatening situations, mainly in what concerns stories related to Generalized Anxiety and Separation. It was gauged a significant co-relation between Anxiety and all Negative Thoughts, elaborated by children. The subcategories most referenced were Pessimism, Difficulties Coping with Separation and Insecurity. In what concerns age and gender, there weren't found significant co-relations when is related with child anxiety.

Key-words: stories potentially threatening; anxiety; children; cognitions

Índice

Introdução	1
Estado da Arte	4
Método	18
Delineamento do Estudo	18
Participantes	18
Material	18
Corpus	20
Análise do Corpus	20
Procedimento	26
Resultados	29
Discussão	57
Conclusão	66
Referências	69
Anexos	72

Índice de Tabelas

Tabela 1. Ocorrências das u.r. nas pré-categorias	29
Tabela 2. Ocorrências das u.r. nas categorias	30
Tabela 3. Intervalos de confiança para a Ansiedade Generalizada, de Separação e Fobia Social	32
Tabela 4. Correlações de AG - Ansiedade Generalizada com AG - Pensamentos Negativos	32
Tabela 5. Correlações de AS - Ansiedade Separação com AS - Pensamentos Negativos	33
Tabela 6. Correlações de FS - Fobia Social com FS - Pensamentos Negativos	33
Tabela 7. Correlações de AG - Ansiedade Generalizada, AS - Ansiedade de Separação e FS - Fobia Social	34
Tabela 8. Correlações de AG, AS e FS com todos os tipos de Pensamentos Negativos	34
Tabela 9. Correlações entre todos os tipos de Pensamentos Positivos	35
Tabela 10. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria A – Ansiedade Generalizada	35
Tabela 11. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria A	36
Tabela 12. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria B - Ansiedade de Separação	36
Tabela 13. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria B	37
Tabela 14. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria C – Fobia Social	37
Tabela 15. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria C	38
Tabela 16. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria D – Ansiedade Generalizada	38
Tabela 17. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria D	39
Tabela 18. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria E – Ansiedade de Separação	39
Tabela 19. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria E	40
Tabela 20. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria F – Fobia Social	40
Tabela 21. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria F	41

Tabela 22. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria G – Ansiedade Generalizada	41
Tabela 23. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria G	42
Tabela 24. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria H – Ansiedade de Separação	42
Tabela 25. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria H	43
Tabela 26. Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria I – Fobia Social	43
Tabela 27. Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria I	44
Tabela 28. Correlações entre GPPSEA1C -GPPSEA4C	46
Tabela 29. Correlações entre GPPSEA5C - GPPSEA8C	46
Tabela 30. Correlações entre GPNEGSEA5C - GPNEGSEA8C	46
Tabela 31. Correlações entre GPNEGSEA3C - GPNEGSEA9C e GPNEGSEA6C - GPNEGSEA9C	47
Tabela 32. Correlações entre GPNEGDL8C - GPNEGPe7C, GPNEGDL8C GPNEGDMF1C e GPNEGPe7C - GPNEGPE9C	48
Tabela 33. Correlações entre GPNEGI4C - GPNEGPe7C	48
Tabela 34. Correlações entre GPNEGDRS2C - GPNEGDSRS5C	49
Tabela 35. Correlações entre GPNEGM1C - GPNEGP1C	49
Tabela 36. Consistência Interna da Escala Global	51
Tabela 37. Cálculo da média dos itens que constituem cada uma das dimensões	52
Tabela 38. Relação entre a ansiedade das crianças e o género	53
Tabela 39. Relação entre a ansiedade das crianças e a idade	54
Tabela 40. Relação entre a SCARED-TOTAL e as suas dimensões com os pensamentos positivos e negativos	55
Tabela 41. Correlações entre a soma de todos os pensamentos positivos e negativos das histórias com a escala SCARED-R e as suas dimensões	56

Índice de Anexos

Anexo A – Caraterização do género e idade das crianças	73
Anexo B – Questionário sociodemográfico	74
Anexo C – Escala Screen Child Anxiety Emotional Disorders (SCARED-R)	75
Anexo D - Nove histórias de ansiedade	77
Anexo E - Grelha de análise categorial	79
Anexo F - Exemplos das histórias codificadas (crianças)	CD
Anexo G - Base de dados em SPSS e respetivos outputs	CD
Anexo H - Categorias de análise	81
Anexo I – Valores de frequência agregados em pré-categorias e categorias	98
Anexo J - Unidades de registo das subcategorias	99
Anexo K – Análise global de todas as subcategorias	101
Anexo L – Análise global de todas as subcategorias, por pensamentos positivos e negativos	103
Anexo M – Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os três tipos de ansiedade: AG, AS e FS e o género das crianças	105
Anexo N – Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os diversos tipos de ansiedade por história e o género das crianças	106
Anexo O - Diferenças significativas e não significativas, através dos seus valores médios para as subcategorias e o género das crianças	108
Anexo P - Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os três tipos de ansiedade: AG, AS e FS e a idade das crianças	111
Anexo Q - Diferenças, significativas e não significativas, através dos valores médios entre os diversos tipos de ansiedade por história e a idade das crianças	112
Anexo R - Diferenças, significativas e não significativas, através dos valores médios para as subcategorias e a idade das crianças	114
Anexo S - Frequências de respostas da escala SCARED-R	118
Anexo T - Análise de consistência interna da escala SCARED-R por dimensões	120
Anexo U – Quadro de abreviaturas	122

Introdução

A ansiedade é uma reação emocional universal. Todos nós sentimos momentos de incerteza e preocupação que nos provocam as conhecidas manifestações de ansiedade: reações motoras, fisiológicas e cognitivas. Quanto mais frequentes e persistentes são estas reações, quanto menos estas se conseguem justificar pelo *stress* da vida e quanto mais estas interferirem na capacidade da pessoa funcionar em sociedade, na escola ou no emprego, mais provavelmente estaremos na presença de uma perturbação patológica de ansiedade. Assim, as respostas de ansiedade, medo e preocupação podem ser adaptativas quando não limitam as habilidades do indivíduo para lidar com as questões do dia-a-dia, e são congruentes com a situação a ser enfrentada. Quando se observa o contrário, onde as reações limitam o indivíduo em alguma das suas esferas de funcionamento, pode-se então apontar para um quadro de ansiedade psicopatológica (Friedberg & Macclure, 2004).

Ansiedade, medos e preocupações são muito comuns na infância, e podem ser consideradas como reações relativamente aos diversos acontecimentos que advêm do ambiente no qual a criança está inserida. Neste sentido, a ansiedade constitui uma resposta primária de defesa perante situações percebidas como ameaças de danos ou desafios, a qual visa a manutenção da integridade física e psicológica do indivíduo. Ao longo do desenvolvimento humano, a ansiedade assume formas adaptativas e não adaptativas. Nos primeiros anos e na infância, a ansiedade não adaptativa traduz-se em fobia ao escuro, fobias específicas, fobia à escola e ansiedade de separação (APA, 2002).

A causa dos transtornos ansiosos infantis é muitas vezes desconhecida e provavelmente multifatorial, incluindo fatores hereditários e ambientais diversos. Entre os indivíduos com esses transtornos, o peso relativo dos fatores causais pode variar (Bernstein, Borchardt, & Perwien, 1996).

A ansiedade nas crianças está relacionada com o sentimento de medo e preocupação. A manifestação e a compreensão destes sentimentos possuem diversas peculiaridades quando estes são considerados no âmbito das três primeiras infâncias. Contudo, na infância e na adolescência a única categoria específica de ansiedade nestes períodos é a Perturbação de Ansiedade de Separação, em que os critérios de diagnóstico das perturbações de ansiedade nos adultos podem ser aplicados nestas etapas da vida (APA, 2002).

A investigação da ansiedade na infância tem-se mostrado pertinente, uma vez que os distúrbios de ansiedade são das perturbações psiquiátricas mais comuns na infância, podendo estas serem significativamente limitadoras e perpetuarem-se até à vida adulta. A literatura indica que vários são os aspetos que estão subjacentes a uma perturbação de ansiedade, tais como fatores genéticos, neurobiológicos, vieses e distorções cognitivas, assim como a interação com os cuidadores (Alfano, Beidel, & Turner, 2002). O estudo dos fatores cognitivos realçou a necessidade de analisar o conteúdo dos pensamentos das crianças, quando confrontadas com situações ameaçadoras (Alfano, et al., 2002), tornando-se a questão de investigação principal do presente trabalho. Análises relativamente ao género e idade das crianças também foram contempladas.

Este trabalho utilizou as respostas das crianças ao instrumento «*9 Scripts potentially threatening for anxious children*» (Bögels e Zigterman, 2000) e recorreu à análise de conteúdo como instrumento de análise de dados.

Os principais resultados apontam para uma prevalência de pensamentos negativos, elaborados pelas crianças, quando confrontadas com as situações potencialmente ameaçadoras. Verificou-se uma relação significativa entre a ansiedade e os PNEG elaborados pelas crianças. Relativamente aos conteúdos dos pensamentos, as temáticas pessimismo, dificuldades para lidar com a separação, insegurança, propensão para danos materiais e físicos, perceção exagerada da situação, dificuldade de separação e reconhecimento da situação, preocupação e medos, foram as mais apresentadas pelas crianças como se pode observar na apresentação e discussão dos resultados.

Em termos de exposição do presente trabalho, apresentamos no primeiro ponto o estado da arte de modo a enquadrar teoricamente vários conceitos: desde a ansiedade e a sua prevalência, assim como os diferentes tipos de ansiedade, o medo, a preocupação, as cognições, as perturbações de ansiedade e as estratégias de *coping*. A Ansiedade Generalizada, a Ansiedade de Separação e a Fobia Social constituíram-se como fundamentais para este estudo, uma vez que, de acordo com a literatura estas são as perturbações mais frequentes na infância e adolescência (Castillo, Recondo, Asbahar, & Manfro, 2000). No ponto 2, apresentamos o método onde se descreve o delineamento do estudo, os participantes, o material, o *corpus* e a sua análise e o procedimento.

Nos pontos 3 e 4, apresentamos os resultados e sua discussão com base no enquadramento teórico apresentado na primeira parte deste estudo.

Este estudo é precedido de uma introdução geral e culmina com uma conclusão sobre a investigação “Conteúdo das cognições das crianças perante situações ameaçadoras e diferenças de género”.

Estado da Arte

A ansiedade durante a infância é tida como necessária, normal e uma experiência comum, de modo a que as crianças se adaptem a novas situações ou a situações interpretadas como ameaçadoras, embora a tendência, na sua grande maioria, acabam por desaparecer ao longo do desenvolvimento da criança (Rosen & Schulkin, 1998; Muris & Field, 2008). Os autores defendem que grande parte da ansiedade experienciada na infância é transitória e que varia segundo o estágio de desenvolvimento, caso contrário poderá tornar-se crónica e disfuncional (Rosen & Schulkin, 1998). A ansiedade na infância aumenta o risco de em idade adulta se manifestarem doenças do foro mental, tais como, distúrbios de ansiedade; depressões; abuso de substâncias; fracos resultados académicos e pouca funcionalidade social (Field, Cartwright-Hatton, Reynolds, & Creswell, 2008). Cobham, Dadds e Spence (1998) defendem que sendo a ansiedade uma perturbação que afeta um grande número de crianças por um período de tempo significativo torna-se necessário melhorar a sua compreensão e o seu tratamento.

Muris e Field (2008) referem que em determinadas situações as perturbações de ansiedade persistem. Neste sentido, a ansiedade deixa de ser normal e passa a ser vista como algo “anormal”, podendo mesmo tornar-se numa perturbação psiquiátrica. Verificou-se ainda, que as perturbações de ansiedade têm um grau de prevalência significativa nas doenças psiquiátricas das crianças (Field, et al., 2008; Legerstee, Garnefski, Jellesma, Verhulst, & Utens, 2010).

Através de uma revisão teórica sobre perturbações de ansiedade na infância, Asbahr (2004), explica que mais de 10% das crianças e adolescentes são afetadas por um tipo de distúrbio de ansiedade e, dentro dessa percentagem, 50% irão passar por um episódio depressivo como parte da sua desordem de ansiedade. De acordo com estudos epidemiológicos, cerca de 8 a 12% dos jovens sofrem de perturbações de ansiedade que são suficientemente severas de modo a interferirem no seu funcionamento quotidiano (Bernstein, et al., 1996). Skinner e Zimmer-Gembeck (2007) acrescentam que crianças mais velhas, por comparação a crianças mais novas, recorrem a mais estratégias de resolução de problemas e a mais estratégias de *coping* cognitivas, como a distração, por exemplo, do que crianças mais novas.

De acordo com a análise de diversos estudos, verificou-se que as perturbações de ansiedade são muito prevalentes em crianças e que estas perturbações não só interferem no funcionamento do seu dia-a-dia como podem provocar efeitos negativos na qualidade de vida das mesmas (Simon & Bögels, 2009; Muris & Field, 2008). No estudo de Costello, Mustillo, Erkanli, Keeler e Angold (2003), que contou com a participação de 1420 crianças com idades entre os 9 e os 13 anos, cujo objetivo era avaliar a prevalência e desenvolvimento longitudinal de perturbações psiquiátricas, verificou-se, em primeiro lugar, que a probabilidade de ter uma perturbação psiquiátrica até aos 16 anos é muito maior do que as estimativas prevêem. Em segundo lugar, salientaram que em qualquer momento uma em cada seis crianças terão um transtorno psiquiátrico e, pelo menos, uma em cada três terá um ou mais transtornos psiquiátricos por volta dos 16 anos. Acrescentam ainda que, depois das crianças, especialmente as raparigas, desenvolverem um distúrbio psiquiátrico, a probabilidade de o manter ou desenvolver outro é muito superior à dos rapazes. Os mesmos autores aferiram que, de um modo geral, as perturbações de ansiedade tendem a ser mais prevalentes em meninas do que em meninos, bem como em crianças mais velhas. Em particular, as meninas têm mais probabilidade do que os meninos de relatarem fobias, perturbações de pânico, agorafobia e perturbação de ansiedade de separação.

A literatura salienta que as raparigas apresentam níveis mais elevados de medo e ansiedade do que os rapazes, sendo que as raparigas utilizam estratégias de *coping* focadas na expressão de emoção e procura de apoio social e os rapazes, estratégias focadas no problema e no evitamento. Acredita-se que, de acordo com os autores, as eventuais diferenças entre adolescentes do sexo masculino e feminino são responsáveis pelas diferenças de género esperadas ao nível dos sintomas físicos e psicológicos (Ollendick, King, & Muris, 2002; Wilson, Pritchard & Revalee, 2005; Legerstee, et al., 2010).

Estas diferenças de género nas perturbações de ansiedade são explicadas, essencialmente, por duas correntes diferentes, isto é, uma genética ou biológica e uma segunda referente a experiências e papéis sociais (Lewinsohn, Gotlib, Lewinsohn, Seeley & Allen, 1998).

A causa das perturbações de ansiedade infantil é muitas vezes desconhecida e, provavelmente multifatorial, incluindo diversos fatores hereditários e ambientais (Last, Perrin, Hersen & Kazdin, 1996).

No caso das perturbações de ansiedade não serem bem geridas no estágio inicial e persistirem poderão levar a uma menor propensão, por parte do indivíduo ansioso, a procurar ajuda profissional ganhando uma maior probabilidade de desenvolver perturbações de ansiedade mais graves ou outros distúrbios podendo mesmo tornar-se numa perturbação psiquiátrica (Field, Cartwright-Hatton, Reynolds & Creswell, 2008; Muris & Field, 2008).

A literatura salienta que a ansiedade, os medos e as preocupações são muito comuns na infância e podem ser consideradas como reações face aos diferentes eventos em que a criança se encontra inserida. As perturbações de ansiedade são caracterizadas pela resposta fisiológica de ansiedade que é o principal sintoma, mas também pela apreensão e/ou ruminação e pela preocupação excessiva sobre determinados resultados negativos (Alfano, et al., 2002; APA, 2002; Legerstee, Garnefski, Jellesma, Verhulst, & Utens, 2010). Considerando o diagnóstico de Friedberg e Macclure (2004), as respostas de ansiedade, preocupação e medo podem ser adaptativas quando não são limitadoras relativamente às habilidades do indivíduo para lidar com as questões do dia-a-dia e adequadas à situação que se deseja enfrentar. Mas, pelo contrário, quando estas respostas surgem como limitadoras no que diz respeito a algumas das suas esferas de funcionamento emocional, psicológico, interpessoal, comportamental e cognitivo pode-se, então, apontar para um quadro de ansiedade psicopatológica. Estes autores referem que a esfera emocional é caracterizada por preocupação, medo, pânico, apreensão e irritabilidade. A ansiedade, por sua vez, é mais visível ao nível dos sintomas comportamentais, sendo um dos mais comuns o comportamento evitante. A ansiedade exerce efeitos mais prejudiciais ao nível das esferas interpessoais de funcionamento podendo mesmo prejudicar o seu desempenho e a interação com os outros (Friedberg e Macclure, 2004). Neste sentido, Asbahr (2004), refere que a ansiedade é um estado desagradável de medo, apreensão, que se caracteriza por tensão ou desconforto resultante da antecipação de perigo. A ansiedade e o medo passam a ser patológicos quando são exagerados, isto é, quando são desproporcionais em relação ao estímulo.

A ansiedade é conceptualizada como uma mistura de emoções entre as quais predomina o medo, sendo a fenomenologia da ansiedade mais variável do que a do medo. Esta pode variar consoante as situações desencadeadoras e ao longo do tempo, sendo, por isso, mais difícil de definir (Baptista, Carvalho, & Lory, 2005). Estes autores salientam ainda que, muitas vezes, o medo e a ansiedade são tidos como semelhantes, no entanto, distinguem-se pela presença ou ausência de estímulos desencadeadores externos e por comportamentos de

evitamento. O medo surge devido a um estímulo desencadeador externo evidente que irá levar a um comportamento de evitamento ou fuga, enquanto a ansiedade é o estado emocional sem a presença de desencadeadores claros e que, por isso, não podem ser evitados (Baptista, et al., 2005).

Na perspectiva de Barlow (2002), e tendo em consideração a teoria das emoções, o medo é visto como uma emoção básica, discreta e essencial, que está presente em todas as idades, raças ou espécies e culturas, enquanto que, a ansiedade é um misto de emoções, entres as quais sobressai o medo.

A literatura salienta que a preocupação pode ser um processo independente da ansiedade. A preocupação pode ser adaptativa ou uma tentativa frustrada para lidar com a ameaça ou o perigo. Dependendo da intensidade ou do perigo, a preocupação também pode estar associada com a apreensão ansiosa crónica (Barlow, 2002). O autor sugere ainda que à medida que aumenta a ansiedade e se torna mais crónica, mais preocupação existe até que os níveis patológicos de ambos são atingidos. Neste ponto, a preocupação torna-se num processo incontrolável que irá interferir ao nível do desempenho.

A preocupação é descrita por Muris, Merckelbach, Meesters, e Van den Brand (2002), como uma característica central das perturbações de ansiedade generalizada onde as crianças se preocupam excessivamente com diversas questões, tais como, a escola, a saúde, os danos pessoais, a família, a morte, o que os outros pensam sobre si e outras questões sociais mais amplas, embora a preocupação esteja também presente em vários outros tipos de perturbações, como por exemplo, na perturbação de ansiedade de separação e na fobia social.

Os indivíduos ansiosos são pessimistas em relação à magnitude dos eventos. Em geral, o seu erro de processamento de informação clássico é a catastrofização. Além de superestimar eventos externos, o ansioso subestima a sua capacidade de enfrentamento a respeito de eventos negativos. As pessoas que sofrem de ansiedade acreditam que estão sob ameaça de danos físicos ou sociais (Salkovskis, 2005). O autor refere que a pessoa ansiosa percebe mais sinais de perigo e pode erroneamente interpretar o aumento de ameaças eminentes, aumentando a sua preocupação.

Relativamente à etiologia das distorções cognitivas, alguns autores apresentam diversas discrepâncias. Num trabalho apresentado por Muris e Field (2008), que evidencia a ocorrência de distorções cognitivas em crianças e adolescentes ansiosos, é referido que a origem das distorções cognitivas está relacionada com fatores genéticos, baseados na vulnerabilidade, na

influência ambiental e nas interações gene-ambiente. Estes mesmos autores indicam que outros investigadores, porém, apontam para a ideia de que algumas distorções cognitivas começam a ser vistas como fenómenos normais do desenvolvimento das crianças, sobre os quais estas vão ganhando algum controlo. Caso não se verifique tal controlo, poderá ser um indicativo importante de que existirão problemas de ansiedade. Muris e Field (2008) apresentam uma discussão crítica dos aspetos de desenvolvimento de distorções cognitivas, o seu papel preciso na etiologia e manutenção dos transtornos de ansiedade na infância e a sua relevância para o tratamento deste tipo de psicopatologia, uma vez que a infância é caracterizada pela existência de distorções cognitivas em que a ansiedade é vista como uma emoção adaptativa, sendo esta relevante em circunstâncias de ameaça (Alfano, et al., 2002; Field, et al., 2008; Muris & Field, 2008).

Segundo Kendal, em 1985, muitos são os estudos de crianças ansiosas que definem cognição como pensamentos específicos, por vezes referidos como produtos cognitivos (Kendall, 1985). A importância dos fatores cognitivos ganha, em diferentes estudos, cada vez mais relevância como fatores predominantes na manutenção e tratamento da ansiedade infantil. Esta mesma ideia é defendida por Micco e Ehrenreich (2009) e por Alfano, et al. (2002) que apresentam nos seus estudos os fatores cognitivos como tendo um papel importante na etiologia, manutenção e tratamento das perturbações de ansiedade.

Segundo o modelo explicativo da etiologia e manutenção da ansiedade da teoria cognitiva de Beck, Emery, e Greenberg (1985), existe uma tendência para explicar acontecimentos como ameaçadores, sendo este um dos principais componentes deste modelo. Neste contexto teórico, a ansiedade está relacionada com os enviesamentos cognitivos, que acontecem ao nível da perceção, codificação, interpretação e recolha de informação. Ainda de acordo com esta teoria cognitiva, os distúrbios de ansiedade podem ser diversos e caracterizados por um conteúdo específico de cognição. Os autores teorizaram que existe uma vulnerabilidade cognitiva nos pacientes com ansiedade, ou seja, estes pacientes tendem a interpretar de forma enviesada situações sociais, colocando em causa o seu próprio desempenho. As teorias cognitivas suportam a ideia de que a ansiedade da criança resulta, em parte, da hiperatividade de esquemas organizados em volta das preposições de perigo, vulnerabilidade pessoal e incapacidade de socializar (Beck, et al., 1985). Ainda conforme estes autores, a pessoa que sofre de ansiedade apresenta falhas no processamento cognitivo, apresentando uma tendência para distorcer a avaliação das suas experiências interpessoais.

Mantém pensamentos patologicamente negativos acerca de si mesmo, das suas experiências e do seu futuro; seletivamente procura evidências para reafirmar a sua visão negativa, reforçando as suas crenças e mantendo os sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Os erros sistemáticos do processamento cognitivo levam à manutenção dos pensamentos distorcidos do paciente, apesar das evidências em contrário (Beck, et al., 1985).

Na ótica de Bögels, Van Dongen e Muris (2003), existe cada vez mais um interesse ao nível do papel dos processos cognitivos na ansiedade da infância, mais especificamente sobre a tentativa de saber se as crianças ansiosas apresentam um enviesamento na interpretação de uma ameaça. Os autores salientam que, apesar de não existirem muitos estudos que o comprovem, crianças com perturbações de ansiedade interpretam de forma enviesada situações potencialmente ameaçadoras, embora não seja claro a sua origem e de como ela se mantém.

Bögels e Zigterman (2000) verificaram que as crianças com perturbação de ansiedade apresentam disfunções cognitivas perante situações ambíguas. Os resultados deste estudo indicaram, ainda, que crianças ansiosas estão mais propensas à ameaça e que interpretam os estímulos ambíguos como mais ameaçadores do que as crianças não ansiosas. Neste seguimento, Muris, Jacques, & Mayer (2004) concluíram que existe uma possibilidade da influência negativa das distorções cognitivas apenas acontecerem quando as crianças se confrontam com níveis elevados de perigo.

Num estudo realizado por Field, et al. (2008), verificou-se que a interpretação de acontecimentos negativos por parte das mães estava positivamente relacionada com a ansiedade da criança, e que a interpretação de acontecimentos negativos por parte da criança estava associada à ansiedade das mães. Cartwright-Hatton, Mather, Illingworth, Brocki, Harrington e Wells (2004) verificaram que jovens com diagnóstico de ansiedade apresentaram níveis mais elevados de preocupação em comparação com o grupo sem diagnóstico de ansiedade. Noutra investigação realizada, concluiu-se que as crianças e adolescentes ansiosos mostram atenção enviesada sobre a ameaça na fase de codificação e interpretação da informação (Muris & Field, 2008). Esta ideia também está patente num estudo de Chorpita e Barlow (1998), que sugere que a ansiedade desempenha um papel central ao nível das emoções negativas. Segundo Kendall e Treadwell (2007), as autoafirmações ansiosas estão significativamente relacionadas com a ansiedade na infância e com o seu tratamento.

Após a percepção da importância das cognições em todo este processo, Field, et al. (2008) reforçam a ideia patente na diversa literatura, de que é fundamental conhecer as causas deste problema e o seu desenvolvimento, quer para a tentativa de reverter processos, quer a nível da prevenção. Os autores referem ainda a importância de verificar em que fase do processo de aprendizagem e de que modo se desenvolvem os mecanismos que podem desencadear a ansiedade.

Num estudo comparativo e correlacional, que teve por base a análise da relação entre a ansiedade e as estratégias de *coping*; estudar as diferenças de género e idade em relação à ansiedade e ao *coping*; e propor modelos explicativos de ansiedade e do *coping*, Wilson, et al. (2005) começam por fazer referência às características das crianças no final da infância, período este assinalado por diversas mudanças ao nível físico, cognitivo e ao nível do ajustamento emocional e social, fase esta em que experimentam diferentes estados de stress. Uma das conclusões apresentadas no referido estudo sugere que as crianças, muitas vezes, apresentam diferentes perturbações e ou sintomatologias ansiosas e depressivas devido ao facto de não conseguirem atingir um ajustamento psicossocial saudável, que podem influenciar o seu desenvolvimento e funcionamento individual, familiar, escolar e social.

O *coping* cognitivo é definido por Lazarus e Folkman (1984) como um esforço voluntário para mudar os significados atribuídos, reinterpretando os acontecimentos de forma mais positiva.

Num estudo de Legerstee, et al. (2010), cujo objetivo consistia em investigar as diferenças ao nível da utilização de estratégias de *coping* cognitivo em 131 crianças (53 raparigas e 78 rapazes) diagnosticadas com perturbações de ansiedade específicas e 452 crianças (173 raparigas e 279 rapazes) sem qualquer diagnóstico identificado, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos, os autores verificaram que crianças ansiosas evidenciaram uma maior tendência para a seleção de interpretações ameaçadoras, assim como resultados mais elevados na utilização de estratégias de catastrofização e ruminação e, consequentemente, níveis mais baixos de utilização de estratégias positivas comparativamente às crianças não ansiosas.

Simon e Bögels (2009) realizaram um estudo, que contou com a participação de crianças com idades entre os 8 e os 13 anos, recrutadas em escolas primárias de zonas rurais e urbanas, na parte sul da Holanda, e que teve como objetivo investigar, em estádios iniciais, a importância de se realizar um diagnóstico precoce, de modo a perceber e identificar a prevalência e os efeitos

que a ansiedade poderá ter na qualidade de vida das crianças. Verificaram, ao longo deste estudo que as perturbações de ansiedade são muito prevalentes em crianças e têm efeitos negativos na qualidade de vida das mesmas.

No trabalho realizado por Bögels e Zigterman (2000), os autores verificaram que as crianças que sofrem de ansiedade de separação, fobia social e ansiedade generalizada apresentam um maior número de cognições negativas e disfuncionais. Esta conclusão surgiu a partir de um estudo realizado com dois grupos compostos por 15 crianças com diagnóstico de ansiedade e 15 crianças sem perturbações de ansiedade diagnosticadas. A estes dois grupos foram-lhes apresentados 9 histórias em blocos de 3 (3 situações de preocupações sociais; 3 sobre ansiedade generalizada; e 3 sobre ansiedade de separação). Quando comparados os dois grupos, percebeu-se que as crianças ansiosas apresentam maior número de cognições negativas, mais preocupações ao nível das cognições disfuncionais associadas à separação, às interações sociais e ansiedade generalizada. Neste sentido, estas crianças apresentaram situações de medo excessivo e algum desconforto que tiveram como consequência a diminuição da sua capacidade de enfrentar estes medos, ou seja, dificuldades em reconhecerem as suas capacidades de *coping* para lidar com estas mesmas situações de medo.

A ansiedade de separação, a ansiedade generalizada e a fobia social surgiram num estudo de Castillo, Recondob, Asbahr, & Manfro (2000) como as perturbações mais frequentes na infância. Neste contexto e de acordo com o DSM-IV-TR (APA, 2002) a perturbação de ansiedade de separação nas crianças pode fazer com que estas evitem situações sociais como medo da separação das suas figuras de vinculação, preocupações acerca de se poderem sentir embaraçadas por necessitarem de sair prematuramente e retornarem a casa, ou preocupações acerca da necessidade da presença de um dos pais quando tal já não é apropriado. A ansiedade generalizada, de acordo com o DSM-IV, é caracterizada pela ansiedade e a preocupação (apreensão expectante) exageradas acerca de um conjunto de acontecimentos ou atividades que ocorrem em mais de metade dos dias por um período de pelo menos 6 meses e em que o sujeito tem dificuldade em controlar a preocupação. No que se refere à Fobia Social, a (APA, 2002) descreve-a como o medo acentuado e persistente de situações sociais, ou de desempenho, nas quais o embaraço ou a exposição às situações sociais possam ocorrer, provocando quase invariavelmente uma resposta ansiosa imediata. Apesar de os adolescentes e os adultos com esta perturbação reconhecerem que o seu medo é excessivo ou irracional, isto pode não acontecer com as crianças.

Segundo Graziani (2005), a zona da ansiedade social pode ser ativada por acontecimentos que a alimentam e reforçam podendo a ativação destes mesmos acontecimentos impedir a atividade normal do sujeito. O mesmo autor refere que são frequentemente considerados dois tipos de fobia social: a ansiedade social generalizada, ou seja, o medo de qualquer comunicação ou relação social, e a ansiedade social específica que existe apenas em determinadas situações (eg. medo de falar em público). As fobias sociais utilizam muitos comportamentos de evitamento. As interações sociais podem provocar uma ansiedade antecipatória para além da situacional uma vez que estas são inevitáveis (Graziani, 2005).

O sofrimento de ansiedade social deve-se essencialmente às crenças disfuncionais que levam, os indivíduos a pensar e a crer na existência de uma rejeição como consequência do seu próprio comportamento. Esta antecipação ansiosa reside na ideia de que as pessoas acreditam que estão envolvidos em situações de rejeição e de perda do seu estatuto (Graziani, 2005). A literatura salienta que os fóbicos sociais acreditam que quando integram situações sociais, por um lado, correm o risco de apresentarem comportamentos inaceitáveis e inadaptados e, por outro lado, que estes comportamentos venham a ter consequências negativas no que respeita à perda de importância ou de estatuto, ou mesmo de rejeição. Os fóbicos sociais tendem a interpretar as situações sociais no sentido ameaçador devido a uma série de crenças distorcidas que possuem em relação a si mesmos e à forma como se comportam nos contextos sociais (Gleitman, Fridlund & Reisberg 2007; Graziani 2005).

No que concerne à perturbação de ansiedade generalizada, Graziani (2005) salienta que muitas das características desta perturbação são também descritas ou observadas em outras perturbações de ansiedade e perturbações do humor. O mesmo autor refere ainda que existem sujeitos que sofrem de perturbação obsessivo-compulsiva, apresentando longos períodos de tensão e de preocupações, assim como muitas pessoas que sofrem de depressão. Esta mesma ideia é defendida por Chorpita e Barlow (1998) que apontam para a ideia de que esta apreensão ansiosa poderia corresponder a um fator geral subjacente às perturbações de humor.

Aproximadamente metade dos indivíduos que desenvolvem uma perturbação de ansiedade generalizada descreve o seu começo na infância ou na adolescência. Um dos maiores problemas identificados resultante deste conceito é que as principais características são ainda observadas noutros tipos de perturbações da ansiedade, ou seja, nenhuma das características da perturbação da ansiedade generalizada é específica apenas desta perturbação

(Graziani, 2005). Gleitman, et al. (2007) afirma que a perturbação de ansiedade generalizada não se relaciona com nenhuma coisa em particular, ou seja, é geral ou flutuante embora possa ser extremamente incapacitante.

De acordo com o DSM-IV-TR (APA, 2002), a ansiedade de separação prende-se com as preocupações acerca do bem-estar com os relacionamentos íntimos ou de estar afastado deles ou de casa, enquanto que a ansiedade generalizada tem a ver com as preocupações excessivas acerca das suas competências ou do seu desempenho seja este avaliado, ou não, pelos outros, ao contrário da fobia social que se centra nas situações sociais futuras nas quais o sujeito tem de efetuar um desempenho ou ser avaliado pelos outros.

Muris, Luermans, Merckelbach e Mayer (2000), realizaram um estudo com 105 crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, sendo que 29 destas crianças apresentavam sintomas de um ou mais quadros de ansiedade. Destas crianças, nove reuniam todos os critérios para o diagnóstico de pelo menos uma perturbação de ansiedade, e uma criança preenchia todos os critérios para três quadros clínicos de ansiedade - fobia social, perturbação de ansiedade de separação e perturbação de ansiedade generalizada. As crianças que participaram no estudo foram expostas a histórias ambíguas que diferiam entre si quanto ao seu conteúdo – conteúdo específico de fobia social, de ansiedade de separação, e de ansiedade generalizada. Os autores salientam que, em termos de resultados, na generalidade as crianças interpretaram de forma negativa as situações ambíguas a que foram expostas. No entanto, as crianças com níveis elevados de ansiedade apresentaram uma maior frequência na perceção de ameaça, elevada frequência de interpretações ameaçadoras, mais sentimentos e cognições negativas, e uma maior antecipação de ameaça. Os resultados não permitem porém evidenciar enviesamentos de interpretação específicos para as diferentes situações ambíguas expostas. No entanto, a ansiedade de separação parece ser aquela que apresenta alguma relação entre as interpretações de ameaça e histórias de conteúdo específico a este tipo de ansiedade nas crianças (Muris, et al., 2000)

Utilizando uma metodologia semelhante, Muris, Merckelbach, Schepers, e Meesters (2003) referem no seu estudo, realizado com 156 crianças (67 rapazes e 89 raparigas) entre os 8 e os 13 anos de idade, às quais foi apresentada a descrição de três situações reconhecidas do seu quotidiano. Para cada situação foram apresentadas três versões diferentes da mesma (uma situação ambígua, uma situação ambígua acompanhada de uma resposta de ansiedade, e uma situação não ameaçadora). Os resultados obtidos revelam que histórias ambíguas são

percecionadas como mais ameaçadoras do que histórias não ameaçadoras. Isto significa, segundo os autores, que histórias ambíguas estão altamente associadas a elevadas interpretações de ameaça, avaliações de ameaça, grande frequência de ameaça, sentimentos e cognições negativas, e a uma deteção precoce de ameaça.

Também Muris, et al. (2004) realizaram um estudo com 113 crianças, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, às quais apresentaram um conjunto de 8 gravações, constituídas por 2 histórias de ansiedade social, 2 de ansiedade de separação, 2 de ansiedade generalizada e 2 histórias ameaçadoras. Como resultado deste estudo verificou-se que a ansiedade na infância é acompanhada por anormalidades relativamente à perceção de ameaça, embora estes autores provem que tais distorções cognitivas possuem uma estabilidade temporal moderada. Contrariamente, o papel das distorções de perceção de ameaça na continuação de sintomas psicopatológicos não teve qualquer evidência neste estudo.

As crianças com perturbações de ansiedade apresentam valores mais elevados de utilização de estratégias de catastrofização e ruminação e, conseqüentemente, maiores dificuldades ao nível da reorientação e reavaliação de planeamento de estratégias positivas (Legerstee, et al., 2010). Apesar disso, os autores não encontraram diferenças significativas ao nível das estratégias de *coping* cognitivo entre as crianças com perturbações específicas de ansiedade. Neste mesmo estudo, verificou-se que as crianças com perturbações de ansiedade utilizam mais estratégias de *coping* cognitivo mal adaptativas, como resposta a experiências negativas de vida, do que aquelas que não apresentam perturbações de ansiedade. Ainda nesta perspectiva, Micco e Ehrenreich (2009) fizeram sobressair a validade da *Children's Automatic Thoughts Scale* (CATS), apoiada como uma medida de cognição mal-adaptativa nas crianças, que poderá ser útil para a avaliação de padrões cognitivos associados a doenças comuns na infância e na monitorização das mudanças na cognição durante o tratamento.

Leandro (2004) realizou um estudo sobre a utilização de estratégias de *coping* onde verificou que os adolescentes mais ansiosos recorriam a estas mesmas estratégias, centradas na emoção, como o evitamento e a reavaliação positiva, e que os menos ansiosos utilizavam estratégias mais centradas no problema, como a planificação, a confrontação e o distanciamento. Uma ideia congruente, com esta anteriormente apresentada, é a de Legerstee, et al. (2010) quando defende que a utilização do *coping* é fundamental na regulação e gestão dos estímulos emocionais, do humor, e na redução dos efeitos negativos como resposta a

situações stressantes. Ou seja, atua como mediador e moderador entre o stress e o bem-estar psicológico.

Diversos estudos aferiram que diferentes psicopatologias poderão estar na origem da utilização de estratégias de *coping* inadequadas, isto é, as que não conseguem resolver ou solucionar o problema, aumentando a angústia e a ansiedade perante situações de stress (e.g. Holahan, Moos, & Schaefer, 1996). Neste seguimento, Legerstee, et al. (2010) defende a importância da utilização de estratégias de *coping* como um instrumento valioso para a prevenção e tratamento de problemas de ansiedade na infância, advertindo para o facto de ser essencial existir mais estudos ao nível da intervenção psicoterapêutica sobre a ansiedade na infância, de modo a reunir estratégias de avaliação de *coping* cognitivo. Ao encontro desta ideia vai o estudo de Borges, Manso, Tomé e De Matos (2008) onde se concluiu que deverão existir mais estudos com crianças na tentativa de perceber a relação entre a ansiedade e o *coping*, com o propósito de produzir mais estratégias de prevenção consoante a idade e o género.

A literatura relativa à ansiedade infantil faz referência à necessidade de investigação nesta área de forma a melhorar a sua compreensão e o seu tratamento (Cobham, et al., 1998).

Neste sentido, Alfano, et al. (2002), referem a crescente necessidade de estudar a adequação dos diversos métodos de avaliação numa tentativa de melhorar a compreensão relativamente aos tratamentos destinados a alterar cognições, de crianças com perturbações de ansiedade, com base em processos e conteúdos cognitivos concretos. A ideia anterior é corroborada, segundo os autores, pela existência de resultados contraditórios em estudos sobre a cognição negativa em perturbações de ansiedade consequência, muitas vezes, de diferentes métodos de avaliação.

Field, et al. (2008) reforçam a ideia patente na diversa literatura, referindo a necessidade de se realizar uma investigação mais aprofundada sobre duas áreas de destaque, nomeadamente, a aplicabilidade dos modelos para adultos da perturbação de ansiedade a crianças e o papel dos pais e famílias no desenvolvimento da perturbação de ansiedade em crianças. Relativamente à primeira área, os autores referem que os processos cognitivos implícitos nos modelos para adultos requerem, segundo os autores, processos mentais e representações pouco desenvolvidas em crianças, como por exemplo, a alteração complexa da linguagem. Alguns dos problemas em aplicar os modelos para adultos em crianças passa pela necessidade de saber se os processos cognitivos e emocionais encontrados no adulto ansioso

são de igual forma identificados na criança ansiosa. Estes mesmos autores concluíram que seria importante, para futuras investigações, o desenvolvimento de ferramentas para explorar os processos cognitivos e emocionais adaptados às diferentes faixas etárias.

O estudo de Alfano, et al. (2002) é contraditório relativamente à crença de que as cognições (ou processos cognitivos) precisam ser mudadas a fim de tratar da sintomatologia ansiosa e que as cognições negativas, apesar de referenciadas em diversos estudos, como tendo um papel específico na contribuição da etiologia e manutenção de transtornos de ansiedade na infância não se verificou. Os autores salientam que existem evidências de que a cognição disfuncional existe como um concomitante da ansiedade, permanecendo a possibilidade de surgirem sintomas de ansiedade como resultado de tais distúrbios.

Porém, outros teóricos têm apontado as cognições como moderadoras no desenvolvimento de ansiedade (Chorpita & Barlow, 1998).

Neste sentido, Alfano, et al. (2002), consideraram, no seu estudo, a avaliação de diferentes estratégias que são utilizadas para avaliar cognições em crianças ansiosas e as suas limitações, tais como, questionários cognitivos; métodos de produção de avaliação cognitiva; e comparação de métodos de avaliação cognitiva. Apesar de, nesse estudo, os autores concluírem que muitas das descobertas sobre os aspetos cognitivos de ansiedade infantil serem ainda um pouco confusas, estas não deixam de ser importantes para futuras pesquisas nesta área. Torna-se, então, evidente, nesse estudo, a necessidade de criar algumas definições específicas e em concordância, quer para as cognições, quer para a pesquisa dos diferentes métodos de avaliação relacionados com o conteúdo e os processos cognitivos que não devem ser analisados separadamente. Considerou-se também essencial ter em consideração, nesse processo, a compreensão emocional, vista como um conceito importante para a avaliação da cognição. Concluiu-se ainda que, apesar de existir uma certa vulnerabilidade cognitiva específica, podendo esta estar, de alguma forma, a contribuir para a existência de distúrbios de ansiedade, esta não poderá deixar de ser vista como uma variável moderadora, onde o desenvolvimento do indivíduo pode sofrer determinadas influências ambientais consoante o contexto ou situação social em que este se encontra inserido. Os autores explicam também que, neste estudo, muitas das questões básicas sobre o papel da cognição nas perturbações de ansiedade na infância permanecem sem solução e, nesse sentido, salienta o interesse do trabalho e investigação nessa área (Alfano, et al., 2002). Este autor acentua a necessidade e a importância de estudar e perceber o conteúdo das cognições. Muris e Field (2008) reforçam a

ideia anterior referindo a importância de continuar a investigar as distorções cognitivas, essencialmente no que concerne aos problemas de ansiedade na infância. Assim, e considerando a necessidade descrita pelos vários autores referidos neste trabalho, o presente estudo tem como objetivo analisar o conteúdo dos pensamentos das crianças, quando confrontados com situações potencialmente ameaçadoras. O estudo de diferenças de género e idade das crianças foi também contemplado neste trabalho.

Método

Uma vez que este estudo faz parte de um projeto da responsabilidade da Dra. Filomena Valadão Dias, Professor Doutor João Marôco e Professora Doutora Isabel Leal, foram-nos cedidos os materiais, já recolhidos, a partir dos quais elaboramos o presente trabalho. Este conjunto de materiais consistiu em 765 histórias narradas por 85 crianças e pelos resultados do questionário SCARED-R.

Assim sendo, as autorizações e recolha não foram executadas por nós e não são da nossa responsabilidade.

Delineamento do Estudo

O tipo de estudo utilizado para esta investigação, foi o estudo exploratório que partiu de um modelo teórico, como forma de recolher informação que permitisse formular hipóteses, e que utiliza como instrumento de análise a análise de conteúdo. Também se recorreu ao método de investigação quantitativo utilizando um estudo correlacional de modo a averiguar como se relaciona a ansiedade com aspetos que se suspeita serem fatores de risco para essa doença, numa mesma população (Pais Ribeiro, 1999) e comparativo uma vez que se procedeu à análise das diferenças de género.

Participantes

As 85 crianças participantes residem na ilha da Terceira, sendo que 49 (57,6%) são do sexo feminino e 36 (42,4%) do sexo masculino (v.d. Anexo A), com idades compreendidas entre os 10 (23,5%) e os 11 anos (76,5%) (v.d. Anexo A). A escolha de uma faixa etária restrita teve como objetivo minimizar possíveis influências desenvolvimentais das crianças nos resultados do estudo e assim permitir uma análise mais fiável das variáveis em estudo, pois de acordo com Ollendick, Yule e Ollier (1991) os medos mudam ao longo da infância. A maioria (63,5%) das crianças frequenta o 5.º ano do 2.º Ciclo do ensino básico.

Material

Os dados utilizados neste trabalho foram coletados através dos seguintes instrumentos: o questionário sociodemográfico (v.d. Anexo B), a Escala “ Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders (SCARED-R)” versão revista de Muris, Merckelbach, Shmidt, e Mayer (1999) (v.d. Anexo C) e o instrumento “9 Scripts Potentially Threatening for Anxious

Children” de Bögels e Zigterman (2000) (v.d. Anexo D). Estes instrumentos permitiram fornecer os dados para a constituição do *corpus*. Os instrumentos, não aferidos para a população portuguesa, foram sujeitos ao processo de tradução retroversão de forma a poderem ser utilizados na população do estudo.

O questionário sociodemográfico permitiu aceder a variáveis de caracterização das crianças, tais como, sexo; idade; atividades extracurriculares; ano letivo; apoio psicológico.

A versão revista do «Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders» (SCARED-R) é um questionário de auto relato que mede os sintomas de perturbações de ansiedade nas crianças, descritos no DSM-IV (Muris et al., 1999). É constituído por 66 itens divididos por 9 subescalas descritas segundo o DSM-IV: perturbação de pânico; perturbação de ansiedade de separação (incluindo fobia escolar); perturbação de ansiedade generalizada; fobia social; fobia animal; fobia de situações relativas ao meio ambiente; fobia de sangue-injeções-ferimentos; perturbação obsessivo-compulsiva e perturbação de *stress* pós traumático. O estudo das qualidades psicométricas deste instrumento para a população em estudo (crianças de 10 e 11 anos, residentes na ilha Terceira-Açores) está a ser desenvolvido pelo grupo de trabalho do projeto da responsabilidade da Dra. Filomena Valadão Dias, Professor Doutor João Marôco e Professora Doutora Isabel Leal, sendo que os investigadores facultaram as informações necessárias, para o uso dos dados do instrumento na população do presente trabalho. Assim, e tendo em consideração as informações referidas anteriormente, o SCARED-R foi utilizado numa versão de 32 itens, divididos por 5 subescalas: ansiedade generalizada (itens 8, 11, 21, 38, 41, 49, 55, 57, 59); ansiedade de separação (itens 7, 19, 29, 36, 45, 50, 52); fobia social (itens 4, 15, 47, 53); fobia escolar (itens 3, 30, 58); perturbação de pânico (itens 1, 9, 14, 18, 27, 32, 35, 40, 44, 48, 51, 56, 60).

A resposta aos 32 itens (afirmações que referem medos e ansiedade) é dada através da frequência com que a criança tem o sintoma, variando entre *quase nunca* (cotada com 0 pontos), *às vezes* (cotada com 1 ponto) e *muitas vezes* (cotada com 2 pontos). A soma dos valores de cada item dá-nos o *score* total, que poderá atingir o máximo de 64 pontos. Não existem valores normativos para a escala (Muris, et al., 1999).

O instrumento «9 Scripts Potentially Threatening for Anxious Children» desenvolvido por Bögels e Zigterman (2000) é constituído por 9 histórias, três referentes a situações de separação, três referentes a situações sociais e três referentes a situações de ansiedade generalizada. Foram desenvolvidas uma versão masculina e uma versão feminina com a

finalidade de maximizar a identificação. No final de cada história, são colocadas duas perguntas à criança “O que pensaria se estivesse nesta situação?”, que implica uma resposta livre baseada em cognições e “O que é que farias nesta situação?”, que implica a elaboração de planos de ação.

Como instrumento de análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo.

Corpus

O *corpus* “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1979, p. 96). A constituição do *corpus* não é desprovida de regras, segundo o autor obedece a quatro regras: regra da exaustividade, da representatividade, da homogeneidade e da pertinência.

A regra da exaustividade refere “uma vez definido o campo do *corpus* (...) é preciso terem-se em conta todos os elementos desse *corpus* (...) não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta ou por aquela razão” (Bardin, 1979, p. 97), o que implica, neste caso, que não podem ser excluídos os pensamentos das crianças, sejam estes positivos, negativos ou neutros.

A regra da representatividade implica o uso de uma amostra que seja representativa da população, embora este critério não tenha sido cumprido no presente trabalho.

A regra da homogeneidade refere que “os documentos retidos (...) devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha” (Bardin, 1979, p. 97).

Por último, a regra da pertinência diz que “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (Bardin, 1979, p. 98), para tal, foram utilizados documentos de análise adequados, enquanto fonte de informação, aos objetivos do estudo.

Análise do Corpus

Em primeiro lugar, realizou-se uma leitura do artigo de Cacioppo e Petty (1981), *Social Psychological Procedures for Cognitive Response Assessment: The Thought Listing Technique*. De acordo com a leitura efetuada e o nosso instrumento, procedeu-se a uma pré-definição das valências positivas, negativas e neutras.

O procedimento seguinte prendeu-se com o levantamento das respostas das primeiras quinze famílias que constituíram o material de treino deste estudo que possibilitou dar início à análise de conteúdo de modo a especificar as categorias a partir das definições de Cacioppo e Petty (1981) que referem a classificação das cognições de acordo com três tipos de valência, a positiva, a negativa ou a neutra.

De seguida, procedeu-se à discussão por parte dos avaliadores, de modo a obter resultados consensuais no que diz respeito à especificação das categorias, mediante o nosso instrumento de trabalho, ou seja, as nove histórias. Após a realização do material de treino e especificação das categorias, deu-se início à cotação independente de outras 15 famílias.

Para a introdução dos dados resultantes das 15 famílias de treino foi facultada uma base de dados SPSS, na qual se registaram todas as cotações e, posteriormente, criou-se uma nova base no SPSS onde se registaram as outras 15 famílias, sendo estas cotadas individualmente por quatro avaliadores independentes com o intuito de se analisar a concordância entre os mesmos.

É fundamental referir que os dados das histórias para análise, facultados para este estudo, compreendiam as respostas das crianças à questão “O que pensaria se estivesse nesta situação?”, relativamente a 9 histórias (três referentes a situações de separação, três referentes a situações sociais e três referentes a situações de ansiedade generalizada).

Para que se possa recolher informações válidas é necessário recorrer a técnicas e instrumentos fundamentais que dêem resposta à problemática em questão, dando credibilidade e fidedignidade a todo o trabalho de investigação. Deste modo, este estudo baseou-se numa abordagem qualitativa e na triangulação dos dados, realizada através de métodos e técnicas que nos permitiram testar os resultados da investigação (Bogdan & Biklen, 1994)

“Em educação, a investigação qualitativa é frequentemente designada por naturalista, porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 17).

Daí que, este tipo de abordagem é de inspiração etnográfica, uma vez que esta expressão é igualmente aplicada, segundo os mesmos autores, a este tipo de abordagem. Enquanto alguns autores a utilizam num sentido formal, para se referirem a uma categoria particular de investigação qualitativa, àquela a que a maioria dos antropólogos se dedica e que tem como

objetivo a descrição da cultura, ela também é utilizada de forma mais genérica – algumas vezes sinónimo – da investigação qualitativa (Bogdan & Biklen, 1994).

Com uma incidência predominante nos aspetos simbólicos e culturais da ação dos atores, estas investigações buscam o relato dos “mundos vividos” para encontrarem “pautas interpretativas” que permitam ir além da descrição superficial – uma descrição mais profunda.

A expressão “investigação qualitativa” tem sido utilizada, segundo Bogdan e Biklen (1994), como um termo genérico que reúne diversas estratégias de investigação partilhando determinadas características. Este tipo de abordagem permite recolher dados ricos em pormenores descritivos relativamente à população e ao local onde se desenvolve o estudo. Esta abordagem qualitativa não é utilizada como forma de responder a questões prévias ou de testar hipóteses, mas sim para uma melhor compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva dos sujeitos da investigação, ou seja, a recolha dos dados é realizada, normalmente, em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais. Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra. Os autores referem, ainda, que “toda a investigação se baseia numa orientação teórica. (...) A teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 54).

O objetivo principal do investigador é o de construir conhecimento e não o de dar opiniões sobre determinado contexto. A utilidade de determinado estudo é a capacidade que tem de gerar teoria, descrição ou compreensão, embora nem todos os investigadores qualitativos partilhem o mesmo objetivo (Bogdan & Biklen, 1994).

Para a realização deste estudo, sentiu-se a necessidade de recorrer à análise de conteúdo de forma a passar da descrição à interpretação do discurso dos atores, contido no instrumento “*9 Scripts Potentially Threatening for Anxious Children*”.

O recurso à análise de conteúdo, tal como afirma Quivy e Campenhoudt (1992), implica a aplicação de processos técnicos relativamente precisos (e.g. o cálculo das frequências relativas ou das ocorrências dos termos utilizados). Os autores salientam que apenas a utilização de métodos construídos e estáveis podem possibilitar ao investigador realizar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações.

A análise de conteúdo é definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42). O autor refere que o objetivo da análise de conteúdo prende-se com a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou, eventualmente, de recepção, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). Bardin (2004) salienta que a análise de conteúdo é a organização da análise, a codificação centrada no conteúdo orientada para a identificação de temas, a categorização, a inferência e a interpretação.

Quivy e Campenhoudt (1992) referem que a análise de conteúdo desempenha um papel fundamental, uma vez que oferece a oportunidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um determinado grau de profundidade e de complexidade permitindo ainda satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis.

A organização da análise, ou a pré-análise, tem como objetivo a constituição do *corpus* do estudo, efetuando-se, num primeiro momento, uma “leitura flutuante” com a finalidade de seleccionar o material de acordo com critérios de exaustividade, de representatividade, de homogeneidade e de pertinência. A análise de conteúdo é definida ainda como uma “técnica utilizada para a realização de inferências replicáveis e válidas, a partir de informação, para o seu contexto” (Krippendorff, 1980, p. 21).

A finalidade da análise de conteúdo prende-se com o facto de efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, acerca das mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas, ou seja, os dados de que dispõe o investigador já estão dissociados da fonte e das condições gerais em que foram apresentados. Assim, o investigador vai colocar estes mesmos dados num novo contexto que é construído e sustentado nos objetivos e no objeto da pesquisa (Vala, 1986). Para se proceder a inferências a partir dos dados, o investigador tem necessidade de recorrer a um sistema de conceitos analíticos cuja articulação permite a formulação de regras de inferência. Assim, pode dizer-se que se trata, segundo (Vala, 1986, p. 104):

de uma desmontagem de um discurso e da produção de um novo discurso através de um processo de localização-atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise (Vala, 1986).

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) este método apresenta também algumas desvantagens, uma vez que, se a análise de conteúdo, globalmente considerada, oferece um campo de aplicação extremamente vasto, o mesmo não acontece com cada um dos métodos particulares, alguns dos quais têm um campo de aplicação muito reduzido. Os autores salientam que, na realidade, não existe um método, mas vários métodos de análise de conteúdo.

Depois, dar-se-á início à exploração de todo o material, isto é, definição e organização do processo de codificação, processo através do qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo (Bardin, 2004). O autor salienta ainda que se pretende não só transformar os dados brutos através de recorte, mas também atingir uma representação do conteúdo, permitindo esclarecer o analista acerca das características do texto.

Para dar início ao processo de codificação, será fundamental, segundo Cacciopo e Petty (1981) definir três aspetos, ou seja, a escolha das unidades de registo, as regras de contagem e as categorias. Há que salientar ainda que, qualquer plano de análise de conteúdo pressupõe a elaboração de um conjunto de procedimentos de forma a assegurar a sua fidedignidade.

A definição de categorias exige que se proceda a uma categorização que, neste trabalho, foi realizada de acordo com as definições de Cacciopo e Petty (1981) que referem a classificação das cognições de acordo com a valência positiva, negativa ou neutra.

As categorias são os elementos chave do código do investigador e, por isso, há uma necessidade de tratar todo o material existente, ou seja, codificá-lo através de um processo de correspondência a uma transformação dos dados brutos do texto, permitindo atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão, a partir de um conjunto de regras precisas que implicam o recorte, a agregação e a enumeração de forma a esclarecer o analista sobre as características do texto (Bardin, 1977). Neste sentido, a categorização é descrita, segundo Vala (1986), como uma tarefa que realizamos no nosso quotidiano com a finalidade de reduzir a complexidade do meio ambiente, de modo a estabilizá-lo, a identificá-lo, a ordená-lo ou a atribuir-lhe significado. A prática da análise de conteúdo baseia-se nesta simples operação do nosso quotidiano, numa tentativa de simplificar para potenciar a apreensão e, se possível, a explicação”. Bardin (1977, p. 117) descreve categorização como:

uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (Bardin, 1977).

Depois de construídas, as categorias de análise de conteúdo, Bardin (1977) refere que estas devem ser sujeitas a um teste de validade interna, isto é, o investigador tenta procurar assegurar-se da sua exaustividade e exclusividade.

A unidade de registo é o segmento de conteúdo que se caracteriza colocando-o numa determinada categoria e, em que mais uma vez, são os objetivos e a problemática teórica que orientam a pesquisa que devem determinar a natureza das unidades a utilizar, a unidade de contexto, por sua vez, é o segmento mais largo de conteúdo que o investigador analisa quando caracteriza uma unidade de registo. A dimensão desta unidade de contexto deriva do tipo de unidade de registo que se escolheu (Vala, 1986). O autor salienta que a unidade de enumeração é aquela em que se contam as unidades de registo. De uma forma geral a importância de uma unidade de registo é tanto maior quanto maior for a sua frequência. É importante referir ainda que uma unidade de registo se transforma numa unidade de sentido, na medida em que vai encerrar o significado que os atores atribuem a determinados conceitos e práticas (Vala, 1986).

O método de investigação quantitativo utilizado será o estudo correlacional de modo a averiguar o modo como a ansiedade nas crianças se relaciona com os pensamentos positivos, negativos e neutros das mesmas.

Foram criadas subcategorias de forma a aceder ao conteúdo dos pensamentos das crianças, a partir das observações verificadas dando-se, assim, continuidade à análise qualitativa através da utilização do instrumento de análise de conteúdo.

Dentro deste âmbito, foi produzida uma grelha categorial onde irão constar as pré-categorias, categorias e subcategorias que nos permitirão descrever e compreender a realidade observada e reconstruir, pela interpretação, o significado pelos sujeitos interpretados (v.d. Anexo E). De seguida, procedeu-se à codificação total das histórias referentes à criança (v.d. Anexo F em CD).

É importante ressaltar ainda que, durante este estudo existiu a preocupação de realizar uma interpretação cuidada, relativamente ao facto de se tratar de uma amostra pertencente a uma ilha dos Açores, cujo algum do vocabulário utilizado é específico desta ilha, de modo a salvaguardar a sua autenticidade.

Procedimento

O presente trabalho está integrado num projeto de doutoramento desenvolvido na Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde, sobre a influência da ansiedade parental na ansiedade infantil, da responsabilidade da doutoranda Dra. Filomena Dias, Professora Doutora Isabel Leal e Professor Doutor João Marôco.

Na concretização deste estudo desenvolveu-se, inicialmente, uma revisão bibliográfica de investigações e trabalhos prévios realizados, referentes às variáveis em estudo, no âmbito da ansiedade infantil. De seguida, foi facultada uma base de dados através do programa Statistical Package for the Social Sciences (SPSS – versão 19) com os dados sociodemográficos e os resultados da SCARED-R introduzidos, posteriormente prosseguiu-se com a análise qualitativa através da análise de conteúdo, seguindo-se a inserção dos dados relativos às histórias analisadas. A partir desta base de dados procedeu-se à análise quantitativa das variáveis em estudo (v.d. Anexo G em CD)

Neste sentido, recorreu-se à estatística descritiva, que permite perceber a forma como se distribuem os valores observados para todas as categorias em estudo apresentando, para as variáveis de caracterização, tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas e, para as variáveis quantitativas, tabelas de frequências e das estatísticas consideradas relevantes, tais como, os valores médios; os valores do desvio padrão que representam a dispersão absoluta; o coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa; os valores mínimos e máximos observados; e os gráficos ilustrativos dos valores médios. Para averiguar se as diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população, foi necessário recorrer ao coeficiente de correlação - Pearson e Spearman. O valor de 5% é um valor de referência utilizado nas Ciências Sociais para testar hipóteses, significa que estabelecemos a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%. Recorreu-se também aos intervalos de confiança que são determinados com um grau de confiança de 95%. Este instrumento da inferência estatística permite inferir sobre os intervalos de valores que se observam para a

população, a partir de dados da amostra e também averiguar se diferenças observadas na amostra são estatisticamente significantes, ou seja, se as conclusões da amostra se podem inferir para a população. Para realizar o cruzamento entre as variáveis quantitativas e a variável qualitativa nominal dicotômica utilizou-se o teste paramétrico *t*-Student, por forma a verificar a significância das diferenças entre os valores médios observados para ambos os grupos da variável nominal dicotômica. Salienta-se o fato de, no nosso trabalho, se ter verificado a existência de um desvio à normalidade, embora esse não tenha sido severo, pelo que se pode utilizar o teste *t*-student, uma vez que os testes paramétricos são mais robustos (Marôco, 2010).

Procedeu-se também à análise da consistência interna da escala SCARED-R e das suas dimensões utilizando uma escala ordinal do tipo *Likert* com três categorias (de “0” a “2”) entre “quase nunca” e “muitas vezes”. Para tal, recorreu-se ao modelo mais utilizado nas Ciências Sociais, α de Cronbach, de modo a proceder à verificação da consistência interna. O α de Cronbach mede a fidelidade ou consistência interna de respostas a um conjunto de variáveis correlacionadas entre si, ou seja, como um conjunto de variáveis representam uma determinada dimensão. Quando os dados tiverem uma estrutura multidimensional, o α de Cronbach será baixo. Tecnicamente, o α de Cronbach não é um teste estatístico - é um coeficiente de fidelidade (ou consistência). Por fim, realizou-se uma análise de inferência estatística, de modo a efetuar o estudo dos objetivos.

Após a obtenção de todos os dados, procedeu-se ao seu estudo através de uma análise qualitativa, recorrendo à análise de conteúdo. Inicialmente, como indicado por Bardin (1977) realizou-se uma “leitura flutuante” dos documentos constitutivos do *corpus*, de modo a obter uma maior familiarização com os mesmos e para proceder ao levantamento de temáticas gerais e impressões que fossem relevantes para a análise.

Seguidamente, procedeu-se à formação da grelha categorial onde foram criadas as pré-categorias, as categorias e as subcategorias adaptadas ao estudo em causa, de modo a cumprir os critérios necessários para a sua validade e fidelidade. Relativamente às categorias, as respostas foram examinadas através da análise de conteúdo e classificadas em Pensamentos Positivos (PP), Pensamentos Neutros (PN) e Pensamentos Negativos (PNEG), de acordo com as definições de Cacioppo e Petty (1981). Estas três categorias foram avaliadas por 4 investigadores independentes, que foram altamente concordantes na sua identificação em cada uma das 9 histórias ($K = 0.90$; $CI\ 95\%]0.757;1[$ (King, 2004). No que se refere às

subcategorias, os conteúdos dos pensamentos foram analisados e agrupados em subcategorias, permitindo aceder ao tipo de temáticas presentes nos pensamentos das crianças. As subcategorias de cada história foram analisadas por 4 investigadores independentes sendo observada uma consistência interna dos avaliadores que foi avaliada pelo coeficiente de correlação intraclassas (*ICC*) para todas as subcategorias e todos os sujeitos tendo-se observado um *ICC* de 0.998 (*IC* 95%]0.998; 0.999[(King, 2004).

Há que salientar que nem todos os elementos das histórias foram codificados, uma vez que surgiram aqueles que não eram codificáveis, o que conduziu à exclusão de certas partes que eram, por exemplo, casos em que as crianças divagavam ou que apresentavam comentários sem qualquer informação cotável (v.d. Anexo F em CD).

Assim procedeu-se a um tratamento e interpretação dos resultados tendo sempre em vista o problema de investigação.

Depois de termos à nossa disposição resultados significativos e fiéis, foi possível então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Para que tal fosse possível, realizou-se uma análise qualitativa através da análise de conteúdo, seguindo-se a inserção dos dados relativos às histórias analisadas, prosseguindo-se com a análise quantitativa utilizando tabelas de frequências absolutas das pré-categorias e subcategorias. A partir destas, foi possível estabelecer uma análise frequencial dos resultados, apresentados posteriormente e respetiva discussão.

É importante referir ainda que este processo procurou, sempre, garantir uma circularidade interna, isto é, uma coerência entre o “*corpus* teórico” e o “*corpus* de análise”.

Resultados

Seguidamente serão apresentados os resultados considerando as ocorrências das unidades de registo (u.r.) nas variáveis pré-categorias, categorias e subcategorias que se encontram definidas em Anexo (v.d. Anexo H).

Apresenta-se na tabela seguinte as ocorrências das u.r. relativas às pré-categorias.

Tabela 1.

Ocorrências das u.r. nas pré-categorias

Pré-categorias	Σ de u.r.
A (Ansiedade Generalizada)	301
B (Ansiedade Separação)	246
C (Fobia Social)	226
D (Ansiedade Generalizada)	226
E (Ansiedade Separação)	300
F (Fobia Social)	179
G (Ansiedade Generalizada)	242
H (Ansiedade Separação)	261
I (Fobia Social)	199
Total	2180

Nota. u.r. unidades de registo

Como se pode observar, a pré-categoria com maior ocorrência de u.r. é a A (301 u.r.), referente à primeira história que remete para a Ansiedade Generalizada, ao contrário da pré-categoria F referente à sexta história que remete para a Fobia Social, apresentando um número de ocorrências mais baixo, sendo este inferior a todas as outras pré-categorias (F = 179 u.r.). Desta forma é de destacar os números extremos das pré-categorias A (301 u.r.) e F (179 u.r.).

Pode, neste ponto e após a observação destes dados, referir-se alguns aspetos mais evidentes, tais como o valor total das pré-categorias referentes à Ansiedade de Separação (B; E; H = 807 u.r.) que é superior às relativas à Ansiedade Generalizada (A; D; G = 769 u.r.) e à fobia social (C; F; I = 604 u.r.) sendo que esta última apresenta sempre valores inferiores às restantes pré-categorias apresentadas.

No que concerne às categorias, surge, tal como nas pré-categorias, uma discrepância entre o número de ocorrências, como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 2.

Ocorrências das u.r. nas categorias

Pré-categorias	Σ de u.r.
A1 (Pensamentos Positivos)	89
A2 (Pensamentos Neutros)	3
A3 (Pensamentos Negativos)	209
B1 (Pensamentos Positivos)	126
B2 (Pensamentos Neutros)	13
B3 (Pensamentos Negativos)	107
C1 (Pensamentos Positivos)	115
C2 (Pensamentos Neutros)	9
C3 (Pensamentos Negativos)	102
D1 (Pensamentos Positivos)	67
D2 (Pensamentos Neutros)	8
D3 (Pensamentos Negativos)	151
E1 (Pensamentos Positivos)	108
E2 (Pensamentos Neutros)	12
E3 (Pensamentos Negativos)	180
F1 (Pensamentos Positivos)	110
F2 (Pensamentos Neutros)	21
F3 (Pensamentos Negativos)	48
G1 (Pensamentos Positivos)	76
G2 (Pensamentos Neutros)	9
G3 (Pensamentos Negativos)	157
H1 (Pensamentos Positivos)	84
H2 (Pensamentos Neutros)	16
H3 (Pensamentos Negativos)	161
I1 (Pensamentos Positivos)	70
I2 (Pensamentos Neutros)	5
I3 (Pensamentos Negativos)	124
Total	2180

As variações nas ocorrências de u.r. nas diversas categorias podem ser apresentadas em grupos, com base nos valores totais e comparativamente com as restantes categorias.

Deste modo, pode observar-se, de uma forma geral, que se destacam, por um lado, as categorias mais extremas por apresentarem valores tão distintos das restantes onde podemos incluir a maioria dos PNEG (6 de 9 categorias) e, por outro lado, as categorias com valores

muito baixos, uma vez que são todas as referentes ao PN (9 de 27 categorias). A salientar ainda que sempre que os PNEG são muito elevados (A3, D3, E3, G3, H3 e I3) verifica-se uma grande discrepância relativamente aos PP correspondentes (A1, D1, E1, G1, H1 e I1), ou seja, referentes às mesmas histórias e ainda mais evidente quando comparados com os PN. Podemos encontrar o oposto no que se refere à quinta história, onde os PP são elevados (F1 = 110 u.r.) ao contrário dos PNEG na mesma história (F3 = 48 u.r.) que são mais baixos.

Deste modo, verificou-se que apenas três (B1, C1 e F1) das nove histórias apresentaram PP superiores aos PNEG.

Neste sentido, podemos referir, de um modo geral, que na soma total das u.r. respeitantes às categorias dos PP (A1; D1; G1 = 232 e B1; E1; H1 = 318) e dos PN (A2; D2; G2 = 20 e B2; E2; H2 = 41) referentes às pré-categorias de Ansiedade Generalizada e Ansiedade de Separação estes apresentam valores muito inferiores relativamente às categorias dos PNEG (A3; D3; G3 = 517 e B3; E3; H3 = 448). É igualmente importante salientar que no que diz respeito à pré-categoria de Fobia Social a situação inverte-se, na medida em que os valores das ocorrências das u.r. dos PP (C1; F1; I1 = 295) são ligeiramente superiores aos dos PNEG (C3; F3; I3 = 274) e muito superiores aos PN (C2; F2; I2 = 35) (v.d. Anexo I).

Uma vez que os valores dos PN apresentaram uma reduzida frequência em todas as pré-categorias e que o objetivo do nosso trabalho se prendia com os conteúdos dos pensamentos, não serão utilizados para futuras comparações neste estudo os PN, na medida em que estes não apresentam conteúdo para além dos descritos nas histórias.

Seguidamente, podemos comparar a AG, a AS e a FS, apresentando os intervalos de confiança (IC a 95%) para cada uma delas e para os dois tipos de pensamentos (Positivos e Negativos).

Tabela 3

Intervalos de confiança para a Ansiedade Generalizada, de Separação e Fobia Social

	IC a 95%		
	M	LI	LS
AG - Ansiedade Generalizada	0,42	0,38	0,45
AG - Pensamentos Positivos	0,30	0,26	0,34
AG - Pensamentos Negativos	0,50	0,45	0,56
AS - Ansiedade Separação	0,43	0,40	0,46
AS - Pensamentos Positivos	0,34	0,30	0,38
AS - Pensamentos Negativos	0,52	0,45	0,60
FS - Fobia Social	0,35	0,32	0,39
FS - Pensamentos Positivos	0,38	0,33	0,44
FS - Pensamentos Negativos	0,32	0,27	0,38

Nota. IC = Intervalo de Confiança

Por exemplo, comparando o IC a 95% para a AS de [0,40, 0,46] com o IC a 95% para a FS de [0,32, 0,39], não existe sobreposição e conclui-se que a AS é superior à FS. Outro exemplo, comparando o IC a 95% para a AG de [0,38, 0,45] com o IC a 95% para a AS de [0,40, 0,46], existe sobreposição, e não se pode concluir que a AG seja diferente da AS. Ou seja, verificou-se que AG não apresenta uma média significativamente diferente da AS nem da FS; já a AS apresenta valores superiores à FS. Relativamente à AG e à AS, os PNEG são superiores aos PP, já para a FS os PP não são significativamente diferentes dos PNEG.

No que se refere à relação entre a Ansiedade Generalizada e os PNEG pelas crianças verificou-se que existe uma relação estatisticamente significativa. A variável de AG correlaciona-se de forma positiva e forte com a variável AG - PNEG, tal como se pode comprovar na tabela que se segue.

Tabela 4

Correlações de AG - Ansiedade Generalizada com AG - Pensamentos Negativos

	N = 85	AG - Pensamentos Negativos
AG - Ansiedade Generalizada	Coef. Correlação	,834(**)
	Valor de prova	,000

Nota. ** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01

Relativamente às correlações de AS com AS - PNEG, verificou-se uma relação estatisticamente significativa. A variável AS correlaciona-se de forma positiva e forte com a variável AS - PNEG, tal como se apresenta na tabela que se segue.

Tabela 5

Correlações de AS - Ansiedade Separação com AS - Pensamentos Negativos

	N = 85	AS - Pensamentos Negativos
AS - Ansiedade Separação	Coef. Correlação	,805(**)
	Valor de prova	,000

Nota. ** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

No que concerne às correlações de FS com FS – PNEG observou-se uma relação estatisticamente significativa. A variável FS correlaciona-se de forma positiva e forte com a variável FS - PNEG, tal como se pode verificar na tabela que se segue.

Tabela 6

Correlações de FS - Fobia Social com FS - Pensamentos Negativos

	N = 85	FS - Pensamentos Negativos
FS - Fobia Social	Coef. Correlação	,676(**)
	Valor de prova	,000

Nota. ** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Posteriormente, realizou-se uma análise da relação entre a AG, a AS e a FS e os PNEG. Neste sentido, foi possível observar que existe uma relação estatisticamente significativa de AG com AS, de AG com FS e de AS com FS. Todas as correlações são positivas e fortes. O coeficiente de correlação é superior para a relação entre AS com FS depois para a relação entre AG com FS, e inferior para a relação entre AG com AS, tal como se pode verificar na tabela seguinte.

Tabela 7

Correlações de AG - Ansiedade Generalizada, AS - Ansiedade Separação e FS - Fobia Social

	N = 85	AS - Ansiedade Separação	FS - Fobia Social
AG - Ansiedade Generalizada	Coef. Correlação	,564(**)	,632(**)
	Valor de prova	,000	,000
AS - Ansiedade Separação	Coef. Correlação		,656(**)
	Valor de prova		,000

Nota. ** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01

Verificou-se ainda uma relação estatisticamente significativa de AG com todos os PNEG, exceto AS - PP; a relação também é estatisticamente significativa entre AS e todos os PP e PNEG, exceto AG - PP; verificou-se também uma relação estatisticamente significativa de FS com todos os PP e PNEG, exceto AG - PP e AS - . Todas as correlações são positivas e fortes tal como consta na tabela seguinte.

Tabela 8

Correlações de AG, AS e FS com todos os tipos de pensamentos negativos

	N = 85	AG - PNEG	AS - PNEG	FS - PNEG
AG - Ansiedade Generalizada	Coef. Correlação	,834(**)	,472(**)	,403(**)
	Valor de prova	,000	,000	,000
AS - Ansiedade Separação	Coef. Correlação	,558(**)	,805(**)	,508(**)
	Valor de prova	,000	,000	,000
FS - Fobia Social	Coef. Correlação	,625(**)	,650(**)	,676(**)
	Valor de prova	,000	,000	,000

Nota. ** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01

No que se refere às correlações entre todos os tipos de PNEG verificaram-se relações estatisticamente significativas entre AG - PNEG e AS - PNEG; AG - PNEG e FS - PNEG e AS - PNEG e FS - PNEG. O que significa que existem relações positivas e fortes, uma vez que quem apresenta maiores valores num tipo de PNEG apresenta também maiores valores no outro tipo de PNEG.

Relativamente aos PP verificou-se apenas uma relação estatisticamente significativa entre AS - PP e FS - PP, o que significa que é uma relação positiva e normal, uma vez que

quem apresenta maiores valores num tipo de PP apresenta também maiores valores no outro tipo de PP, tal como se apresenta na tabela seguinte.

Tabela 9

Correlações entre todos os tipos de pensamentos positivos

		AG – PP	AS - PP	FS - PP
AG - PP	Coef. Correlação	1		
	Valor de prova			
AS - PP	Coef. Correlação	,165	1	
	Valor de prova	,131		
FS - PP	Coef. Correlação	,211	,221(*)	1
	Valor de prova	,052	,042	

Nota. * Correlação normal, para um nível de significância de 0.05

Por último, surge-nos a caracterização das subcategorias com as respetivas ocorrências de u.r. que são de grande importância para este estudo (v.d. Anexo J). Neste sentido, apresenta-se seguidamente a análise relativamente a cada história tendo em consideração a frequência das respostas e a análise dos valores médios observados como se pode verificar através dos dados presentes nas tabelas seguintes.

Tabela 10

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria A - Ansiedade Generalizada

	0		1		2		3		4		5		6		7		8		
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	
A1.1	38	44,7%	35	41,2%	10	11,8%	2	2,4%											
A1.2	66	77,6%	14	16,5%	5	5,9%													
A1.3	82	96,5%	3	3,5%															
A3.1	44	51,8%	27	31,8%	13	15,3%	1	1,2%											
A3.2	72	84,7%	13	15,3%															
A3.3	70	82,4%	13	15,3%	2	2,4%													
A3.4	41	48,2%	34	40,0%	8	9,4%	1	1,2%	1	1,2%									
A3.5	57	67,1%	9	10,6%	10	11,8%	5	5,9%	1	1,2%	2	2,4%					1	1,2%	

Nota. A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; A1.2 - Reconhecimento/Interesse e Envolvimento na Situação; A1.3 - Distanciamento da Situação A3.1 – Medos; A3.2 – Preocupação; A3.3 – Outras Sentimentos/Emoções e Afetos; A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação; A3.5 - Danos Materiais e Físicos

Tabela 11

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria A

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
A1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,72	0,77	107%	0	3
A1.2 - Reconhecimento/ Interesse e Envolvimento na Situação	85	0,28	0,57	202%	0	2
A1.3 - Distanciamento da Situação	85	0,04	0,19	526%	0	1
A3.1 – Medos	85	0,66	0,78	118%	0	3
A3.2 – Preocupação	85	0,15	0,36	237%	0	1
A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,20	0,46	229%	0	2
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	85	0,67	0,79	118%	0	4
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	85	0,78	1,43	185%	0	8

Os valores médios apresentam as variações ilustradas, permitindo identificar as subcategorias mais observadas na amostra: verificam-se mais as subcategorias A3.5 - Danos Materiais e Físicos, A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos, A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação e A3.1 – Medos, as menos observadas são A1.2 - Reconhecimento/ Interesse e Envolvimento na Situação, A3.3 – Outras Sentimentos/Emoções e Afetos e A3.2 – Preocupação e observada apenas residualmente é A1.3 - Distanciamento da Situação.

Tabela 12

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria B - Ansiedade de Separação

	0		1		2		3		4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
B1.1	66	77,6%	18	21,2%	1	1,2%				
B1.2	42	49,4%	28	32,9%	11	12,9%	3	3,5%	1	1,2%
B1.3	67	78,8%	13	15,3%	3	3,5%	2	2,4%		
B1.4	71	83,5%	11	12,9%	3	3,5%				
B3.1	58	68,2%	18	21,2%	5	5,9%	4	4,7%		
B3.2	63	74,1%	14	16,5%	5	5,9%	3	3,5%		
B3.3	70	82,4%	14	16,5%	1	1,2%				
B3.4	75	88,2%	6	7,1%	3	3,5%			1	1,2%

Nota. B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação; B1.3 – Aceitação Relutante da Separação; B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal; B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos; B3.2 - Dificuldades de Separação/Aceitação; B3.3 - Danos Físicos; B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação

Tabela 13

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria B

	N	Média	Desvio		Mínimo	Máximo
			Padrão	Coef. Variação		
B1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,24	0,45	193%	0	2
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	85	0,74	0,90	122%	0	4
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	85	0,29	0,65	221%	0	3
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	85	0,20	0,48	242%	0	2
B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,47	0,81	172%	0	3
B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	85	0,39	0,76	195%	0	3
B3.3 - Danos Físicos	85	0,19	0,42	224%	0	2
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	85	0,19	0,61	323%	0	4

Verificou-se que a subcategoria B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação surge como a subcategoria mais observada na amostra, seguida de B3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos, depois de B3.2 - Dificuldades de Separação/Aceitação e de B1.3 – Aceitação Relutante da Separação, depois surge B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e com valores inferiores as subcategorias B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal, B3.3 - Danos Físicos e B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação.

Tabela 14

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria C – Fobia Social

	0		1		2		3		4		5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
C1.1	66	77,6%	17	20,0%	2	2,4%						
C1.2	46	54,1%	29	34,1%	7	8,2%	1	1,2%	2	2,4%		
C1.3	61	71,8%	14	16,5%	6	7,1%	2	2,4%	2	2,4%		
C3.1	64	75,3%	19	22,4%	1	1,2%			1	1,2%		
C3.2	69	81,2%	13	15,3%	2	2,4%	1	1,2%				
C3.3	48	56,5%	25	29,4%	6	7,1%	5	5,9%			1	1,2%

Nota. C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social; C1.3 - Interação com o Outro; C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social; C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro

Tabela 15

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria C

	N	Desvio		Coef.	Mínimo	Máximo
		Média	Padrão	Variação		
C1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,25	0,49	197%	0	2
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	85	0,64	0,87	137%	0	4
C1.3 - Interação com o Outro	85	0,47	0,91	193%	0	4
C3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,29	0,61	209%	0	4
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social	85	0,24	0,55	233%	0	3
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	85	0,67	0,98	146%	0	5

Os valores médios apresentam as variações ilustradas, permitindo identificar as subcategorias mais observadas na amostra: verificam-se mais as subcategorias C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro e C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social, seguida de C1.3 - Interação com o Outro e com valores inferiores as subcategorias C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos, C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social

Tabela 16

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria D - Ansiedade Generalizada

	0		1		2		3		4		5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
D1.1	75	88,2%	9	10,6%	1	1,2%						
D1.2	78	91,8%	4	4,7%	2	2,4%					1	1,2%
D1.3	54	63,5%	21	24,7%	8	9,4%	2	2,4%				
D3.1	52	61,2%	28	32,9%	3	3,5%	1	1,2%	1	1,2%		
D3.2	65	76,5%	14	16,5%	4	4,7%	1	1,2%	1	1,2%		
D3.3	34	40,0%	31	36,5%	14	16,5%	5	5,9%			1	1,2%

Nota. D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; D1.2 - Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste; D1.3 - Investimento/ Confiança e Desempenho; D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; D3.2 - Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação; D3.3 - Insegurança

Tabela 17

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria D

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,13	0,37	287%	0	2
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste	85	0,15	0,65	422%	0	5
D1.3 – Investimento/ Confiança e Desempenho	85	0,51	0,77	151%	0	3
D3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,48	0,73	152%	0	4
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	85	0,34	0,73	215%	0	4
D3.3 – Insegurança	85	0,93	1,00	107%	0	5

Através dos valores médios descritos, observou-se que as subcategorias mais observadas na amostra são: a subcategoria D3.3 – Insegurança, seguida de D1.3 – Investimento/Confiança e Desempenho e D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos, depois surge D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação, menos observadas são D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste e D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos.

Tabela 18

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria E – Ansiedade de Separação

	0		1		2		3		4		5		6	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
E1.1	61	71,8%	22	25,9%	2	2,4%								
E1.2	60	70,6%	20	23,5%	4	4,7%	1	1,2%						
E1.3	71	83,5%	12	14,1%	1	1,2%	1	1,2%						
E1.4	57	67,1%	21	24,7%	5	5,9%	1	1,2%	1	1,2%				
E3.1	51	60,0%	26	30,6%	4	4,7%			3	3,5%			1	1,2%
E3.2	47	55,3%	22	25,9%	12	14,1%	2	2,4%	1	1,2%	1	1,2%		
E3.3	44	51,8%	25	29,4%	10	11,8%	4	4,7%	1	1,2%	1	1,2%		

Nota. E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; E1.2 - Aceitação da Separação; E1.3 - Visão Otimista da Situação; E1.4 - Reflexão sobre a Situação; E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação; E3.3 - Catastrofização da Situação

Tabela 19

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria E

	N	Média	Desvio	Coef.	Mínimo	Máximo
			Padrão	Variação		
E1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,31	0,51	167%	0	2
E1.2 - Aceitação da Separação	85	0,36	0,63	174%	0	3
E1.3 - Visão Otimista da Situação	85	0,20	0,51	254%	0	3
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	85	0,45	0,76	171%	0	4
E3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,62	1,12	180%	0	7
E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação	85	0,72	1,01	140%	0	5
E3.3 - Catastrofização da Situação	85	0,78	1,04	134%	0	5

Os valores médios apresentam as variações ilustradas, de modo a identificar as subcategorias mais observadas na amostra, verificando-se a subcategoria E3.3 - Catastrofização da Situação como a mais observada, seguida de E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação e de E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos, depois surge E1.4 - Reflexão sobre a Situação, seguida de E1.2 - Aceitação da Separação e E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e com valores inferiores a subcategoria E1.3 - Visão Otimista da Situação.

Tabela 20

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria F – Fobia Social

	0		1		2		3		4		5	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
F1.1	73	85,9%	10	11,8%	1	1,2%	1	1,2%				
F1.2	52	61,2%	18	21,2%	5	5,9%	5	5,9%	3	3,5%	2	2,4%
F1.3	58	68,2%	24	28,2%	3	3,5%						
F3.1	77	90,6%	8	9,4%								
F3.2	74	87,1%	8	9,4%	3	3,5%						
F3.3	68	80,0%	12	14,1%	3	3,5%	1	1,2%			1	1,2%

Nota. F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento; F1.3 - Reconhecimento da Situação Social; F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; F3.2 - Dificuldade no Reconhecimento da Situação; F3.3 - Expetativas

Tabela 21

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria F

	N	Média	Desvio		Coef.	
			Padrão	Variação	Mínimo	Máximo
F1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,18	0,49	279%	0	3
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	85	0,76	1,25	163%	0	5
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	85	0,35	0,55	156%	0	2
F3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,09	0,29	312%	0	1
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	85	0,16	0,46	279%	0	2
F3.3 - Expetativas	85	0,31	0,77	252%	0	5

Relativamente aos valores médios observados foi possível identificar que a subcategoria F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento foi aquela mais observada na amostra, seguida de F1.3 - Reconhecimento da Situação Social e F3.3 – Expetativas, depois com valores inferiores surgem F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação e com valores ainda menores surge F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos.

Tabela 22

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria G – Ansiedade Generalizada

	0		1		2		3		4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
G1.1	77	90,6%	8	9,4%						
G1.2	59	69,4%	20	23,5%	6	7,1%				
G1.3	60	70,6%	17	20,0%	6	7,1%	1	1,2%	1	1,2%
G3.1	66	77,6%	15	17,6%	3	3,5%			1	1,2%
G3.2	23	27,1%	24	28,2%	31	36,5%	5	5,9%	2	2,4%
G3.3	73	85,9%	11	12,9%	1	1,2%				
G3.4	75	88,2%	10	11,8%						

Nota. G1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; G1.2 – Desempenho; G1.3 - Reflexão/Reconhecimento e Responsabilização pela Situação; G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; G3.2 – Pessimismo; G3.3 - Dificuldades de Desempenho; G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação

Tabela 23

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria G

	N	Média	Desvio		Coef.	
			Padrão	Variação	Mínimo	Máximo
G1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,09	0,29	312%	0	1
G1.2 – Desempenho	85	0,38	0,62	164%	0	2
G1.3 - Reflexão/ Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	85	0,42	0,78	184%	0	4
G3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,29	0,65	221%	0	4
G3.2 – Pessimismo	85	1,28	1,01	79%	0	4
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	85	0,15	0,39	257%	0	2
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	85	0,12	0,32	275%	0	1

Os valores médios apresentam as variações ilustradas, permitindo identificar as subcategorias mais observadas na amostra: verifica-se mais a subcategoria G3.2 – Pessimismo, seguida de G1.3 - Reflexão/Reconhecimento e Responsabilização pela Situação e G1.2 – Desempenho, depois de G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos, e menos observadas são G3.3 - Dificuldades de Desempenho, G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação e G1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos.

Tabela 24

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria H – Ansiedade de Separação

	0		1		2		3		4	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
H1.1	77	90,6%	8	9,4%						
H1.2	54	63,5%	16	18,8%	13	15,3%	1	1,2%	1	1,2%
H1.3	64	75,3%	16	18,8%	4	4,7%	1	1,2%		
H3.1	52	61,2%	23	27,1%	9	10,6%			1	1,2%
H3.2	24	28,2%	34	40,0%	20	23,5%	7	8,2%		
H3.3	66	77,6%	17	20,0%	2	2,4%				

Nota. H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação; H1.3 - Estratégias de Remediação; H3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação; H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação

Tabela 25

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria H

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
H1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,09	0,29	312%	0	1
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	85	0,58	0,88	152%	0	4
H1.3 - Estratégias de Remediação	85	0,32	0,62	196%	0	3
H3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,53	0,78	147%	0	4
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	85	1,12	0,92	82%	0	3
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	85	0,25	0,49	197%	0	2

Ao identificar as subcategorias mais observadas na amostra verificou-se uma maior ocorrência relativamente à subcategoria H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação, depois H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação e H3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos, seguidas de H1.3 - Estratégias de Remediação e H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação, e com valores inferiores a subcategoria H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos.

Tabela 26

Frequências de respostas das subcategorias na pré-categoria I – Fobia Social

	0		1		2		3	
	N	%	N	%	N	%	N	%
I1.1	54	63,5%	30	35,3%	1	1,2%		
I1.2	67	78,8%	16	18,8%	2	2,4%		
I1.3	71	83,5%	11	12,9%	2	2,4%	1	1,2%
I3.1	62	72,9%	18	21,2%	4	4,7%	1	1,2%
I3.2	63	74,1%	19	22,4%	3	3,5%		
I3.3	61	71,8%	20	23,5%	4	4,7%		
I3.4	56	65,9%	19	22,4%	7	8,2%	3	3,5%

Nota. I1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos; I1.2 - Estratégias de Remediação; I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação; I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos; I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação; I3.3 – Culpabilização; I3.4 – Perceção Exagerada da Situação

Tabela 27

Valores médios observados das subcategorias na pré-categoria I

	N	Média	Desvio Padrão	Coef. Variação	Mínimo	Máximo
I1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,38	0,51	136%	0	2
I1.2 - Estratégias de Remediação	85	0,24	0,48	204%	0	2
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	85	0,21	0,54	253%	0	3
I3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	85	0,34	0,63	184%	0	3
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	85	0,29	0,53	180%	0	2
I3.3 – Culpabilização	85	0,33	0,56	171%	0	2
I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	85	0,49	0,80	161%	0	3

A identificação das subcategorias mais observadas na amostra mostra-nos, através dos valores médios apresentados nas variações ilustradas que a subcategoria I3.4 – Percepção Exagerada da Situação é a mais observada, seguindo-se a I1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e depois de I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos e I3.3 – Culpabilização, sucedendo-se a subcategoria I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação, sendo menos observadas I1.2 - Estratégias de Remediação e I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação.

Foi ainda possível observar através de uma análise global das subcategorias, por ordem decrescente da frequência com que surgem nas histórias (v.d. Anexo K) que a subcategoria Pessimismo, referente à sétima história apresenta o valor médio mais elevado com ($G3.2 = 1,28$), seguido da subcategoria Dificuldades para Lidar com a Separação, referente à oitava história que apresenta um valor médio ($H3.2 = 1,12$) e em terceiro lugar, a subcategoria Insegurança, referente à quarta história que obteve um valor médio ($D3.3 = 0,93$). Podemos salientar ainda que a subcategoria de Distanciamento da Situação, referente à primeira história é aquela que se apresenta com um valor médio inferior a todas as outras subcategorias ($A1.3 = 0,04$).

Relativamente à análise global de todas as subcategorias, agrupadas por PP e PNEG (v.d. Anexo L), por ordem decrescente da frequência com que surgem nas histórias, podemos verificar que as subcategorias que mais se destacam ao nível dos PP são, as Expectativas e

Vivência Real do Acontecimento referente à sexta história (F1.2 = 0,76), seguida da subcategoria Aceitação Incondicional da Separação referente à segunda história (B1.2 = 0,74) e, em terceiro lugar a subcategoria dos Sentimentos/Emoções e Afetos da primeira história (A1.1 = 0,72). Com os valores mais baixos na categoria dos PP destacam-se as subcategorias dos Sentimentos/Emoções e Afetos referentes às sétima e oitava histórias com valores idênticos (G1.1 = 0,09 = H1.1=0,09) e a subcategoria com o menor valor refere-se ao Distanciamento da Situação na primeira história (A1.3 = 0,04). É importante realçar que os valores mais baixos aqui apresentados são coincidentes com os valores apresentados na análise total de todas as subcategorias (v.d. Anexo L).

No que diz respeito à distribuição das subcategorias relativamente à categoria dos PNEG foi possível verificar que os valores mais altos centram-se nas subcategorias Pessimismo, referente à sétima história (G3.2 = 1,28), seguido da subcategoria Dificuldades para Lidar com a Separação, referente à oitava história (H3.2 = 1,12) e, em terceiro lugar, a subcategoria Insegurança, da quarta história (D3.3 = 0,93) (v.d. Anexo L). Salienta-se neste caso que estes três valores são coincidentes com os três valores mais elevados da análise global das subcategorias (v.d. Anexo K). No que se refere às subcategorias com valores menos elevados relativamente à categoria dos PNEG, surgem-nos as Dificuldades no Reconhecimento da Situação da sétima história (G3.4 = 0,12) e a subcategoria Sentimentos/Emoções e Afetos referente à sexta história (F3.1 = 0,09).

É importante apresentar ainda a análise de correlação entre as diversas subcategorias que se consideraram relevantes neste trabalho. Todas as variáveis cuja relação se pretende estudar são variáveis quantitativas, pelo que podem ser analisadas utilizando o coeficiente de correlação de *Pearson R*, sem ser necessário verificar a normalidade das distribuições dos valores das variáveis, pois a amostra é de grande dimensão (Marôco, 2010). Neste sentido, verificou-se uma relação estatisticamente significativa entre A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos e D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos, que é uma relação positiva, significa que quem apresenta maiores valores na categoria A1.1 apresenta também valores superiores na categoria D1.1. com se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 28

Correlações entre GPPSEA1C-GPPSEA4C

		D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos
A1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	Coef. Correlação	,298(**)
	Valor de prova	,006
	N	85

Nota. ** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Verificou-se também uma relação estatisticamente significativa entre E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos, que é uma relação positiva, significa que quem apresenta maiores valores na categoria E1.1 apresenta também valores superiores na categoria H1.1 como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 29

Correlações entre GPPSEA5C - GPPSEA8C

		H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
E1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	Coef. Correlação	,281(**)
	Valor de prova	,009
	N	85

Nota. ** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01

De seguida, observou-se uma relação estatisticamente significativa. A variável E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos correlaciona-se de forma positiva e normal com a variável H3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos, significa que quem apresenta maiores valores na categoria E3.1 apresenta também valores superiores na categoria H3.1 como se pode observar na tabela que se segue.

Tabela 30

Correlações entre GPNEGSEA5C - GPNEGSEA8C

		H3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
E3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	Coef. Correlação	,257(*)
	Valor de prova	,017
	N	85

Nota. * Correlação normal, para um nível de significância de 0.05

Apresentam-se ainda relações estatisticamente significativas em que a variável C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos correlaciona-se de forma positiva e normal com a variável I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos e entre F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos que se encontra correlacionado de forma positiva e forte com I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos. O que significa que quem apresenta maiores valores na categoria C3.1 apresenta também valores superiores na categoria I3.1 e quem apresenta maiores valores na categoria F3.1 apresenta também valores superiores na categoria I3.1 na tabela subsequente.

Tabela 31

Correlações entre GPNEGSEA3C - GPNEGSEA9C e GPNEGSEA6C - GPNEGSEA9C

		I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
C3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	Coef. Correlação	,262(*)
	Valor de prova	,016
	N	85
F3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	Coef. Correlação	,340(**)
	Valor de prova	,001
	N	85

*Nota.** Correlação normal para um nível de significância de 0.05

**** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Verificam-se relações estatisticamente significativas em que a variável H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação se encontra correlacionado de forma normal com a variável G3.2 – Pessimismo. O mesmo se verificou entre a variável H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação e a variável A3.5 - Danos Materiais e Físicos. Observou-se ainda uma relação positiva e forte entre a variável G3.2 – Pessimismo e a variável I3.4 – Percepção Exagerada da Situação. Significa que quem apresenta maiores valores na categoria H3.2 apresenta também valores superiores nas categorias G3.2 e A3.5 e quem apresenta maiores valores na categoria G3.2 apresenta também valores superiores na categoria I3.4 como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 32

Correlações entre GPNEGDL8C - GPNEGP7C, GPNEGDL8C - GPNEGDMF1C e GPNEGP7C- GPNEGPE9C

		G3.2 – Pessimismo	A3.5 - Danos Materiais e Físicos
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	Coef. Correlação	,221(*)	,273(*)
	Valor de prova	,042	,011
	N	85	85
		I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	
G3.2 – Pessimismo	Coef. Correlação		,329(**)
	Valor de prova		,002
	N		85

Nota. * Correlação normal para um nível de significância de 0.05

** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Foi evidente também a existência de uma relação estatisticamente significativa entre D3.3 – Insegurança e G3.2 – Pessimismo, que é uma relação positiva e normal, o que significa que quem apresenta maiores valores na categoria D3.3 apresenta também valores superiores na categoria G3.2 como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 33

Correlações entre GPNEGI4C- GPNEGP7C

		G3.2 – Pessimismo
D3.3 – Insegurança	Coef. Correlação	,222(*)
	Valor de prova	,042
	N	85

Nota. * Correlação normal para um nível de significância de 0.05

Estatisticamente significativa é também a relação entre B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação e E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação, que é uma relação positiva e forte, o que significa que quem apresenta maiores valores na categoria B3.4 apresenta também valores superiores na categoria E3.2 como se pode verificar na tabela que se segue.

Tabela 34

Correlações entre GPNEGDRS2C - GPNEGDSRS5C

		E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	Coef. Correlação	,360(**)
	Valor de prova	,001
	N	85

Nota. ** Correlação forte, para um nível de significância de 0.01

Verificou-se uma relação estatisticamente significativa. A variável A3.1 – Medos encontra-se correlacionada de forma positiva e normal com a variável A3.2 – Preocupação, que são relações positivas, significa que quem apresenta maiores valores na categoria A3.1 apresenta também valores superiores na categoria A3.2, como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 35

Correlações entre GPNEGM1C- GPNEGP1C

		A3.2 – Preocupação
A3.1 – Medos	Coef. Correlação	,221(*)
	Valor de prova	,042
	N	85

Nota. * Correlação normal, para um nível de significância de 0.05

Foi possível ainda analisar as possíveis relações entre os três tipos de ansiedade: Ansiedade Generalizada, Ansiedade de Separação e Fobia Social e o género das crianças, através do cruzamento entre as pré-categorias em estudo e a variável género. Verificou-se que o valor de prova é superior a 5% para todas as categorias em estudo, aceitando-se H_0 e rejeitando-se H_1 : considera-se, deste modo, que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

Na amostra, o valor médio de AG – PP é superior para o género masculino, o valor médio de AG - Ansiedade Generalizada, AG – PNEG AS - Ansiedade Separação, AS – PNEG e FS – PP é superior para o género feminino, o valor médio de AS - PP, FS - Fobia Social e FS – PNEG é idêntico para ambos os géneros, no entanto, as diferenças observadas

não são estatisticamente significativas (v.d. Anexo M). Quando observadas as correlações entre pré-categorias com as histórias agregadas, assim como, as pré-categorias com as categorias por história não foram encontradas diferenças significativas (v.d. Anexo N), pelo que, serão estudadas também todas as subcategorias. Deste modo, verificou-se que apenas o valor médio de D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos é superior para o gênero feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (v.d. Anexo O).

Relativamente à análise das possíveis relações entre os três tipos de ansiedade: Ansiedade Generalizada, Ansiedade de Separação e Fobia Social e a idade das crianças verificou-se que na amostra, o valor médio de AG - Ansiedade Generalizada, AG - PNEG, AS - Ansiedade Separação, AS - PNEG, FS - Fobia Social e FS - PNEG é superior para os 10 anos, o valor médio de AG - PP, AS - PP e FS - PP é superior para os 11 anos, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas (v.d. Anexo P).

No que se refere à análise das possíveis relações entre os três tipos de ansiedade e as suas categorias por história com a idade das crianças, observou-se que o valor médio de H3 - PNEG e I3 - PNEG é superior para os 10 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (v.d. Anexo Q). Quando estudadas todas as subcategorias e a idade das crianças constatou-se que o valor médio de A3.4 - Dificuldades de Reconhecimento da Situação, B3.3 - Danos Físicos, H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação e I3.4 - Percepção Exagerada da Situação é superior para os 10 anos, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (v.d. Anexo R).

No que se refere à análise da escala (SCARED-R) podemos verificar, nas diferentes dimensões que constituem a escala, que na dimensão Perturbação de Pânico o item com maior prevalência é o 32, seguido do 27, 51 e 44. Na dimensão Perturbação de Ansiedade Generalizada verificam-se mais os itens 38, 55 e 57. Na dimensão Fobia Social verificam-se mais os itens 4 e 53. Na dimensão Perturbações de Ansiedade de Separação verificam-se mais os itens 50 e 52. Relativamente à dimensão Fobia Escolar os itens 30 e 3 são os que apresentam maior prevalência (v.d. Anexo S).

Pode observar-se, através da análise de consistência interna, que permite estudar as qualidades psicométricas de escalas de medida e as questões que as compõem, que o valor do α de Cronbach é superior ao valor de 0,80, pelo que podemos considerar os dados adequados como unidimensionais: os 36 itens medem de forma adequada uma única dimensão: Escala Global como se pode verificar na tabela seguinte.

Tabela 36

Consistência Interna da Escala Global

α de Cronbach	N de Itens
0,830	36

Relativamente à análise da consistência interna de cada dimensão foi possível verificar que na Perturbação de Pânico, o valor do α de Cronbach foi superior ao valor de 0,70 (0,760), pelo que podemos considerar os dados aceitáveis como unidimensionais: os 13 itens medem de forma aceitável esta dimensão. Na dimensão Perturbação de Ansiedade Generalizada, o valor do α de Cronbach foi ligeiramente inferior ao valor de 0,70 (0,625), pelo que podemos considerar os dados próximo de aceitáveis como unidimensionais: os 9 itens medem de forma próximo de aceitável esta dimensão. No que se refere à dimensão Fobia Social, o valor do α de Cronbach foi superior ao valor de 0,70 (0,727), pelo que podemos considerar os dados aceitáveis como unidimensionais: os 4 itens medem de forma aceitável esta dimensão. O valor do α de Cronbach para a dimensão Perturbação de Ansiedade de Separação, apresentou-se inferior ao valor de 0,70 (0,551), pelo que não podemos considerar os dados aceitáveis como unidimensionais: os 7 itens não medem de forma aceitável esta dimensão. Por último, surge-nos a dimensão Fobia Escolar, cujo valor do α de Cronbach foi inferior ao valor de 0,70 (0,361), pelo que não podemos considerar os dados aceitáveis como unidimensionais: os 3 itens não medem de forma aceitável esta dimensão (v.d. Anexo T).

Para a escala e para cada uma das suas dimensões, os seus valores foram determinados a partir do cálculo da média dos itens que as constituem. Neste sentido, foi possível verificar quais as dimensões mais presentes, em média, ou seja, em primeiro lugar a Fobia Social, seguida da Perturbação de Ansiedade Generalizada e Perturbações de Ansiedade de Separação, depois a Perturbação de Pânico e, por último, a Fobia Escolar como se pode verificar na tabela seguinte.

Tabela 37

Cálculo da média dos itens que constituem cada uma das dimensões

	N	Média	Desvio	Coef.	Mínimo	Máximo
			Padrão	Variação		
Escala Global	85	0,55	0,21	38%	0,17	1,17
Perturbação de Pânico	85	0,33	0,25	76%	0,00	1,23
Perturbação de Ansiedade Generalizada	85	0,67	0,31	46%	0,11	1,44
Fobia Social	85	1,15	0,51	44%	0,00	2,00
Perturbações de Ansiedade de						
Separação	85	0,62	0,29	46%	0,14	1,43
Fobia Escolar	85	0,23	0,30	130%	0,00	1,33

Nota. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- quase nunca; 1- às vezes; 2- muitas vezes.

De modo a investigar neste estudo a existência ou não de diferenças de género entre as crianças a partir da escala SCARED-R, verificou-se como se poderá confirmar na tabela que se segue que, na amostra, o valor médio da Escala Global, da dimensão Perturbação de Ansiedade Generalizada e da dimensão Fobia Social é superior para o sexo masculino, o valor médio da dimensão Perturbações de Ansiedade de Separação é ligeiramente superior para o sexo feminino, o valor médio das dimensões Perturbação de Pânico e Fobia Escolar não apresenta diferenças entre os sexos, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 38

Relação entre a ansiedade das crianças e o género

		N	Média	Desvio Padrão	t- Student	p- value
Escala Global	masculino	36	,58	,216	0,912	0,364
	feminino	49	,54	,209		
Perturbação de Pânico	masculino	36	,33	,249	0,063	0,950
	feminino	49	,33	,252		
Perturbação de Ansiedade Generalizada	masculino	36	,74	,290	1,862	0,066
	feminino	49	,62	,315		
Fobia Social	masculino	36	1,24	,455	1,339	0,184
	feminino	49	1,09	,544		
Perturbações de Ansiedade de Separação	masculino	36	,61	,286	-0,394	0,695
	feminino	49	,63	,287		
Fobia Escolar	masculino	36	,23	,262	-0,004	0,997
	feminino	49	,23	,328		

Nota: t₈₃ – teste *t*-student

Quando estudada a relação entre a ansiedade das crianças e a idade, verificou-se, como consta na tabela que se segue, que na amostra, o valor médio da Escala Global e das dimensões Perturbação de Pânico, Perturbação de Ansiedade Generalizada, Fobia Social e Perturbações de Ansiedade de Separação é superior para a idade 10 anos e o valor médio da dimensão Fobia Escolar não apresenta diferenças entre as idades, no entanto, as diferenças observadas não são estatisticamente significativas, como se pode comprovar na tabela que se segue.

Tabela 39

Relação entre a ansiedade das crianças e a idade

		N	Média	Desvio padrão	t- Student	p- value
Escala Global	10 anos	20	,62	,214	1,487	0,141
	11 anos	65	,54	,209		
Perturbação de Pânico	10 anos	20	,39	,323	1,218	0,227
	11 anos	65	,31	,222		
Perturbação de Ansiedade Generalizada	10 anos	20	,71	,285	0,605	0,547
	11 anos	65	,66	,318		
Fobia Social	10 anos	20	1,33	,481	1,775	0,080
	11 anos	65	1,10	,511		
Perturbações de Ansiedade de Separação	10 anos	20	,68	,221	0,988	0,326
	11 anos	65	,61	,302		
Fobia Escolar	10 anos	20	,23	,307	0,022	0,983
	11 anos	65	,23	,300		

Ao analisar a relação por dimensão entre a SCARED-TOTAL, os PP e os PNEG, verificaram-se relações estatisticamente significativas entre: AG – PNEG e Perturbação de Pânico; AG - PNEG e Perturbação de Ansiedade Generalizada; AS - Ansiedade Separação e Perturbação de Pânico; FS - Fobia Social e Escala Global; FS - Fobia Social e Perturbação de Ansiedade Generalizada; FS - Fobia Social e Perturbação de Ansiedade de Separação; FS - PNEG e Escala Global e FS - PNEG e Perturbação de Ansiedade Generalizada que se encontram correlacionadas de forma positiva e normal. Encontramos ainda correlações positivas e fortes entre as variáveis AS - PNEG e Escala Global; AS - PNEG e Perturbação de Pânico; AS - PNEG e Perturbação de Ansiedade de Separação; FS - Fobia Social e Perturbação de Pânico e FS - PNEG e Perturbação de Pânico. Relativamente às correlações existentes entre a SCARED-TOTAL e os PP verificou-se uma correlação significativa em que a variável AS – PP encontra-se correlacionada de forma negativa e normal com a Escala Global; o mesmo se verificou para as variáveis AS – PP e Perturbações de Ansiedade de Separação. No que se refere às variáveis AS – PP e Fobia Social, estas encontram-se correlacionadas de forma negativa e forte como se pode observar na tabela seguinte:

Tabela 40

Relação entre a SCARED-TOTAL e as suas dimensões com os pensamentos positivos e negativos

		Escala Global	Perturbação de Pânico	Perturbação de Ansiedade Generalizada	Fobia Social	Perturbações de Ansiedade de Separação
AG - Ansiedade Generalizada	Coef. Correlação	,198	,205	,197	-,047	,206
	Valor de prova	,070	,059	,071	,668	,059
AG - PP	Coef. Correlação	,005	-,046	-,014	,060	,075
	Valor de prova	,961	,674	,896	,584	,497
AG - PNEG	Coef. Correlação	,204	,242(*)	,216(*)	-,084	,170
	Valor de prova	,061	,026	,048	,446	,119
AS - Ansiedade Separação	Coef. Correlação	,204	,259(*)	,167	-,039	,181
	Valor de prova	,062	,017	,126	,724	,097
AS - PP	Coef. Correlação	-,234(*)	-,144	,033	-,327(**)	-,264(*)
	Valor de prova	,031	,187	,765	,002	,015
AS - PNEG	Coef. Correlação	,336(**)	,334(**)	,139	,163	,332(**)
	Valor de prova	,002	,002	,206	,136	,002
FS - Fobia Social	Coef. Correlação	,253(*)	,278(**)	,252(*)	-,047	,255(*)
	Valor de prova	,019	,010	,020	,669	,018
FS - PP	Coef. Correlação	,042	,055	,084	-,109	,116
	Valor de prova	,703	,615	,443	,320	,291
FS - PNEG	Coef. Correlação	,277(*)	,294(**)	,239(*)	,044	,209
	Valor de prova	,010	,006	,028	,691	,055

Nota. * Correlação normal para um nível de significância de 0.05

** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Por último, foi analisada a relação entre a soma de todos os PP e PNEG, a escala SCARED-R e as suas dimensões onde se identificaram relações estatisticamente significativas entre: a soma de todos os PNEG e a Escala Global; a soma de todos os PNEG e Perturbação de Pânico e a soma de todos os PNEG e Perturbação de Ansiedade de Separação que se encontram correlacionados de forma positiva e forte. Relativamente à soma de todos os PNEG e Perturbação de Ansiedade Generalizada encontramos uma correlação positiva e normal, como se pode observar na tabela seguinte.

Tabela 41

Correlações entre a soma de todos os pensamentos positivos e negativos das histórias com a escala SCARED-R e as suas dimensões

		Escala	Perturbação	Perturbação	Fobia	Perturbações
		Global	de Pânico	de Ansiedade	Social	de Ansiedade
				Generalizada		de Separação
Soma de todos os	Coef. Correlação	-,072	-,050	,056	-,172	-,010
PP	Valor de prova	,512	,647	,614	,115	,924
Soma de todos os	Coef. Correlação	,330(**)	,349(**)	,228(*)	,061	,292(**)
PNEG	Valor de prova	,002	,001	,036	,577	,007

Nota. * Correlação normal para um nível de significância de 0.05

** Correlação forte para um nível de significância de 0.01

Discussão

Neste estudo pretendia-se analisar o conteúdo dos pensamentos das crianças quando confrontadas com situações ameaçadoras.

Como se pode observar é a primeira história, referente à AG e a quinta história, referente à AS que suscitam maior número de pensamentos. Ao contrário da ideia anterior, temos os pensamentos referentes à sexta e nona histórias, ambas alusivas à FS que despertaram um menor número de pensamentos. Neste mesmo sentido, podemos considerar que as histórias relativas à AS foram as que suscitaram, por parte das crianças, um maior número de pensamentos, seguindo-se os pensamentos produzidos nas histórias de AG e, por último, os que se referem à FS. Diversas investigações sugerem que (e.g. Castillo, et al., 2000) as perturbações mais frequentes na infância e adolescência são a Perturbação de Ansiedade de Separação, a Ansiedade Generalizada e a Fobia Social. Também Asbahr (2004) aponta para a Ansiedade de Separação como a desordem mais frequente entre as crianças e os adolescentes, com uma prevalência de 4%.

Ao articular as pré-categorias referentes à AG, AS e FS com as categorias apresentadas neste estudo, verificou-se que, quanto maior for o número de pensamentos produzidos nas pré-categorias, maior é a prevalência dos PNEG, ou seja, constatou-se que os PNEG da AG e de AS são muito superiores aos PP das mesmas. O estudo de Bögels e Zigterman (2000), referem que as crianças que sofrem de AS, FS e AG apresentam um maior número de cognições negativas e disfuncionais. No entanto, no nosso estudo, esta situação não se verificou no que diz respeito à FS, onde os PP apresentaram-se ligeiramente superiores aos PNEG, sendo que o número de pensamentos produzidos nesta pré-categoria é menor relativamente às restantes pré-categorias. De salientar, no entanto, que o estudo de Bögels e Zigterman (2000) contou com a participação de crianças com perturbação de ansiedade, ao contrário do nosso estudo, que contou com a participação de crianças não-clínicas podendo esta diferença constituir uma justificação para a presença de tais resultados.

Relativamente às relações entre AG, AS e FS, foi visível uma relação positiva estatisticamente significativa de AG com AS, de AG com FS e de AS com FS, com um coeficiente de correlação superior para os PNEG. No que se refere à relação entre AS e FS, esta poderá ir ao encontro da perspetiva apresentada no DSM-IV-TR (APA, 2002), quando

refere que a perturbação de ansiedade de separação nas crianças pode fazer com que estas evitem situações sociais com medo da separação.

No que se refere à análise das correlações entre os PNEG de AG, AS e FS verificaram-se relações positivas estatisticamente significativas entre todos o que sugere que quem apresenta maiores valores num tipo de PNEG, apresenta também maiores valores nos outros tipos de PNEG. Este tipo de resultados parece congruente com estudos realizados que referem que crianças ansiosas apresentam maior número de cognições negativas, mais preocupações ao nível das cognições disfuncionais associadas à separação, às interações sociais e ansiedade generalizada (e.g. Bögels & Zigterman, 2000).

Relativamente à análise das subcategorias por história, verificamos que ocorreram em diversas histórias a presença de pensamentos negativos elevados, mesmo se tratando de uma população não clínica, assemelhando-se a resultados de estudos com população clínica.

Os resultados mostraram que, na primeira história (v.d. Anexo D), as crianças apresentam pensamentos que se direcionam com maior frequência para referências a Danos Materiais e Físicos (A3.1) relacionados com sofrimento, morte ou perda de familiares. São exemplos as seguintes u.r.: C47L1 – “que se calhar as crianças (...) estavam a sofrer.”; C57L3 - “Algumas pessoas podiam ter morrido.”; C81L1 - “[Pensava que (...)] as crianças tinham perdido os seus pais”. Nesta história verificaram-se também valores elevados de PP no que se refere à subcategoria Sentimentos/Emoções e Afetos (A1.1), na medida em que muitos dos pensamentos manifestados pelas crianças demonstraram preocupação, pena e tristeza relativamente às outras crianças. São exemplos as seguintes u.r.: C27L1 – “Ficaria triste por estar a acontecer aquilo.”; C48L1 – “e ficava com pena das outras crianças.”; C52L1 - “Que também ficava um bocadinho preocupada com aquelas crianças.” Outra das subcategorias mais observada foi a de Dificuldades de Reconhecimento da Situação (A3.4), onde os pensamentos mais elaborados direcionaram-se para as Dificuldades do Reconhecimento da Situação ou mesmo para uma tentativa de deslocamento. São exemplos as seguintes u.r.: C17L1 – “Que queria recuar no tempo para não ver.”; C36L2 – “Pensava se aconteceu naquela ilha talvez acontecesse com a nossa.”. Por último, verificou-se ainda nesta história uma prevalência da subcategoria Medos (A3.1) onde as crianças apresentaram pensamentos que envolviam o medo, o receio ou pânico. São exemplos as seguintes u.r.: C24L1 – “Tinha medo que me acontecesse o mesmo a mim.”; C65L2 - “Ficava assustada porque podia acontecer cá.”. Neste sentido, podemos recorrer ao estudo de Baptista, et al. (2005) que refere

que a ansiedade é conceptualizada por diversas emoções entre as quais predomina o medo. Esta ideia é reforçada através da teoria das emoções apresentada por Barlow (2002) que defende que o medo é uma emoção básica, discreta e essencial e que está presente em todas as idades, raças ou espécies.

No que concerne à segunda história (v.d. Anexo D), verificou uma prevalência ao nível da subcategoria Aceitação Incondicional da Separação (B1.2), onde as crianças evidenciaram alegria, vontade e aceitação incondicional perante a saída dos pais e da sua estadia em casa de um amigo. São exemplos as seguintes u.r.: C35L3 – “Que era bom eles irem ao cinema”; C69L4 - “Gostava porque eu gosto bastante de ir dormir a casa de amigos”. Nesta história não se verificou uma tendência para a existência de medo da separação das suas figuras de vinculação ou preocupações acerca da necessidade da presença de um dos pais, quando tal já não é apropriado, mas sim uma aceitação incondicional da separação. Esta situação poderá encontrar uma justificação se tivermos em consideração o facto de se tratar de uma população normativa onde, provavelmente, os níveis de ansiedade são mais baixos e daí não se verificar essa dificuldade de separação. Outra hipótese que poderá justificar tais resultados prende-se com a possibilidade do estímulo/história não ser suficientemente ansiogénico para as crianças deste estudo.

Na terceira história (v.d. Anexo D), a prevalência recai sobre a subcategoria Dificuldades na Interação com o Outro (C3.3), uma vez que muitas das justificações dadas pelas crianças, manifestaram sentimentos de inferioridade ou rejeição que dificultariam a sua interação com os outros. São exemplos as seguintes u.r.: C10L13 - “Os outros jogadores do outro grupo podiam perguntar e eu não sabia nada,”; C60L7 - “Porque não gostavam de alguma coisa em mim.” Estes resultados parecem ser reforçados através dos estudos de Gleitman, et al. (2007) e Graziani (2005), quando se referem aos fóbicos sociais, que acreditam que quando integram situações sociais correm o risco de apresentarem comportamentos inadequados e que estes possam vir a ter consequências negativas no que diz respeito à perda de importância, ou mesmo rejeição.

Relativamente à quarta história (v.d. Anexo D), a subcategoria que se verificou mais significativa foi a Insegurança (D3.3), na medida em que os pensamentos das crianças apontaram para expressões de insegurança, manifestando alguma impotência relativamente ao seu desempenho, antecipando um final negativo, como seja, baixar a nota ou mesmo ter negativa no teste. São exemplos as seguintes u.r.: C26L12 – “Pensava que não ia ter boa

nota”; C53L20 - “achava que não estava muito bem preparada para o teste de amanhã.”. Estes resultados são congruentes com a linha de pensamento de Friedberg e Macclure (2004) uma vez que estes autores salientam que as respostas de ansiedade, preocupação e medo podem ser limitadoras relativamente às habilidades do indivíduo para lidar com as questões do dia-a-dia e adequadas à situação que se deseja enfrentar.

Na quinta história (v.d. Anexo D), os resultados evidenciados pelas crianças mostraram que existiu uma maior preponderância relativamente às subcategorias referentes à categoria de PNEG, embora haja um maior destaque para a Catastrofização da Situação (E3.3) com referência a afetos e emoções marcadamente negativos, assim como dificuldades de separação e pessimismo relativamente à situação. São exemplos as seguintes u.r.: C4L22 - “Ficava assustado dela apanhar uma doença muito muito grave,”; C74L13 - “Se calhar a minha mãe podia morrer.” Nesta história, a prevalência parece incidir sobre PNEG exagerados e desproporcionais em relação ao estímulo e que se caracteriza por uma tensão ou desconforto resultante da antecipação de perigo (Asbahr, 2004).

No que toca à sexta história (v.d. Anexo D), foi claramente visível a predominância da subcategoria Expetativas e Vivência Real do Acontecimento (F1.2), onde as crianças mencionaram aspetos positivos que indicaram diversão e expetativas perante o acontecimento, recorrendo a uma projeção da sua vivência real ao estímulo por este se aproximar da realidade e da vivência de todas as crianças. São exemplos as seguintes u.r.: C12L19 - “Pensava que iam estar lá todas a brincar.”; C24L26 - “Nessa noite já sonhava com a minha festa”. Tais resultados poderão estar novamente na origem de esta ser uma história, cujos estímulos não sejam suficientemente ansiogénicos. Esta situação é ainda um pouco contraditória relativamente à ideia apresentada por Graziani (2005) quando refere que as interações sociais podem provocar uma ansiedade antecipatória para além da situacional, uma vez que estas são inevitáveis. Neste caso específico, esta situação não ocorreu, uma vez que a antecipação da festa de aniversário foi vivenciada com expetativas positivas elevadas, como se pode verificar nos exemplos supra mencionados, além da possibilidade de se tratar de uma situação pouco ansiogénica, uma vez que se refere a uma população não-clínica.

A subcategoria Pessimismo (G3.2) foi aquela que obteve maior destaque na sétima história (v.d. Anexo D). As crianças expressaram pessimismo e uma sensação de fracasso que remetiam para um desfecho negativo ou enviesamento da situação, nomeadamente para o fato do bolo se apresentar queimado. São exemplos as seguintes u.r.: C59L19 - “Pensava que o

bolo podia ficar queimado”; C66L24 - “[Que o bolo podia queimar por minha culpa] e depois a minha mãe chegava a casa e brigava comigo.” A interpretação enviesada e negativa apresentada pelas crianças nesta história, remete-nos para o estudo de Bögels, Van Dongen e Muris (2003) onde mencionam que, apesar de não existirem muitos estudos que o comprovem, crianças com perturbações de ansiedade interpretam de forma enviesada situações potencialmente ameaçadoras. Salientamos este estudo, uma vez que os resultados aqui observados, apesar de serem baseados numa população clínica, são semelhantes aos resultados obtidos no nosso estudo.

No que se refere à oitava história (v.d. Anexo D), os resultados mostraram que justificações apresentadas pelas crianças direcionam-se, com maior frequência, para referências a Dificuldades para Lidar com a Situação (H3.2) caracterizadas por reações e relatos que demonstram dificuldade em lidar com a separação, tais como, pensar que a mãe está fora da loja ou mesmo culpabilizar-se pela situação. São exemplos as seguintes u.r.: C6L23 – “Pensava que a minha mãe foi-se embora.”; C23L37 – “podia tentar ter dito à minha mãe para ter vindo comigo para não a perder na multidão.” Estes resultados vão ao encontro da definição do DSM-IV-TR (APA, 2002) onde a Ansiedade de Separação está relacionada com as preocupações acerca do bem-estar com os relacionamentos íntimos ou de estar afastado deles.

Finalmente, na nona história (v.d. Anexo D), está presente a subcategoria Percepção Exagerada da Situação (I3.4), com algum destaque, uma vez que as crianças apresentaram maior número de interpretações pessimistas relativamente ao estímulo, prevendo resultados negativos. São exemplos as seguintes u.r.: C49L35 – “que depois as pessoas diziam mal de mim, por eu ter deixado cair as latas,”; C85L45 - “mas aconteceu um desastre, caíram todas.”. Estes resultados são congruentes com a perspetiva de Graziani (2005), que salienta a tendência para a existência de uma interpretação das situações sociais num sentido ameaçador devido a uma série de crenças distorcidas que possuem em relação a si mesmos e à forma como se comportam nos contextos sociais.

De modo a obter uma melhor compreensão, das relações entre as variáveis em estudo, discutir-se-á de seguida, outras correlações verificadas no presente estudo.

Deste modo, é possível concluir que as três subcategorias com maior destaque são referentes a PNEG ao contrário das três com menos destaque, uma vez que são referentes a PP. Situação análoga foi encontrada no estudo de Muris, et al. (2000), onde verificaram que as

crianças, quando expostas a situações ambíguas, interpretam, na sua generalidade, de forma negativa estas mesmas situações a que foram expostas.

Ao verificarmos as possíveis correlações existentes entre as subcategorias mais referenciadas pelas crianças, concluímos que se encontram relações significativas entre as subcategorias Dificuldades para Lidar com a Separação e o Pessimismo, da subcategoria Dificuldades para Lidar com a Separação e Danos Materiais e Físicos, entre o Pessimismo e a Perceção Exagerada da Situação, assim como entre a Insegurança e o Pessimismo o que significa que quem apresenta maiores valores numa subcategoria apresenta também valores superiores na outra subcategoria. Situação idêntica se verificou relativamente às subcategorias Dificuldade no Reconhecimento da Situação, Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação e entre as subcategorias Medos e Preocupação. Estes resultados vão ao encontro do estudo de Salkovskis (2005) que refere que as pessoas que sofrem de ansiedade acreditam que estão sob ameaça de danos físicos ou sociais e que são pessimistas em relação à magnitude dos eventos. Em geral, o seu erro de processamento de informação clássico é a catastrofização. Além de superestimar eventos externos, o ansioso subestima a sua capacidade de enfrentamento a respeito de eventos negativos. O autor refere ainda que a pessoa ansiosa percebe mais sinais de perigo e pode erroneamente interpretar o aumento de ameaças eminentes, aumentando a sua preocupação. Outros estudos salientam que a ansiedade é um estado desagradável de medo, apreensão, que se caracteriza por tensão ou desconforto que resulta da antecipação de situações de perigo e que, quer a ansiedade (e.g. Asbahr 2004; APA, 2002).

No que se refere a possíveis relações entre as pré-categorias e categorias agregadas, com a idade e o género das crianças em estudo, concluiu-se que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Uma vez que não foram encontradas diferenças significativas para as categorias com as histórias agregadas, foram estudadas as pré-categorias e categorias agregadas por história. Deste modo, verificou-se que o valor médio de D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos e F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos é superior para o género feminino, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas. Resultados semelhantes apontam para a existência frequente de perturbações de ansiedade relativamente ao género feminino quando comparado com o género masculino (Legerstee, et al., 2010; Ollendick, et al., 2002).

No que se refere à idade, observaram-se diferenças significativas, uma vez que o valor médio de PNEG referente à AS da oitava história e dos PNEG, referente à FS da nona história é superior para os 10 anos. Situação semelhante ocorre quando estudadas todas as subcategorias e a idade das crianças, na medida em que o valor médio de A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação, B3.3 - Danos Físicos, H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação e I3.4 – Percepção Exagerada da Situação é superior para os 10 anos. Os resultados aqui descritos podem ser compreendidos à luz da ideia defendida por Skinner e Zimmer-Gembeck (2007) que referem que crianças mais velhas, por comparação a crianças mais novas, recorrem a mais estratégias de resolução de problemas e a mais estratégias de *coping* cognitivas, como a distração, por exemplo, do que crianças mais novas. Resultados diferentes foram encontrados no estudo de Costello, et al. (2003), que salienta que as perturbações de ansiedade tendem a ser mais prevalentes em crianças mais velhas.

No presente estudo foi ainda analisada a escala SCARED-R e a sua consistência interna, demonstrando que ao nível da escala global o α de Cronbach é superior a 0.80, pelo que podemos considerar adequado como unidimensional (Marôco, 2010).

Torna-se relevante referir que esta escala é adequada para medir a Escala Global e aceitável para medir as dimensões Perturbação de Pânico, Perturbação de Ansiedade Generalizada e Fobia Social, mas não as dimensões Perturbações de Ansiedade de Separação e Fobia Escolar.

No que concerne ao estudo da relação entre a ansiedade e o género das crianças apenas se verificou que o valor médio da Escala Global, da dimensão Perturbação de Ansiedade Generalizada e Fobia Social é superior para o sexo masculino. No entanto, Costello, et al. (2003) salientam no seu estudo que, de um modo geral, as perturbações de ansiedade tendem a ser mais prevalentes em meninas do que em meninos.

Situação contrária foi verificada relativamente à dimensão Perturbações de Ansiedade de Separação que é ligeiramente superior para o sexo feminino. Este tipo de resultado parece congruente com o estudo de Costello, et al. (2003), que refere que as meninas têm mais probabilidade do que os meninos de relatarem fobia, perturbações de pânico, agorafobia e perturbação de ansiedade de separação. No que se refere ao valor médio das dimensões Perturbação de Pânico e Fobia Escolar, este não apresenta diferenças entre os sexos. No entanto, todas as diferenças observadas não são estatisticamente significativas. Para a Escala Global e as restantes dimensões Perturbação de Pânico, Fobia Social, Perturbações de

Ansiedade de Separação e Fobia Escolar não se verificaram diferenças significativas entre os géneros. Relativamente ao estudo da relação entre a ansiedade e a idade das crianças, verificou-se que o valor médio da Escala Global e das dimensões Perturbação de Pânico, Perturbação de Ansiedade Generalizada, Fobia Social e Perturbações de Ansiedade de Separação é superior para a idade de 10 anos. No que se refere ao valor médio da dimensão Fobia Escolar observou-se que não apresenta diferenças entre as idades. No entanto, todas as diferenças observadas não são estatisticamente significativas.

A falta de consistência dos resultados, anteriormente apresentados, referentes à ansiedade, género e idade das crianças poderá ser justificada pelo facto da escala apresentar uma fiabilidade reduzida ou nenhuma (em alguns dados), podendo influenciar os resultados, não se verificando associações entre variáveis que, na realidade, poderiam estar associadas.

De modo a articular todos os dados apresentados ao longo do estudo, procedeu-se ainda à análise da relação entre os PP, os PNEG, a escala SCARED-R e as suas dimensões. Nesse seguimento, podemos referir que se verificaram diversas correlações positivas e estatisticamente significativas no que diz respeito a AG – PNEG e Perturbação de Pânico; AG – PNEG e Perturbação de Ansiedade Generalizada; AS - Ansiedade Separação e Perturbação de Pânico; AS – PNEG e Escala Global; AS – PNEG e Perturbação de Pânico; AS – PNEG e Perturbação de Ansiedade de Separação; FS - Fobia Social e Escala Global; FS - Fobia Social e Perturbação de Pânico; FS - Fobia Social e Perturbação de Ansiedade Generalizada e FS - Fobia Social e Perturbação de Ansiedade de Separação; FS – PNEG e Escala Global; FS – PNEG e Perturbação de Pânico; FS – PNEG e Perturbação de Ansiedade Generalizada. Da pesquisa bibliográfica realizada, não foram encontrados estudos que pudessem explicar ou sustentar as correlações encontradas, tendo em conta a especificidade dos conteúdos dos estímulos associados.

Verificaram-se também relações negativas estatisticamente significativas entre a SCARED-R e suas respectivas dimensões com os PP referentes à Ansiedade de Separação, nomeadamente entre a AS - PP e Escala Global e AS – PP e Perturbação de Ansiedade de Separação, que se encontram correlacionadas de forma negativa e normal, sendo que a única correlação negativa forte se encontra entre a variável AS – PP e a variável Fobia Social, o que significa que quem apresenta maiores valores num tipo de pensamentos PP apresenta menores valores na escala SCARED-R e respectivas dimensões. Estes resultados indicam que quanto maior forem os PP da Ansiedade de Separação menor será o *score* da SCARED-R. Estes

resultados não são congruentes com os resultados encontrados no estudo de Bögels e Zigterman (2000), uma vez que nesse estudo, quer as crianças ansiosas, quer as do grupo de controlo não apresentaram diferenças significativas nas interpretações positivas elaboradas, não se verificando uma associação entre a ansiedade e este tipo de interpretação. Esta situação pode encontrar uma justificação se tivermos em consideração a diferença relativamente à dimensão da amostra do estudo em questão e as fracas qualidades psicométricas da SCARED-R.

No que se refere à relação entre a soma de todos os PP e PNEG e a escala SCARED-R e suas dimensões, podemos verificar que existem correlações positivas significativas entre a soma de todos os PNEG e todas as dimensões da escala SCARED-R, à exceção da Fobia Social. Semelhante associação surge no estudo de Bögels e Zigterman (2000), uma vez que sugerem que as crianças com perturbação de ansiedade interpretam os estímulos ambíguos como mais ameaçadores do que as crianças não ansiosas. Relativamente aos resultados observados para a FS, estes poderão estar relacionados com as características da nossa população normativa e com o facto de estas interpretarem as histórias referentes à FS como pouco ansiogénicas.

Não se verificou nenhuma relação estatisticamente significativa entre os valores nos PP e os valores na escala SCARED-R e respetivas dimensões.

Conclusão

Procurando responder ao problema de investigação colocado, neste estudo, observou-se que a maioria dos participantes, apesar de se tratar de uma população não clínica, quando confrontados com situações ameaçadoras tendem a recorrer, com maior frequência, à utilização de PNEG, principalmente no que diz respeito às histórias referentes à Ansiedade Generalizada e de Separação, à semelhança de resultados apresentados em estudos com população clínica. Os dados expostos anteriormente mostram ser contraditórios aos resultados obtidos no estudo de Chorpita, Albano e Barlow, (1996) que indica que crianças com perturbações de ansiedade parecem ter uma maior inclinação para interpretar situações ambíguas como mais ameaçadoras do que crianças não ansiosas.

O resultado supra mencionado, relativamente à utilização de PNEG, por parte da amostra não ansiosa do nosso estudo, poderá estar associada aos resultados obtidos no que se refere às correlações positivas significativas verificadas entre a soma de todos os PNEG e todas as dimensões da escala SCARED-R, à exceção da Fobia Social. Esta análise é congruente com a teoria de Beck, et al. (1985), uma vez que estes autores defendem que as pessoas que sofrem de ansiedade apresentam falhas no processamento cognitivo, mantendo PNEG acerca de si mesmo, das suas experiências e do seu futuro; seletivamente procura evidências para reafirmar a sua visão negativa, reforçando as suas crenças e mantendo os sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos. Também no estudo de Bögels e Zigterman (2000) se verificou que as crianças com perturbação de ansiedade apresentam disfunções cognitivas perante situações ambíguas. Os resultados deste estudo indicaram, ainda, que crianças ansiosas estão mais propensas à ameaça e que interpretam os estímulos ambíguos como mais ameaçadores do que as crianças não ansiosas.

Por outro lado, a Fobia Social manteve-se ao longo de todo o estudo como a menos prevalente, apresentando valores de frequência de cognições negativas inferiores às restantes. Estes resultados são contraditórios aos resultados do estudo apresentados por Bögels e Zigterman (2000), que refere que quem sofre de ansiedade de separação, ansiedade generalizada e fobia social apresentam um maior número de cognições negativas e disfuncionais. Como possível explicação para estes resultados podemos colocar a hipótese das histórias relativas à FS serem pouco ansiogénicas numa população não clínica.

Não foram observadas correlações significativas no que se refere às relações entre a Ansiedade Generalizada, Ansiedade de Separação, Fobia Social com o género e a idade, assim como não se verificaram a existência de relações entre a Ansiedade e todas as suas dimensões com o género e a idade. No entanto, estudos anteriores suportam a ideia de que existem evidências importantes na diferença de géneros no processamento atencional seletivo da informação, concluindo que as raparigas são mais suscetíveis a desenvolver perturbações da ansiedade e a interpretar de forma enviesada os estímulos (Vasey, El-Hag, & Daleiden, 1996). O mesmo se observou ao nível da idade, na medida em que não se verificaram quaisquer correlações. Como mera hipótese explicativa o intervalo de idades presentes na nossa amostra poderá não ser suficientemente alargado para que existam diferenças significativas relativas ao seu desenvolvimento intelectual. Neste sentido, acentua-se a necessidade e o interesse de se estudar mais sobre estas áreas.

No que respeita às subcategorias mais referenciadas pelas crianças ao longo deste estudo nas diversas histórias, foi visível que as crianças que mostram mais dificuldades para lidar com a separação, apresentam-se, em simultâneo, mais pessimistas, evidenciando uma propensão para os danos materiais e físicos. Verificou-se ainda que as crianças com maiores níveis de pessimismo demonstram-se mais inseguras, com uma tendência para uma perceção exagerada da situação. Por outro lado, as crianças que apontam para uma maior dificuldade de separação e reconhecimento da situação numa história, evidenciam também maiores dificuldades ao nível do reconhecimento da própria situação noutras histórias. Por último, verificou-se que as crianças que apresentam maiores níveis de preocupação são as mesmas que manifestam mais medos.

Há que ter em consideração, no entanto, que este é um trabalho exploratório, comparativo e correlacional, com uma amostra não representativa, não devendo, por isso, ser generalizado para a população em geral. Para que tal fosse possível teria que ter uma amostra representativa da população, sendo necessário proceder a mais estudos, aumentando, por exemplo, o número da amostra com vista à obtenção de resultados mais esclarecedores.

Como limitação do estudo apontamos para a utilização de uma escala que apresentou fragilidades nas suas qualidades psicométricas e, como tal, a possibilidade de resultados enviesados, principalmente, correlações que não se verificaram e que podem existir.

Para terminar, pretende-se deixar algumas sugestões para trabalhos futuros. Neste sentido, considera-se pertinente o desenvolvimento de mais estudos no que se refere às

cognições que permitam averiguar correlações mais significativas, através de uma escala com maior fiabilidade, sendo interessante, por exemplo, aumentar a amostra deste estudo. Sugere-se ainda a pertinência da realização de mais estudos sobre as subcategorias apresentadas nesta investigação, recorrendo a outro tipo de amostra utilizando, por exemplo, crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, por estas apresentarem uma maior maturação cognitiva que lhes permite compreender e responder de um modo fidedigno ao instrumento de recolha de dados utilizado neste estudo, permitindo, em simultâneo, realizar uma comparação mais alargada entre crianças mais novas e crianças mais velhas quanto ao tipo de conteúdo das suas cognições perante situações ameaçadoras.

Referências

- Alfano, C. A., Beidel, D. C., & Turner, S. M. (2002). Cognition in childhood anxiety: Conceptual methodological and developmental issues. *Clinical Psychology Review*, 22(8), 1209-1238.
- APA (Ed.). (2002). *DSM-IV-TR Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Asbahr, F. R. (2004). Transtornos ansiosos na infância e adolescência: aspectos clínicos e neurobiológicos *Jornal de Pediatria*, 2 supl.
- Baptista, A., Carvalho, M., & Lory, F. (2005). O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *Psicologia: Revista da Associação Portuguesa Psicologia*, 19(1-2), 267-277.
- Bardin (Ed.). (2004). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barlow, D. H. (2002). *Anxiety and its disorders: The nature and treatment of anxiety and panic (2nd ed.)*. New York, NY US: Guilford Press.
- Beck, A., Emery, G., & Greenberg, R. (Eds.). (1985). *Anxiety disorders and phobias: A cognitive perspective*. New York: Basic Books.
- Bernstein, G. A., Borchardt, C. M., & Perwien, A. R. (1996). Anxiety Disorders in Children and Adolescents: A Review of the Past 10 Years. *J. AM. ACAD. Child Adolescent Psychiatry*, 35(9).
- Bogdan, R., & Biklen, S. (Eds.). (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bögels, S. M., van Dongen, L., & Muris, P. (2003). Family influences on dysfunctional thinking in anxious children. *Infant and Child Development*, 12(3), 243-252. doi: 10.1002/icd.288
- Bögels, S. M., & Zigterman, D. (2000). Dysfunctional cognitions in children with social phobia, separation anxiety disorder, and generalized anxiety disorder. *Journal of Abnormal Child Psychology: An official publication of the International Society for Research in Child and Adolescent Psychopathology*, 28(2), 205-211. doi: 10.1023/a:1005179032470
- Borges, A. I., Manso, D. S., Tomé, G., & De Matos, M. G. (2008). Ansiedade e coping em crianças e adolescentes: Diferenças relacionadas com a idade e género. *Análise Psicológica*, 26(4), 551-561.
- Cacciopo, J., & Petty, R. (1981). Social Psychological Procedures for Cognitive Response Assessment: The Thought Listing Technique. In T. V. Merluzzi, C. R. Gloss & M. Genest (Eds.), *Cognitive Assessment* (pp. 309-342). New York: Guilford Press.
- Cartwright-Hatton, S., Mather, A., Illingworth, V., Brocki, J., Harrington, R., & Wells, A. (2004). Development and preliminary validation of the meta-cognitions questionnaire-adolescent version. *Journal of Anxiety Disorders*, 18(3), 411-422. doi: 10.1016/s0887-6185(02)00294-3
- Castillo, A. R., Recondob, R., Asbahr, F., & Manfro, G. (2000). Transtornos de ansiedade. *Rev Bras Psiquiatria, Supl II*.
- Chorpita, B. F., Albano, A. M., & Barlow, D. H. (1996). Cognitive processing in children: Relation to anxiety and family influences. *Journal of Clinical Child Psychology*, 25(2), 170-176. doi: 10.1207/s15374424jccp2502_5
- Chorpita, B. F., & Barlow, D. H. (1998). The development of anxiety: The role of control in the early environment. *Psychological Bulletin*, 124(1), 3-21. doi: 10.1037/0033-2909.124.1.3

- Cobham, V. E., Dadds, M. R., & Spence, S. H. (1998). The role of parental anxiety in the treatment of childhood anxiety. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 66*(6), 893-905. doi: 10.1037/0022-006x.66.6.893
- Costello, E. J., Mustillo, S., Erkanli, A., Keeler, G., & Angold, A. (2003). Prevalence and Development of Psychiatric Disorders in Childhood and Adolescence. *Archives of General Psychiatry, 60*(8), 837-844. doi: 10.1001/archpsyc.60.8.837
- Field, A. P., Cartwright-Hatton, S., Reynolds, S., & Creswell, C. (2008). Future directions for child anxiety theory and treatment. *Cognition and Emotion, 22*(3), 385-394. doi: 10.1080/02699930701842270
- Friedberg, R. D., & Macclure, J. M. (Eds.). (2004). *Prática Clínica de Terapia Cognitiva com Crianças e Adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Graziani, P. (Ed.). (2005). *Ansiedade e Perturbações da Ansiedade* (Vol. 14). Lisboa: Climepsi Editores.
- Kendall, P. C. (1985). Toward a cognitive-behavioral model of child psychopathology and a critique of related interventions. *Journal of Abnormal Child Psychology: An official publication of the International Society for Research in Child and Adolescent Psychopathology, 13*(3), 357-372. doi: 10.1007/bf00912722
- Kendall, P. C., & Treadwell, K. R. H. (2007). The role of self-statements as a mediator in treatment for youth with anxiety disorders. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 75*(3), 380-389. doi: 10.1037/0022-006x.75.3.380
- King, J. (2004). Software Solutions fo Obtaining a Kappa-Type Statistic for Use With Multiple Raters *Running Head: Generalized Kappa Statistic*.
- Krippendorff, K. (Ed.). (1980). *Content Analysis: An Introduction to its Methodology* (Vol. 5). Califórnia: Sage Publications.
- Lazarus, R., & Folkman, S. (Eds.). (1984). *Stress, Apraisal, and Coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Leandro, P. (2004). Estilos de afrontamiento y nível de ansiedad. *Interpsiquis, 1*-9.
- Legerstee, J. S., Garnefski, N., Jellesma, F. C., Verhulst, F. C., & Utens, E. M. W. J. (2010). Cognitive coping and childhood anxiety disorders. *European Child & Adolescent Psychiatry, 19*(2), 143-150. doi: 10.1007/s00787-009-0051-6
- Marôco, J. (Ed.). (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Micco, J. A., & Ehrenreich, J. T. (2009). Validity and specificity of the children's automatic thoughts scale in clinically anxious and non-clinical children. *Cognitive Therapy and Research, 33*(5), 532-536. doi: 10.1007/s10608-009-9230-5
- Muris, P., & Field, A. P. (2008). Distorted cognition and pathological anxiety in children and adolescents. *Cognition and Emotion, 22*(3), 395-421. doi: 10.1080/02699930701843450
- Muris, P., Jacques, P., & Mayer, B. (2004). The Stability of Threat Perception Abnormalities and Anxiety Disorder Symptoms in Non-Clinical Children. *Child Psychiatry and Human Development, 34*(3), 251-265.
- Muris, P., Luermans, J., Merckelbach, H., & Mayer, B. (2000). "Danger is lurking everywhere". The relation between anxiety and threat perception abnormalities in normal children. [Journal Article]. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 31*, 123-136.
- Muris, P., Merckelbach, H., Meesters, C., & van den Brand, K. (2002). Cognitive development and worry in normal children. *Cognitive Therapy and Research, 26*(6), 775-785. doi: 10.1023/a:1021241517274

- Muris, P., Merckelbach, H., Schepers, S., & Meesters, C. (2003). Anxiety, Threat Perception Abnormalities, and Emotional Reasoning in Nonclinical Dutch Children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(3), 453-459. doi: 10.1207/s15374424jccp3203_13
- Muris, P., Merckelbach, H., Schmidt, H., & Mayer, B. (1999). The revised version of the screen for child anxiety related emotional disorders (SCARED-R): Factor structure in normal children. *Personality and individual differences* 26, 99-112.
- Pais Ribeiro, J. (Ed.). (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde* Lisboa: Climepsi Editores.
- Quivy, R., & Campenhout, L. V. (Eds.). (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rosen, J. B., & Schulkin, J. (1998). From normal fear to pathological anxiety. *Psychological Review*, 105(2), 325-350. doi: 10.1037/0033-295x.105.2.325
- Salkovskis, P. (Ed.). (2005). *Fronteiras de Terapia Cognitiva*. Brasil: Casa do Psicólogo.
- Simon, E., & Bögels, S. M. (2009). Screening for anxiety disorders in children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 18(10), 625-634. doi: 10.1007/s00787-009-0023-x
- Skinner, E., & Zimmer-gembeck, M. (2007). The Development of Coping. *Annual Review of Psychology*, 119-144.
- Vala, J. (Ed.). (1986). *A Análise de Conteúdo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Vasey, M. W., El-Hag, N., & Daleiden, E. L. (1996). Anxiety and the processing of emotionally threatening stimuli: Distinctive patterns of selective attention among high- and low-test-anxious children. *Child Development*, 67(3), 1173-1185. doi: 10.2307/1131886
- Wilson, G. S., Pritchard, M. E., & Revalee, B. (2005). Individual Differences in Adolescent Health Symptoms: The Effects of Gender and Coping. *Journal of Adolescence*, 28(3), 369-379.

ANEXOS

Anexo A

Caraterização do género e idade das crianças

	Frequência	Percentagem
masculino	36	42,4
feminino	49	57,6
Total	85	100,0
<hr/>		
10 anos	20	23,5
11 anos	65	76,5
Total	85	100,0

Anexo B

Questionário sociodemográfico

Indica por favor os seguintes dados:

Sexo: M F

Idade:

Actividades Extracurriculares:

Sim Não

Ano lectivo:

5º 6º

Apoio Psicológico:

Sim Não

Anexo C

Escala Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders (SCARED-R)

Instrução

A seguir vais encontrar várias afirmações que se referem a medos e ansiedade nas crianças. Por favor, lê cada afirmação cuidadosamente e assinala com uma cruz (x) a frequência com que tens o sintoma: **quase nunca**, **às vezes**, ou **muitas vezes**. Não há respostas certas ou erradas. Sê apenas honesto sobre o modo como te sentes a maior parte das vezes. Não penses demasiado nas respostas. Não saltes questões.

	quase nunca	às vezes	muitas vezes
1. Quando estou assustado(a) tenho dificuldade em respirar			
2. Tenho medo das alturas			
3. Fico com dores de cabeça ou de estômago quando estou na escola			
4. Não gosto de estar com pessoas desconhecidas			
5. Quando vejo sangue fico com tonturas			
6. Quero que as coisas estejam no seu sítio			
7. Tenho medo quando durmo fora de casa			
8. Inquieta-me que os outros possam não gostar de mim			
9. Quando tenho medo sinto que vou desmaiar			
10. Acho que vou ser contaminado(a) com uma doença grave			
11. Sou nervoso(a)			
12. Tenho pensamentos que me assustam			
13. Sigo os meus pais para todo o lado			
14. As pessoas dizem-me que eu pareço nervoso(a)			
15. Fico nervoso(a) quando estou com pessoas desconhecidas			
16. Tenho medo de ir ao médico			
17. Não gosto de ir para a escola			
18. Quando estou assustado(a) sinto que vou enlouquecer			
19. Inquieta-me dormir sozinho(a)			
20. Tenho medo de ir ao dentista			
21. Inquieto-me em ser tão bom(a) como as outras crianças			
22. Tenho medo de um animal que, na verdade, não é perigoso			
23. Tenho medo quando há trovoadas			
24. Faço as coisas mais do que duas vezes para garantir que são bem feitas			
25. Tenho sonhos assustadores sobre um acontecimento desagradável que tive uma vez			
26. Quero que as coisas estejam limpas e arrumadas			
27. Quando estou assustado(a) sinto que as coisas não são reais			
28. Sentiria medo se tivesse que andar de avião			
29. Tenho pesadelos com os meus pais			

30. Preocupo-me por ter que ir para escola			
31. Há coisas que faço para ter menos medo dos meus pensamentos			
32. Quando estou assustado(a) o meu coração acelera			
33. Fico com medo quando vou receber uma injeção			
	quase nunca	às vezes	muitas vezes
34. Tenho medo de contrair uma doença grave			
35. Sinto-me fraco(a) e a tremer			
36. Tenho pesadelos sobre coisas más que me acontecem			
37. Tenho medo de um animal inofensivo em que não me atrevo a tocar			
38. Preocupa-me se as coisas vão correr bem comigo			
39. Tenho dúvidas sobre se fiz, na realidade, determinada coisa			
40. Quando estou com medo, transpiro imenso			
41. Estou sempre preocupado(a)			
42. Tenho medo quando assisto a uma operação			
43. Tento não pensar num acontecimento desagradável que tive uma vez			
44. Fico bastante assustado(a) sem ter razão para isso			
45. Tenho medo de estar só em casa			
46. Fico com medo quando me lembro de um acontecimento muito desagradável que uma vez tive			
47. Tenho dificuldade em falar com pessoas desconhecidas			
48. Quando estou assustado(a) sinto-me a sufocar			
49. As pessoas dizem-me que eu preocupo-me demasiado			
50. Não gosto de estar longe da minha família			
51. Tenho medo de ter ataques de ansiedade			
52. Preocupa-me que alguma coisa má aconteça aos meus pais			
53. Sou tímido(a) quando estou com pessoas desconhecidas			
54. Imagino-me a fazer mal a outras pessoas			
55. Preocupo-me com o futuro			
56. Quando estou assustado(a) sinto que vou vomitar			
57. Preocupa-me se estou a fazer as coisas suficientemente bem			
58. Assusta-me ir para a escola			
59. Preocupo-me com coisas que aconteceram no passado			
60. Quando me assusto sinto tonturas			
61. Fico com medo em sítios fechados ou pequenos			
62. Tenho pensamentos que preferia não ter			
63. Tenho medo do escuro			
64. Tenho pensamentos espontâneos sobre um acontecimento muito desagradável que tive uma vez			
65. Tenho medo de um animal de que a maior parte das crianças não tem medo			
66. Não gosto de estar no hospital			

Obrigado pela tua participação.

Anexo D

Nove histórias de ansiedade

história de ansiedade generalizada.

Chegas a casa e ligas a televisão. Está a dar as notícias. Não sabes bem do que se trata mas vês imagens de crianças. Elas falam Açoriano (são da ilha do Faial) e estão com medo; algumas delas choram. Então, ouves a voz do jornalista dizer: "Estas são as últimas imagens da zona que foi atingida pelo tremor de terra." (História 1)

história de separação.

Os teus pais arranjam bilhetes para o cinema. Eles querem ir este fim-de-semana ao cinema. Eles vão regressar muito tarde e, por isso, combinaram que tu dormisses em casa de um amigo. (História 2)

história social.

Decidiste começar a jogar futebol/ballet. Hoje estás, pela primeira vez, no clube de futebol/na escola de ballet. No vestiário vês um grupo com cerca de oito crianças. Ainda não conheces nenhum/a deles/as. Todos/as olham para ti quando caminhas na direção deles/as. (História 3)

história de ansiedade generalizada.

Foste sempre razoavelmente boa/a a matemática. As tuas notas têm sido sempre à volta do 4. Hoje o professor chega à aula e diz que vai haver um teste de matemática amanhã. Ele acrescenta que vai ser um teste difícil. (História 4)

história de separação.

A tua mãe já está doente há uma semana, de cama e com febre alta. Ela transpira imenso e tem dificuldade em falar. Muitas vezes, ela está a dormir quando tu voltas da escola e te sentas junto dela. Hoje ela está acordada mas quando tu comesças a falar com ela sobre o que aconteceu na escola, ela olha para ti e diz: "Por favor, vai-te embora, a mãe não se sente bem." (História 5)

história social.

O teu aniversário é na próxima semana e, por isso, queres organizar uma festa de aniversário. Fizeste uma lista de todos aqueles que queres convidar. Planeaste convidar as crianças durante o intervalo. O intervalo começa, tu saís da sala de aula na direção de algumas crianças da tua turma que queres convidar. (História 6)

história de ansiedade generalizada.

A tua mãe está a preparar um bolo. Ela põe o bolo no forno. Como tem que sair, pede-te para desligares o forno dali a algum tempo. Ela explica-te exatamente como o deves fazer. Quando ela sai, tu ficas a ver televisão. A determinada altura, lembras-te que tens de desligar o forno, mas já não sabes quando. (História 7)

história de separação.

Tu foste às compras com a tua mãe noutra cidade. Há muita gente. Entras numa loja grande à procura de um casaco novo para ti. Junto dos casacos, dás-lhes uma vista de olhos para ver se algum te agrada. Quando encontras um casaco voltas-te para chamar a tua mãe, mas não a vês na multidão. Chamas por ela mas ninguém responde. (História 8)

história social.

A tua mãe manda-te a uma loja comprar uma lata de atum. Há muita gente na loja. Quando retiras uma das latas empilhadas algumas delas caem ao chão. As pessoas olham para ti e para as latas caídas. (História 9)

Anexo E

Grelha de análise categorial

Pré-categorias	Categorias	Subcategorias
A - Ansiedade Generalizada	A1 - Pensamentos Positivos	A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
		A1.2 - Reconhecimento/Interesse e Envolvimento na Situação
		A1.3 - Distanciamento da Situação
	A2 - Pensamentos Neutros	
	A3 – Pensamentos Negativos	A3.1 – Medos
		A3.2 – Preocupação
		A3.3 – Outras Sentimentos/Emoções e Afetos
		A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação
A3.5 - Danos Materiais e Físicos		
B - Ansiedade Separação	B1 - Pensamentos Positivos	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação
		B1.3 – Aceitação Relutante da Separação
		B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal
	B2 – Pensamentos Neutros	
	B3 - Pensamentos Negativos	B3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		B3.2 - Dificuldades de Separação/Aceitação
		B3.3 - Danos Físicos
		B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação
	C - Fobia Social	C1 - Pensamentos Positivos
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social		
C1.3 - Interação com o Outro		
C2 - Pensamentos Neutros		
C3 - Pensamentos Negativos		C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social
		C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro
D - Ansiedade Generalizada	D1 - Pensamentos Positivos	D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste
		D1.3 – Investimento/Confiança e Desempenho
	D2 – Pensamentos Neutros	
	D3 - Pensamentos Negativos	D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação
		D3.3 – Insegurança
E – Ansiedade Separação	E1 - Pensamentos Positivos	E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		E1.2 - Aceitação da Separação
		E1.3 - Visão Otimista da Situação
		E1.4 - Reflexão sobre a Situação
	E2 – Pensamentos Neutros	
	E3 - Pensamentos Negativos	E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação
		E3.3 - Catastrofização da Situação

F - Fobia Social	F1 - Pensamentos Positivos	F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento
		F1.3 - Reconhecimento da Situação Social
	F2 – Pensamentos Neutros	
	F3 - Pensamentos Negativos	F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação
F3.3 - Expetativas		
G - Ansiedade Generalizada	G1 - Pensamentos Positivos	G1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		G1.2 – Desempenho
		G1.3 - Reflexão/Reconhecimento e Responsabilização pela Situação
	G2 –Pensamentos Neutros	
	G3 - Pensamentos Negativos	G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
		G3.2 – Pessimismo
		G3.3 - Dificuldades de Desempenho
		G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação
H - Ansiedade Separação	H1 - Pensamentos Positivos	H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
		H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação
		H1.3 - Estratégias de Remediação
	H2 –Pensamentos Neutros	
	H3 - Pensamentos Negativos	H3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
		H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação		
I - Fobia Social	I1 - Pensamentos Positivos	I1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos
		I1.2 - Estratégias de Remediação
		I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação
	I2 – Pensamentos Neutros	
	I3 - Pensamentos Negativos	I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos
		I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação
		I3.3 – Culpabilização
I3.4 – Perceção Exagerada da Situação		

Anexo H

Categorias de análise

pré-categoria A – história 1.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade generalizada representada na história 1.

categoria A1 – pensamentos positivos.

Esta categoria abrange referências de diferentes sentimentos, emoção de valência positiva, sem exagero relativamente ao estímulo da história e às outras crianças (e.g. preocupação com o outro, tristeza e pena), assim como a existência de um certo distanciamento da criança perante a situação (exemplos: C3 - “gostava de saber o que estava a acontecer.”; C25 - “Coitadinhos dos meninos!”).

subcategoria A1.1 – sentimentos/emoções e afetos.

Referência a sentimentos, emoções e afetos com valência positiva em relação ao estímulo da história e às outras crianças, como a empatia, preocupação, pena e tristeza (exemplos: C4 - “e tinha pena das outras pessoas que tinham sofrido.”; C62 - “porque se fosse num local que eu tivesse alguém que eu conhecesse eu ficava mais preocupada.”).

subcategoria A1.2 - reconhecimento/interesse e envolvimento na situação.

U.r. que se caracterizam pela implicação da criança na ação permitindo o seu envolvimento, mas sem exagero, bem como pelo interesse e reconhecimento da existência de um tremor de terra na ilha do Faial (exemplos: C11 - “Como é que os vão tirar dali!”; C15 - “Que elas não estavam a chorar para chamar os jornalistas, estavam a ter uma razão fundamentalizada.”).

subcategoria A1.3 - distanciamento da situação.

U.r. que reflitam um distanciamento da criança em relação ao estímulo, ou seja, espera-se que a notícia não seja absorvida negativamente ou mesmo que passe despercebida, pela criança conseguindo esta manter um certo distanciamento da situação, uma vez que se trata de um acontecimento que ocorreu na ilha do Faial e não na ilha da Terceira (exemplos: C38 - “Não podia fazer nada.”; C54 “Não pensava porque são coisas desagradáveis.”).

categoria A2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C13 - “Que havia um tremor de terra.”; C20 - “[As crianças deviam estar em pânico] e a chorar.”).

categoria A3 – pensamentos negativos.

Esta categoria abrange pensamentos e associações de valência negativa, bem como atributos indesejáveis, exagerados ou desafiantes, relacionados com cognições que envolvem o referente ou os seus familiares (e.g. preocupação exagerada, medo, ansiedade), assim como o não reconhecimento da situação (e.g. confronto, rejeição e negação), (exemplos: C6 - “Tinha medo que aquilo acontecesse aqui.”; C17 - “Que queria recuar no tempo para não ver,”).

subcategoria A3.1 – medos.

Referência a pensamentos que envolvem medo, receio ou pânico, espelhando uma visão de valência negativa ou um confronto à história, através da rejeição ou negação da mesma (exemplos: C21 - “Ficava com receio que podia acontecer outra vez”; C32 - “Um bocadinho assustada porque não queria que me acontecesse a mim.”).

subcategoria A3.2 – preocupação.

Inclui referências a pensamentos que envolvem uma preocupação excessiva ou catastrofização da situação, assim como a uma preocupação consigo próprio, com os seus sentimentos e com o seu espaço ou situação (exemplos: C1 - “Ficava preocupado se me acontecesse a mim.”; C19 - “Ficava um bocadinho preocupado como o Faial é perto daqui podia acontecer aqui.”).

subcategoria A3.3 – outras sentimentos emoções e afetos.

Referências feitas a sentimentos, emoções e afetos de valência negativa relacionados com cognições que envolvem o referente mas que têm atributos indesejáveis e exagerados e associações negativas que desafiam e que chocam, tais como, nervosa, espantada e triste (exemplos: C14 - “Ficava um bocado espantada”; C18 - “se calhar um bocado nervosa, porque podia passar aqui na Terceira.”).

subcategoria A3.4 – dificuldades de reconhecimento/deslocamento da situação.

Referências que englobam, de forma indireta, todos os sentimentos que por si só não são de valência negativa mas porque se associam à dificuldade do reconhecimento da situação ou a uma tentativa de deslocamento (temporal, espacial e pessoal) da situação (exemplos: C8 -

“Prontos, não me aconteceu nada a mim.”; C11 – “Penso que se calhar pode haver um tremor de terra aqui.”).

subcategoria A3.5 - danos materiais e físicos.

Referências que estão relacionadas com danos físicos e materiais, associados, por exemplo, à morte e à perda de familiares (exemplos: C10 - “Tipo se caísse a minha casa o meu dinheiro ia por água abaixo.”; C20 – “Que houve muitas mortes.”).

pré-categoria B – história 2.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade de separação representada na história 2.

categoria B1 – pensamentos positivos.

Esta categoria é caracterizada por referências a manifestações positivas e de reconhecimento da situação de separação dos pais (e.g. alegria, felicidade), (exemplos: C5 - “Pensava que ia ser bom.”; C26 - “desde que os meus pais se divertissem estava tudo bem.”).

subcategoria B1.1 – sentimentos/emoções e afetos.

Cabem nesta subcategoria manifestações de alegria, excitação e felicidade da criança perante a separação dos pais e ida para casa de um amigo, ou seja, espera-se que a criança não exteriorize qualquer tipo de ansiedade aceitando a situação (exemplos: C3 – “Ficava contente claro porque ia ter com um colega.”; C76 - “Que já tinha feito isto antes por isso não tinha medo.”).

subcategoria B1.2 - aceitação incondicional da separação.

U.r. que expressam desejo, vontade e aceitação incondicional de uma situação social, em que a criança aceita a situação, sem qualquer conotação negativa, quando confrontada com a saída dos pais e com a sua estadia em casa de um amigo (exemplos: C7 - “podia ir de boa vontade.”; C8 – “Têm que ir mais vezes ao cinema.”).

subcategoria B1.3 - aceitação relutante da separação.

U.r. que expressem uma valência negativa relativamente à situação, mas que acabam por ser enfrentadas de forma positiva, através da aceitação, ainda que relutante, da separação dos pais (exemplos: C17 – “Estava seguro, ia ficar com pessoas.”; C20 – “mas não me importava de ficar com um amigo ou amiga.”).

subcategoria B1.4 - reconhecimento da privacidade e vida do casal.

U.r. que indicam o reconhecimento e o respeito da criança relativamente à importância da privacidade do casal e ao facto de estes manifestarem vontade de irem sozinhos ao cinema (exemplos: C10 – “Eles vinham muito tarde é porque iam fazer uma coisa importante,”; C15 – “que eles têm a sua privacidade.”).

categoria B2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional. (exemplos: C9 “Que eles iam ao cinema”; C12 - “Pensava que ia ter com a minha amiga.”).

categoria B3 – pensamentos negativos.

Esta categoria abrange pensamentos e respostas emocionais negativas em relação à separação dos pais (e.g. ansiedade e tristeza) assim como sentimentos que por si só não são negativos mas que se associam ao não reconhecimento da situação (exemplos: C12 - “Ficava preocupada se lhes acontecia alguma coisa de mal,”; C16 - “Que era para os meus pais tipo não lhes acontecer nada de mal.”).

subcategoria B3.1 – sentimentos/emoções e afetos.

Carateriza-se por respostas emocionais de valência negativa ou algum desconforto perante a situação de separação dos pais, tais como, preocupação, tristeza e medo (exemplos: C6 - “Que também gostava de ir ao cinema.”; C39 – “Não tinha medo de ir para casa de um amigo que conhecesse bem.”).

subcategoria B3.2 - dificuldades de separação/aceitação.

Inclui referências às dificuldades evidenciadas pela criança relativamente ao afastamento de casa ou dos seus pais, bem como o facto da criança sentir necessidade de manter o contacto com os pais, mostrando ansiedade ao nível da separação (exemplos: C13 – “[Pensava que não gosto de dormir fora de casa (...)] porque eu não ia conseguir adormecer.”; C20 – “embora quisesse ver o filme com eles.”).

subcategoria B3.3 – danos físicos.

U.r. que expressem, de forma indireta, sentimentos de preocupação em relação à vida dos pais, referência a mortes, doenças ou temores de acidentes que envolvam os pais (exemplos: C12 – “[Ficava preocupada se lhes acontecia alguma coisa de mal], se eles morriam.”; C17 – “Pensava que queria que eles voltassem cedo para não acontecer nada a eles.”).

subcategoria B3.4 – dificuldades no reconhecimento da situação.

Referências que indicam, de forma indireta, sentimentos que por si só não são negativos mas que se associam ao não reconhecimento da situação, assim como, às dificuldades manifestadas pelas crianças relativamente à ausência dos pais (exemplos: C4 – “Depende do amigo, se fosse um amigo que eu conhecesse há muitos anos, era diferente de um amigo que conhecesse há pouco tempo, já o conhecia e tinha confiança.”; C10 – “[Eles vinham muito tarde é porque iam fazer uma coisa importante], ou o filme demorou mais tempo.”).

pré-categoria C – história 3.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade social representada na história 3.

categoria C1 – pensamentos positivos.

Esta categoria abrange referências a emoções, afetos e sentimentos positivos e moderadamente negativos, mas com valência positiva (e.g. desconforto, vergonha, inibição, timidez e alguma apreensão) ou a estratégias de adaptação, desvalorização, reconhecimento ou auto-confiança perante a situação e pelo fato de se tratar de pessoas desconhecidas (exemplos: C23 - “Pensava porque é que estão a olhar para mim, sou só mais um miúdo.”; C32 - “Não me conheciam e por isso estavam a olhar para mim.”).

Subcategoria C1.1 - sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que caracterizam sentimentos, emoções e afetos moderadamente negativos mas com valência positiva, como sejam pouco à vontade ou envergonhado perante a sua entrada num novo clube (exemplos: C18 – “mas não me preocupava muito.”; C70 - “Ficava tímido porque não conhecia ninguém.”).

subcategoria C1.2 - adaptação e reconhecimento da situação social.

U.r. com referências à utilização de estratégias cognitivas de adaptação à situação social, ao reconhecimento, aceitação e auto-confiança da criança (exemplos: C15 - “Também não sabiam se eu era um bom jogador ou não.”; C26 – “Pensava que me ia habituar a eles”).

subcategoria C1.3 - interação com o outro.

Alusões que indicam uma avaliação positiva da criança face à presença de desconhecidos e que indiquem uma vontade de interação com o outro, ou seja, que

demonstrem vontade da criança interagir e fazer novos amigos (exemplos: C13 – “Pensava que ia tentar fazer amigos,”; C41 – “ia aprender a jogar futebol.”).

categoria C2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C1 “Que não tinha nenhum amigo meu.”; C74 “Porque é que estavam a olhar para mim.”).

categoria C3 – pensamentos negativos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos com valência marcadamente negativa (e.g. ansiedade, desconforto, medo, rejeição e humilhação), assim como, a dificuldades de interação ou confronto/desafio à história (exemplos: C22 - “Pensava que preferia não estar ali,”; C44 - “que elas se estavam a rir de mim.”).

subcategoria C3.1 - sentimentos/emoções e afetos.

Referências a emoções e afetos negativos, como sejam tristeza e nervosismo em que a criança evidencie um sofrimento ou mal-estar relativo à situação (exemplos: C20 – “Um bocadinho triste porque não ia fazer mal nenhum a elas.”; C84 - “Ficava meio nervoso, porque não sabia se elas iam fazer qualquer coisa.”).

subcategoria C3.2 - dificuldade de adaptação e de reconhecimento da situação social.

U.r. que expressam um confronto à história ou qualquer reação de evitamento, sensação de humilhação, ou desconforto acentuado perante os olhares das crianças presentes no vestiário (exemplos: C24 – “Pensava que estava a mais, se calhar.”; C48 – “Ficava a remoer naquele assunto um bocadinho.”).

subcategoria C3.3 - dificuldades na interação com o outro.

Referências negativas à forma como a criança percebe a sua entrada no novo clube e à sua presença perante a presença de crianças desconhecidas, tais como, sentimentos de inferioridade ou rejeição que dificultem a sua interação com os outros (exemplos: C10 - “[Os outros jogadores do outro grupo (...)] podia incentivar a fazer coisas piores.”; C25 – “Pensava que elas não queriam ser minhas amigas por estarem a olhar para mim de forma estranha.”).

pré-categoria D – história 4.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade generalizada representada na história 4.

categoria D1 – pensamentos positivos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos positivos ou moderadamente negativos, mas com valência positiva (e.g. preocupação e ansiedade) bem como, à aceitação da situação de avaliação e à confiança no próprio desempenho (exemplos: C7 - “Que tinha que estudar.”; C46 - “Ficava um bocadinho preocupada se ia conseguir estudar tudo a tempo.”).

subcategoria D1.1 - sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que expressam a presença de sentimentos, emoções e afetos ou associações positivas que não envolvam o exagero como a preocupação excessiva ou ansiedade por se tratar de uma situação de avaliação (exemplos: C19 - “Ficava preocupado pelo teste ser difícil.”; C43 - “com um pouco de ansiedade para que chegasse a casa e perceber o que o professor ensinou de maneira e ter uma boa nota.”).

subcategoria D1.2 – reflexão, reconhecimento/aceitação da situação de teste.

Referências que envolvam uma atitude positiva e de aceitação, implicando uma reflexão relativamente ao seu desempenho e aos seus resultados perante o momento de avaliação (exemplos: C27 - “aprendíamos que tínhamos que estudar logo no princípio da matéria.”; C79 - “[Pensava que era para fazer bluff,] mas estudava normalmente”).

subcategoria D1.3 – investimento/confiança e desempenho.

Referências que apresentem uma postura de confiança e investimento perante o seu desempenho face a uma situação de avaliação, reconhecendo o fato de ser bom aluno (exemplos: C3 - “[Vou fazer o teste] e vou tirar muito bom.”; C76 - “ e se precisasse de ajuda pedia alguém.”).

categoria D2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C14 - “Pensava talvez como é que ia gerir o estudo.”; C16 - “porque o teste ia ser difícil”).

categoria D3 – pensamentos negativos.

Referências explícitas a emoções, afetos e sentimentos com valência negativa (e.g. ansiedade, aflição e desespero) assim como, à injustiça, revolta, insegurança, insucesso e ao não reconhecimento da situação (exemplos: C4 - “Ia ficar assustado porque nunca gosto dos testes surpresa.”; C22 - “as minhas notas iam piorar.”).

subcategoria D3.1 - sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que envolvem sentimentos, emoções e afetos que possam originar elevados níveis de preocupação, pânico e nervosismo ou sentimentos de injustiça ou revolta que, de alguma forma, possam comprometer o sucesso da criança (exemplos: C49 – “Ficava traumatizado com aquele teste que o professor tinha dito que era muito difícil.”; C61 - “[Tinha que chegar a casa e estudar e não podia divertir-me] e ficava um bocado aborrecida.”).

subcategoria D3.2 – crítica e dificuldade no reconhecimento da situação.

Referências e críticas à ocorrência de um teste difícil e à falta de tempo para estudar não permitindo fazer o reconhecimento da situação (exemplos: C10 – “[Pensava que se calhar ia correr mal (...)] pois dizia que ia ser um teste difícil, por isso ia ser mesmo um teste difícil.”; C22 - “provavelmente não tinha tempo para estudar”).

subcategoria D3.3 – insegurança.

U.r. que expressam insegurança, desespero ou impotência relativamente ao seu desempenho, antecipando um final negativo, como seja baixar a nota ou mesmo ter negativa (exemplos: C11 – “o teste pode não correr bem.”; C26 – “e que no final do período ia baixar a nota.”).

pré-categoria E – história 5.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade de separação representada na história 5.

categoria E1 – pensamentos positivos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos positivos ou moderadamente negativos, mas com valência positiva (e.g. tristeza e preocupação) assim como, ao reconhecimento, reflexão, aceitação da situação e da recuperação da mãe (exemplos: C5 - “Ficava preocupada”; C40 - “Ela estava doente e eu ia-me embora”).

subcategoria E1.1 - sentimentos/emoções e afetos.

Referências a sentimentos, emoções e afetos positivos que a criança atribui à recuperação da mãe, bem como alguma preocupação e tristeza pela sua doença (exemplos: C1 – “Ficava preocupado com a mãe estar doente.”; C46 – “Sentia-me um bocadinho triste, não por me ter mandado embora, [porque sei que a minha mãe se preocupa comigo, (...)]”).

subcategoria E1.2 - aceitação da separação.

U.r. que expressam a capacidade de aceitação da separação e o respeito perante a vontade da mãe (exemplos: C7 – “se ela estava cansada, claro que eu ia ter que sair.”; C49 – “Que ela podia sentir-se mal disposta, naquele momento.”).

subcategoria E1.3 - visão otimista da situação.

Caracteriza-se por uma visão positiva e otimista relativamente ao estado de saúde da mãe uma vez que esta se encontra a melhorar (exemplos: C1 – “Era só uma doença que ia passar.”; C79 - “[Ficava assustada,] mas não muito porque era normal a doença.”).

subcategoria E1.4 - reflexão sobre a situação.

Referências que indicam a compreensão e a reflexão sobre a saída da criança do quarto e percepção dos benefícios que esta saída representa para a recuperação da mãe, ou seja, espera-se que a criança coopere com a situação (exemplos: C3 – “se eu tiver doente tenho que descansar para ver se recupero.”; C73 - “não podia fazer nada, já que ela estava doente.”).

categoria E2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C11 - “se ela vai ficar bem ou não.”; C14 - “ela está doente.”).

categoria E3 – pensamentos negativos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos marcadamente de valência negativa (e.g. revolta, mágoa e rejeição) assim como, à preocupação consigo próprio, a dificuldades de separação e pessimismo relativamente à situação (exemplos: C8 - “Espero que ela não morra!”; C28 - “Que a minha mãe me mandava embora para não apanhar a doença dela.”).

subcategoria E3.1 - sentimentos/emoções e afetos.

Carateriza-se por sentimentos, emoções e afetos de valência negativa, ou seja, pelo medo e preocupação em exagero, que a criança apresenta perante a doença e/ou separação da mãe (exemplos: C5 – “[Ficava preocupada] e com medo o que poderia acontecer à minha mãe.”; C23 – “Preocupava-me um bocado porque a minha mãe estava doente”).

subcategoria E3.2 - dificuldades de separação e reconhecimento da situação.

Referências que expressam pensamentos e afirmações marcadamente negativas relativamente à aceitação da separação e da doença da mãe que impedem a criança de fazer o reconhecimento real da situação (exemplos: C6 – “Não vou mais ter contigo, porque ela não queria que eu estivesse lá.”; C41 – “Que a minha mãe quando me disse para eu me ir embora, que eu chamava o meu pai porque ela estava a sentir-se mal”).

subcategoria E3.3 - catastrofização da situação.

U.r. que indicam pensamentos pessimistas e catastróficos, como sejam a perda, possibilidade de contágio, existência de danos físicos ou uma necessidade urgente de ajuda (exemplos: C4 - “e daquilo ser uma das últimas vezes que falava com ela.”; C74 – “Se calhar a minha mãe podia morrer.”).

pré-categoria F – história 6.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade social representada na história 6.

categoria F1 – pensamentos positivos.

Referências a emoções, afetos e sentimentos com valência positiva (e.g. entusiasmo, euforia e alegria), bem como, à ansiedade de entregar os convites, ao reconhecimento da situação, à interação e às expectativas favoráveis relativamente à festa (exemplos: C22 - “Ficava ansioso porque o aniversário é uma coisa boa.”; C43 - “Estava feliz que o meu aniversário era na próxima semana.”).

subcategoria F1.1 - sentimentos/emoções e afetos.

Carateriza-se por pensamentos de valência positiva que indicam prazer e felicidade por convidar os colegas. A referência à ansiedade é aceitável, uma vez que é uma ansiedade positiva, ligada à euforia e alegria de comemorar o seu aniversário (exemplos: C49 – “Ansioso porque ia convidar aqueles amigos para um dia tão especial.”; C72 - “porque a minha mãe e o meu pai, eu preocupo-me com eles.”).

subcategoria F1.2 - expectativas e vivências reais do acontecimento.

Referências a aspetos positivos que indicam diversão e expectativas, através da projeção da vivência real da criança no estímulo, por este se aproximar da realidade e da vivência de todas as crianças. Considerasse ainda o facto de a criança sonhar com a festa e de esperar que exista uma aceitação por parte dos colegas para irem ao seu aniversário (exemplos: C5 – “depois iam embora, mas iam felizes por ter ido”; C45 - “Que eles aceitam ir à festa.”).

subcategoria F1.3 - reconhecimento da situação social.

U.r. que indicam pensamentos, atitudes e comportamentos lógicos e desejáveis que expressem entusiasmo e confiança permitindo o reconhecimento da situação social, ocorrendo como consequência de pensamentos e atitudes lógicas perante a festa, tais como, a vontade e o

cuidado de entregar os convites (exemplos: C27 - Que tenho que me despachar se o intervalo fosse pequeno para entregar todos os convites.”; C32 – “Tinha que encontrar as pessoas todas para entregar o convite.”).

categoria F2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C20 - “Pensava no meu bolo como é que eu ia fazer”; C23 - “Pensava que as ia convidar”).

categoria F3 – pensamentos negativos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos de valência negativa (e.g. ansiedade exagerada, desconforto, medo e insegurança), assim como, à resistência ao contexto social ou a expectativas desfavoráveis da festa (exemplos: C10 - “Se elas não vinham aos anos,”; C35 - “Que podiam também não aparecer na minha festa.”).

subcategoria F3.1 - sentimentos/emoções e afetos.

Referências que expressam sentimentos, emoções e afetos ou associações de valência negativa, tais como, a tristeza, ansiedade exagerada, medo pela não aprovação dos pares ou receio perante a situação (exemplos: C11 - “ficava triste se alguém não quisesse ir aos meus anos.”; C24 – “Sentia logo aquela ansiedade de dizer logo como é que ia fazer com a festa.”).

subcategoria F3.2 – dificuldades no reconhecimento da situação.

U.r. que apontam para a existência de alguma inquietação exagerada ou desconforto perante a situação dificultando o seu reconhecimento (exemplos: C19 – “Pensava se não convidasse alguns, eles podiam ficar chateados comigo.”; C70 - “Pensava que tinha que dizer ao meu pai e à minha mãe, porque só se faz uma festa com a autorização dos pais.”).

subcategoria F3.3 – expectativas.

U.r. que referem expectativas desfavoráveis face ao contexto social através da projeção da sua vivência real ao estímulo, bem como insegurança no que se refere à festa e à interação da criança com o outro (exemplos: C11 – “Pensava que havia alguns que não quisessem brincar que tivessem chateados,”; C21 – [Pensava se vinham todas as pessoas que eu ia convidar] ou alguém ia ficar doente.”).

pré-categoria G – história 7.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade generalizada representada na história 7.

categoria G1 – pensamentos positivos.

Referências explícitas emoções, afetos e sentimentos positivos e moderadamente negativos, mas com valência positiva (e.g. confuso e preocupação), tal como, a estratégias, expectativas de sucesso no desempenho da tarefa e a atitudes refletidas (exemplos: C10 - “que eu podia ter tido mais atenção,”; C30 - “Pensava se o bolo estava bom para ela não notar nada.”).

subcategoria G1.1 - sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que expressam estados emocionais relativos a sentimentos, emoções, comportamentos e desejos que a criança apresenta face ao acontecimento, como sejam preocupação e confusão que, apesar de negativos, são conotados com valência positiva (exemplos: C5 - “e ficava preocupado se acontecesse alguma coisa.”; C33 - “depois ficava confuso”).

subcategoria G1.2 – desempenho.

Referências a alternativas ou estratégias de desempenho para realizar a tarefa como telefonar à mãe, ter mais cuidado ou atenção (exemplos: C16 - “Vou já ligar à minha mãe, para ela me dizer se já estava na hora do bolo ou se já tinha passado.”; C23 - “Pensava que podia ter ligado o relógio,”).

subcategoria G1.3 - reflexão/reconhecimento e responsabilização pela situação.

Carateriza-se por atitudes refletidas como o admitir que deveria ter tido mais atenção e cuidado relativamente às indicações da mãe para a realização da tarefa, responsabilizando-se pela situação (exemplos: C5 - “Penso que devia ter prestado mais atenção ao que a minha mãe tinha dito,”; C15 - “[Que tinha que prestar atenção às horas] e não ligar tanto à televisão,”).

categoria G2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C16 - “Hi! O que vou fazer agora?”; C18 - “Que tinha-me pedido e eu tinha-me esquecido.”).

categoria G3 – pensamentos negativos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos de valência negativa (e.g. aflição, pânico e ansiedade), a expectativas pessimistas, de fracasso ou de punição perante o seu desempenho ou a atitudes de crítica (exemplos: C19 - “Ficava preocupado que ela ficasse chateada comigo se o bolo queimasse.”; C20 - “Ficava com medo do bolo ficar estragado”).

subcategoria G3.1 – sentimentos/emoções e afetos.

Referências que apontam para emoções, sentimentos, comportamentos e desejos que lhes conferem atributos de valência negativa, como sejam preocupação, medo, aflição e nervos (exemplos: C31 - “Ficava preocupada que ela dissesse que era uma falta de responsabilidade”; C37 - “Ficava nervosa.”).

subcategoria G3.2 – pessimismo.

U.r. que expressam pessimismo ou sensação de fracasso que indiquem que o bolo queimou, que a mãe iria ficar chateada ou recorrer a qualquer tipo de punição, ou seja, pressupõe um desfecho negativo para a situação (exemplos: C3 - “Que a minha mãe ia ficar chateada.”; C43 - “A minha mãe vai-me matar.”).

subcategoria G3.3 - dificuldades de desempenho.

Unidades de resposta que abrangem pensamentos que demonstram incapacidade para fazer face à situação e resolução da tarefa, desafiando o estímulo e dificultando o seu próprio desempenho (exemplos: C21 - “Pensava que tinha que desligar mas não tinha maneira, porque já não me lembrava como se desligava.”; C75 - “Que não conseguia desligar.”).

subcategoria G3.4 – dificuldade no reconhecimento da situação.

U.r. que implicam associações negativas que comprometam o sucesso da tarefa e que o impeçam de reconhecer a situação real (exemplos: C11 - “Que podia haver um problema com o forno”; C12 - “Pensava que eu era uma filha má”).

pré-categoria H – história 8.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade de separação representada na história 8.

categoria H1 – pensamentos positivos.

Referências explícitas a emoções, afetos e sentimentos positivos ou moderadamente negativos, mas com valência positiva (e.g. preocupação e apreensão), assim como, confiança

e aceitação da situação e utilização de estratégias para encontrar a mãe (exemplos: C12 - “Sentia que tinha que fazer alguma coisa para encontrar a minha mãe.”; C20 - “Talvez ela tivesse distraída a ver um produto,”).

subcategoria H1.1 – sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que indicam sentimentos, emoções e afetos adequados à situação. Espera-se que a criança procure encontrar a mãe, sem que esta procura esteja associada ao sentir se perdida. Pensar para onde foi a mãe, ou que esta se tinha distraído um pouco ficando fora do seu alcance visual, é esperado nesta história, assim como alguma preocupação ou apreensão ligeira (exemplos: C18 – “Começava a ficar preocupada.”; C19 – “Ficava preocupado de não a ter visto”).

subcategoria H1.2 – capacidade para lidar com a separação.

Referência a estímulos que expressam otimismo e facilidade em lidar com a situação, sem reações emocionais muito demarcadas, ou que realçam o facto de a criança tentar encontrar a mãe, desde que o encontrar não esteja associado à palavra perdida (exemplos: C27 – “Podia ter ido para outro corredor e não me estar a ver.”; C28 – “Ou que ela podia estar num sítio que eu não a tinha procurado bem e era por isso que eu não a tinha visto.”).

subcategoria H1.3 - estratégias de remediação.

Referência a determinadas estratégias, atitudes e comportamentos com o intuito de encontrar a mãe, desde que encontrar a mãe não esteja associado à palavra perdida (exemplos: C3 – “eu podia pedir para usar o telefone, e telefonava a dizer onde estava”; C12 – “Sentia que tinha de fazer alguma coisa para encontrar a minha mãe.”).

categoria H2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C6 - “O que é que eu vou fazer?”; C39 - “não sabia onde é que ela estava.”).

categoria H3 – pensamentos negativos.

Referências explícitas a emoções, afetos e sentimentos de valência negativa (e.g. medo, pânico, angustia, ansiedade e perdido), assim como, dificuldades de aceitação da separação com referência ao abandono e à autorresponsabilização pela situação (exemplos: C2 - “Que ela me tinha deixado sozinha na loja.”; C21 - “Pensava que estava perdido”).

subcategoria H3.1 – sentimentos/emoções e afetos.

Implica todos os pensamentos, estados ou associações de valência negativa ou de ameaça perante a situação, como assustado, medo, pânico, aflição e nervosismo pelo facto da criança se sentir perdida e desorientada, ou ainda quando se verifica uma preocupação que indique a existência de um sentimento de abandono ou presença de pensamentos catastróficos (exemplos: C41 – “Eu ficava assustado porque não sabia nada dela.”; C68 - “Ficava preocupada porque estava sozinha diante daquela multidão toda,”).

subcategoria H3.2 - dificuldades para lidar com a separação.

U.r. que caracterizam reações e relatos que demonstrem dificuldade em lidar com a separação, tais como, pensar que a mãe está fora da loja, ou mesmo, a existência de alguma culpabilização da criança assumindo ela própria a responsabilidade perante a situação (exemplos: C21 – “ou então podia estar noutra loja.”; C82 - “A minha mãe como ela não me encontrava se calhar já tinha apanhado uma camioneta e ter ido para casa.”).

subcategoria H3.3 – dificuldade no reconhecimento da situação.

Referências que apontam para uma interpretação pessimista da situação com reações de valência negativa apresentando dificuldade em reconhecer a situação, assim como, a presença de um pedido de ajuda da criança para a levarem para casa, assumindo que a mãe o deixou (exemplos: C10 – “que o filho era só para pesar nas costas.”; C27 – “e se não a encontrasse pedia ajuda a alguém para me levar a casa.”).

pré-categoria I – história 9.

Codificam-se nesta pré-categoria todas as referências que ilustram pensamentos, com valências positivas, neutras e negativas, relativos à potencial situação de ansiedade social representada na história 9.

categoria II – pensamentos positivos.

Referências explícitas a emoções, afetos e sentimentos positivos e moderadamente negativos mas com valência positiva (e.g. tranquilidade, vergonha e atrapalhão), assim como, ao fator externo (latas empilhadas), à adoção de estratégias de remediação e desvalorização da situação (exemplos: C14 - “Não me importava se tivessem a olhar ou não,”; C43 - “Que estava envergonhada”).

subcategoria II.1 - sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que contenham pensamentos, comentários ou associações de valência positiva, em que é normal a criança se sentir atrapalhada, preocupada ou envergonhada mas sem que haja

um comprometimento emocional excessivo (exemplos: C16 – “Tal vergonha!!!”; C31 – “Ficava com as bochechas coradas.”).

subcategoria II.2 - estratégias de remediação.

Referência a estratégias de valência positiva com o intuito de ultrapassar/resolver a situação (exemplos: C23 – “E pensava que só tinha que as ajuntar,”; C27 – “e que tinha que pedir desculpa à dona da loja”).

subcategoria II.3 – aceitação e desvalorização da situação.

Referências que expressam aceitação ou desvalorização da situação, interpretando a mesma como normal e até divertida (exemplos: C5 – “que não havia problema nenhum.”; C37 - “o que tinha acontecido não era razão para isso.”).

categoria I2 – pensamentos neutros.

Referência a pensamentos ou associações que não trazem nada de novo à história, isentas de conteúdo informativo ou carga emocional (exemplos: C32 - “não sabia o que fazer.”; C38 - “Porque as pessoas estavam a olhar.”).

categoria I3 – pensamentos negativos.

Referência a emoções, afetos e sentimentos com valência negativa (e.g. ansiedade, humilhação e desconforto), bem como, a reflexões críticas, pessimismo, culpabilização e punições (exemplos: C15 - “Que estavam a olhar para mim porque eu tinha feito um disparate sem querer,”; C25 - “Pensava que tinha feito porcaria,”).

subcategoria I3.1 – sentimentos/emoções e afetos.

U.r. que caracterizam sentimentos, emoções, afetos e reações de valência negativa ou de ameaça perante a situação em que a criança se sinta excessivamente envergonhada, aflita, nervosa e com medo (exemplos: C7 – “Um bocado de vergonha,”; C53 – “[Ficava nervosa] e a tremer.”).

subcategoria I3.2 - dificuldades de aceitação e valorização negativa da situação.

Referências exageradas de valência negativa que demonstram dificuldades de aceitação, valorizando de forma negativa a situação (exemplos: C19 – “As pessoas podiam-se ficar a rir.”; C51 – “Pensava que alguém podia vir ralhar comigo por eu ter posto as latas no chão.”).

subcategoria I3.3 – culpabilização.

U.r. que expressam a necessidade da criança ter mais cuidado ou atenção, culpando-se a si própria pela situação (exemplos: C12 – “Pensava que tinha feito alguma coisa de mal.”; C48 – “fui deixar cair isto tudo!”).

subcategoria I3.4 – percepção exagerada da situação.

Referência a interpretações do estímulo de forma pessimista com reações emocionais muito demarcadas, prevendo resultados negativos (exemplos: C26 – “e pensava que as latas tinham-se estragado,”; C43 – “Pensava que o dono ia brigar comigo.”).

Anexo I

Valores de frequência agregados em pré-categorias e categorias

Pré-categorias e categorias	Σ de u.r.
AG (Ansiedade Generalizada)	769
AG (Pensamentos Positivos)	232
AG (Pensamentos Neutros)	20
AG (Pensamentos Negativos)	517
AS (Ansiedade de Separação)	807
AS (Pensamentos Positivos)	318
AS (Pensamentos Neutros)	41
AS (Pensamentos Negativos)	448
FS (Fobia Social)	604
FS (Pensamentos Positivos)	295
FS (Pensamentos Neutros)	35
FS (Pensamentos Negativos)	274

Anexo J

Unidades de registo das subcategorias

Subcategorias	U.r.
A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	62
A1.2 - Reconhecimento/Interesse e Envolvimento na Situação	24
A1.3 - Distanciamento da Situação	3
A3.1 – Medos	56
A3.2 – Preocupação	13
A3.3 – Outras Sentimentos/Emoções e Afetos	17
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	57
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	66
B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	20
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	64
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	25
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	17
B3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	40
B3.2 - Dificuldades de Separação/Aceitação	33
B3.3 - Danos Físicos	18
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	16
C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	21
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	54
C1.3 - Interação com o Outro	40
C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	25
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social	20
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	57
D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	11
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste	13
D1.3 – Investimento/Confiança e Desempenho	43
D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	42
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	30
D3.3 – Insegurança	79
E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	26
E1.2 - Aceitação da Separação	31
E1.3 - Visão Otimista da Situação	17
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	34
E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	53
E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação	61

E3.3 - Catastrofização da Situação	66
F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	15
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	65
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	30
F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	8
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	15
F3.3 - Expetativas	25
G1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	8
G1.2 – Desempenho	32
G1.3 - Reflexão/Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	36
G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	25
G3.2 – Pessimismo	109
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	13
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	10
H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	8
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	49
H1.3 - Estratégias de Remediação	27
H3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	45
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	95
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	21
I1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	32
I1.2 - Estratégias de Remediação	20
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	18
I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	29
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	25
I3.3 – Culpabilização	28
I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	42

Anexo K

Análise global de todas as subcategorias

	Média
G3.2 – Pessimismo	1,28
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	1,12
D3.3 – Insegurança	0,93
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	0,78
E3.3 - Catastrofização da Situação	0,78
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	0,76
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	0,74
A1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,72
E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação	0,72
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	0,67
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	0,67
A3.1 – Medos	0,66
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	0,64
E3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,62
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	0,58
H3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,53
D1.3 – Investimento/ Confiança e Desempenho	0,51
I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	0,49
D3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,48
B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,47
C1.3 - Interação com o Outro	0,47
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	0,45
G1.3 - Reflexão/ Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	0,42
B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	0,39
G1.2 – Desempenho	0,38
I1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,38
E1.2 - Aceitação da Separação	0,36
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	0,35
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,34
I3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,34
I3.3 – Culpabilização	0,33
H1.3 - Estratégias de Remediação	0,32
E1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,31
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	0,29

C3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,29
F3.3 - Expetativas	0,29
G3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,29
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	0,29
A1.2 - Reconhecimento/ Interesse e Envolvimento na Situação	0,28
C1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,25
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	0,25
B1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,24
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social	0,24
I1.2 - Estratégias de Remediação	0,24
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	0,21
A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,20
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	0,20
E1.3 - Visão Otimista da Situação	0,20
B3.3 - Danos Físicos	0,19
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,19
F1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,18
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,18
A3.2 – Preocupação	0,15
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste	0,15
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	0,15
D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,13
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,12
F3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09
G1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09
H1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09
A1.3 - Distanciamento da Situação	0,04

Nota. Apresentam-se todas as subcategorias, por ordem decrescente da frequência com que surgem nas histórias

Anexo L

Análise global de todas as subcategorias, por pensamentos positivos e negativos

Pensamentos Positivos	Média
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	0,76
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	0,74
A1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,72
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	0,64
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	0,58
D1.3 – Investimento/ Confiança e Desempenho	0,51
C1.3 - Interação com o Outro	0,47
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	0,45
G1.3 - Reflexão/ Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	0,42
G1.2 – Desempenho	0,38
I1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,38
E1.2 - Aceitação da Separação	0,36
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	0,35
H1.3 - Estratégias de Remediação	0,32
E1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,31
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	0,29
A1.2 - Reconhecimento/ Interesse e Envolvimento na Situação	0,28
C1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,25
B1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,24
I1.2 - Estratégias de Remediação	0,24
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	0,21
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	0,20
E1.3 - Visão Otimista da Situação	0,20
F1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,18
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste	0,15
D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,13
G1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09
H1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09
A1.3 - Distanciamento da Situação	0,04
Pensamentos Negativos	Média
G3.2 – Pessimismo	1,28
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	1,12
D3.3 – Insegurança	0,93
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	0,78

E3.3 - Catastrofização da Situação	0,78
E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação	0,72
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	0,67
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	0,67
A3.1 – Medos	0,66
E3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,62
H3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,53
I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	0,49
D3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,48
B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,47
B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	0,39
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,34
I3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,34
I3.3 – Culpabilização	0,33
C3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,29
F3.3 - Expetativas	0,29
G3.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,29
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	0,29
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	0,25
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social	0,24
A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,20
B3.3 - Danos Físicos	0,19
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,19
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,18
A3.2 – Preocupação	0,15
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	0,15
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	0,12
F3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	0,09

Nota. Apresentam-se todas as subcategorias, agrupadas por pensamentos positivos e negativos, por ordem decrescente da frequência com que surgem nas histórias

Anexo M

Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os três tipos de ansiedade: AG, AS e FS e o género das crianças

		N	Média	Desvio Padrão	<i>t</i> -Student	<i>p</i> -value
AG - Ansiedade Generalizada	masculino	36	,40	,174	-1,072	0,287
	feminino	49	,43	,142		
AG - Pensamentos Positivos	masculino	36	,31	,228	0,482	0,631
	feminino	49	,29	,191		
AG - Pensamentos Negativos	masculino	36	,46	,272	-1,403	0,164
	feminino	49	,54	,254		
AS - Ansiedade Separação	masculino	36	,41	,115	-0,961	0,339
	feminino	49	,44	,173		
AS - Pensamentos Positivos	masculino	36	,34	,181	-0,012	0,990
	feminino	49	,34	,196		
AS - Pensamentos Negativos	masculino	36	,49	,273	-0,903	0,369
	feminino	49	,55	,378		
FS - Fobia Social	masculino	36	,35	,147	-0,146	0,885
	feminino	49	,35	,172		
FS - Pensamentos Positivos	masculino	36	,38	,271	-0,177	0,860
	feminino	49	,39	,248		
FS - Pensamentos Negativos	masculino	36	,32	,280	-0,004	0,997
	feminino	49	,32	,224		

Género - Variável nominal dicotómica. Para realizar o cruzamento entre as categorias em estudo e esta variável utiliza-se o teste paramétrico *t*-Student, embora exista desvio à normalidade, ele não é severo, pelo que pode usar-se o teste *t*-student, pelo fato dos testes paramétricos serem mais robustos.

O valor de prova é superior a 5% para todas as categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

Anexo N

Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os diversos tipos de ansiedade por história e o género das crianças

		N	Média	Desvio padrão	t-Student	p-value
A - Ansiedade Generalizada	masculino	36	,40	,228	-1,236	0,220
	feminino	49	,46	,212		
A1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,36	,368	0,362	0,718
	feminino	49	,33	,320		
A3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,43	,345	-1,421	0,159
	feminino	49	,54	,363		
B - Ansiedade Separação	masculino	36	,34	,171	-0,178	0,859
	feminino	49	,34	,205		
B1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,39	,324	0,561	0,576
	feminino	49	,35	,279		
B3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,28	,382	-0,579	0,564
	feminino	49	,33	,452		
C - Fobia Social	masculino	36	,45	,186	1,081	0,283
	feminino	49	,40	,223		
C1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,51	,468	1,053	0,295
	feminino	49	,41	,410		
C3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,40	,509	-0,032	0,974
	feminino	49	,40	,415		
D - Ansiedade Generalizada	masculino	36	,40	,212	-0,661	0,510
	feminino	49	,44	,259		
D1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,25	,377	-0,306	0,760
	feminino	49	,27	,310		
D3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,56	,422	-0,454	0,651
	feminino	49	,61	,552		
E - Ansiedade Separação	masculino	36	,47	,190	-0,596	0,553
	feminino	49	,50	,279		
E1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,33	,311	0,098	0,922
	feminino	49	,33	,320		
E3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,66	,537	-0,589	0,557
	feminino	49	,74	,721		
F - Fobia Social	masculino	36	,26	,240	-1,458	0,149
	feminino	49	,35	,296		

F1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,35	,373	-1,383	0,170
	feminino	49	,49	,506		
F3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,17	,343	-0,486	0,628
	feminino	49	,20	,353		
G - Ansiedade Generalizada	masculino	36	,39	,207	-0,262	0,794
	feminino	49	,40	,191		
G1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,33	,365	0,839	0,404
	feminino	49	,27	,309		
G3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,42	,298	-0,951	0,344
	feminino	49	,49	,331		
H - Ansiedade Separação	masculino	36	,44	,246	-1,252	0,214
	feminino	49	,51	,218		
H1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,30	,397	-0,728	0,469
	feminino	49	,35	,337		
H3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,59	,383	-0,733	0,466
	feminino	49	,66	,444		
I - Fobia Social	masculino	36	,34	,157	0,513	0,609
	feminino	49	,32	,173		
I1 - Pensamentos Positivos	masculino	36	,28	,246	0,089	0,929
	feminino	49	,27	,278		
I3 - Pensamentos Negativos	masculino	36	,38	,283	0,485	0,629
	feminino	49	,35	,279		

O valor de prova é superior a 5% para todas as categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois géneros.

Anexo O

Diferenças significativas e não significativas, através dos seus valores médios para as subcategorias e o género das crianças

		N	Média	Desvio Padrão	t-Student	p-value																																																																																																																																																																																																																																																																	
A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,72	,815	0,047	0,963																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,71	,736			A1.2 - Reconhecimento/Interesse e Envolvimento na Situação	masculino	36	,33	,632	0,706	0,482	feminino	49	,24	,522	A1.3 - Distanciamento da Situação	masculino	36	,03	,167	-0,318	0,751	feminino	49	,04	,200	A3.1 – Medos	masculino	36	,56	,809	-1,047	0,298	feminino	49	,73	,758	A3.2 – Preocupação	masculino	36	,22	,422	1,524	0,131	feminino	49	,10	,306	A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568	feminino	49	,22	,468	A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42
A1.2 - Reconhecimento/Interesse e Envolvimento na Situação	masculino	36	,33	,632	0,706	0,482																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,24	,522			A1.3 - Distanciamento da Situação	masculino	36	,03	,167	-0,318	0,751	feminino	49	,04	,200	A3.1 – Medos	masculino	36	,56	,809	-1,047	0,298	feminino	49	,73	,758	A3.2 – Preocupação	masculino	36	,22	,422	1,524	0,131	feminino	49	,10	,306	A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568	feminino	49	,22	,468	A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360								
A1.3 - Distanciamento da Situação	masculino	36	,03	,167	-0,318	0,751																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,04	,200			A3.1 – Medos	masculino	36	,56	,809	-1,047	0,298	feminino	49	,73	,758	A3.2 – Preocupação	masculino	36	,22	,422	1,524	0,131	feminino	49	,10	,306	A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568	feminino	49	,22	,468	A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																			
A3.1 – Medos	masculino	36	,56	,809	-1,047	0,298																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,73	,758			A3.2 – Preocupação	masculino	36	,22	,422	1,524	0,131	feminino	49	,10	,306	A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568	feminino	49	,22	,468	A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																														
A3.2 – Preocupação	masculino	36	,22	,422	1,524	0,131																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,10	,306			A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568	feminino	49	,22	,468	A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																									
A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,17	,447	-0,573	0,568																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,22	,468			A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754	feminino	49	,69	,713	A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																				
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	masculino	36	,64	,899	-0,314	0,754																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,69	,713			A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226	feminino	49	,94	1,688	B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																															
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	masculino	36	,56	,969	-1,221	0,226																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,94	1,688			B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480	feminino	49	,27	,491	B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																										
B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-0,709	0,480																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,27	,491			B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751	feminino	49	,71	,816	B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																					
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	masculino	36	,78	1,017	0,319	0,751																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,71	,816			B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253	feminino	49	,22	,587	B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	masculino	36	,39	,728	1,152	0,253																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,22	,587			B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928	feminino	49	,20	,499	B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																											
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	masculino	36	,19	,467	-0,090	0,928																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,20	,499			B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801	feminino	49	,49	,845	B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																						
B3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,773	-0,253	0,801																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,49	,845			B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570	feminino	49	,43	,791	B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																	
B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	masculino	36	,33	,717	-0,571	0,570																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,43	,791			B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689	feminino	49	,20	,407	B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																												
B3.3 - Danos Físicos	masculino	36	,17	,447	-0,401	0,689																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,20	,407			B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781	feminino	49	,20	,676	C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																							
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,507	-0,279	0,781																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,20	,676			C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162	feminino	49	,18	,441	C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																		
C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,33	,535	1,412	0,162																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,18	,441			C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072	feminino	49	,49	,582	C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																													
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,83	1,134	1,822	0,072																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,49	,582			C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343	feminino	49	,55	,959	C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																								
C1.3 - Interação com o Outro	masculino	36	,36	,833	-0,953	0,343																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,55	,959			C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201	feminino	49	,37	,727	C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																			
C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,19	,401	-1,288	0,201																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,37	,727			C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559	feminino	49	,27	,569	C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																														
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,19	,525	-0,586	0,559																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,27	,569			C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279	feminino	49	,57	,677	D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																																									
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	masculino	36	,81	1,283	1,089	0,279																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,57	,677			D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699	feminino	49	,14	,408	D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																																																				
D1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,11	,319	-0,388	0,699																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,14	,408			D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400	feminino	49	,10	,368	D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																																																															
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/ Aceitação da Situação de Teste	masculino	36	,22	,898	0,847	0,400																																																																																																																																																																																																																																																																	
	feminino	49	,10	,368			D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																																																																										
D1.3 – Investimento/Confiança	masculino	36	,42	,649	-0,920	0,360																																																																																																																																																																																																																																																																	

		N	Média	Desvio Padrão	t-Student	p-value
e Desempenho	feminino	49	,57	,842		
D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,25	,439	-2,586	* 0,011
	feminino	49	,65	,855		
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,39	,766	0,512	0,610
	feminino	49	,31	,713		
D3.3 – Insegurança	masculino	36	1,03	1,000	0,777	0,439
	feminino	49	,86	1,000		
E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,25	,500	-0,861	0,392
	feminino	49	,35	,522		
E1.2 - Aceitação da Separação	masculino	36	,36	,683	-0,045	0,965
	feminino	49	,37	,602		
E1.3 - Visão Otimista da Situação	masculino	36	,28	,659	1,216	0,228
	feminino	49	,14	,354		
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	masculino	36	,44	,809	-0,027	0,979
	feminino	49	,45	,738		
E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,53	,845	-0,672	0,504
	feminino	49	,69	1,294		
E3.2 - Dificuldades de Separação e Reconhecimento da Situação	masculino	36	,78	,832	0,470	0,640
	feminino	49	,67	1,125		
E3.3 - Catastrofização da Situação	masculino	36	,67	1,121	-0,833	0,407
	feminino	49	,86	,979		
F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,06	,232	-1,974	0,052
	feminino	49	,27	,605		
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	masculino	36	,72	1,111	-0,267	0,790
	feminino	49	,80	1,354		
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	masculino	36	,28	,566	-1,081	0,283
	feminino	49	,41	,537		
F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,08	,280	-0,289	0,774
	feminino	49	,10	,306		
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,17	,447	0,034	0,973
	feminino	49	,16	,472		
F3.3 - Expetativas	masculino	36	,25	,874	-0,570	0,570
	feminino	49	,35	,694		
G1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,14	,351	1,208	0,231
	feminino	49	,06	,242		
G1.2 – Desempenho	masculino	36	,44	,695	0,870	0,387
	feminino	49	,33	,555		
G1.3 - Reflexão/ Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	masculino	36	,42	,906	-0,069	0,945
	feminino	49	,43	,677		
G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,22	,485	-0,871	0,386
	feminino	49	,35	,751		
G3.2 – Pessimismo	masculino	36	1,17	1,028	-0,907	0,367
	feminino	49	1,37	,994		
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	masculino	36	,19	,467	0,832	0,408
	feminino	49	,12	,331		
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,11	,319	-0,158	0,874
	feminino	49	,12	,331		
H1.1 – Sentimentos/ Emoções e Afetos	masculino	36	,14	,351	1,208	0,231
	feminino	49	,06	,242		
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	masculino	36	,56	,998	-0,187	0,852
	feminino	49	,59	,788		
H1.3 - Estratégias de Remediação	masculino	36	,19	,467	-1,581	0,118
	feminino	49	,41	,705		

		N	Média	Desvio Padrão	t-Student	p-value
H3.1 – Sentimentos Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,607	-0,859	0,393
	feminino	49	,59	,888		
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	masculino	36	1,03	,910	-0,772	0,443
	feminino	49	1,18	,928		
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	masculino	36	,31	,467	0,951	0,344
	feminino	49	,20	,499		
I1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,44	,504	1,051	0,296
	feminino	49	,33	,516		
I1.2 - Estratégias de Remediação	masculino	36	,28	,513	0,698	0,487
	feminino	49	,20	,456		
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	masculino	36	,11	,319	-1,493	0,139
	feminino	49	,29	,645		
I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	masculino	36	,28	,513	-0,796	0,428
	feminino	49	,39	,702		
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	masculino	36	,33	,586	0,582	0,562
	feminino	49	,27	,491		
I3.3 – Culpabilização	masculino	36	,36	,593	0,442	0,660
	feminino	49	,31	,548		
I3.4 – Perceção Exagerada da Situação	masculino	36	,56	,909	0,608	0,545
	feminino	49	,45	,709		

Nota. * diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para a categoria D3.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos, rejeita-se H_0 e aceita-se H_1 : considera-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades. O valor de prova é superior a 5% para as restantes categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades.

Anexo P

Diferenças, não significativas, através dos valores médios entre os três tipos de ansiedade: AG, AS, FS e a idade das crianças

		N	Média	Desvio padrão	<i>t</i> -Student	<i>p</i> -value
AG - Ansiedade Generalizada	10 anos	20	,43	,190	0,436	0,664
	11 anos	65	,41	,146		
AG - PP	10 anos	20	,27	,226	-0,869	0,387
	11 anos	65	,31	,201		
AG - PNEG	10 anos	20	,55	,288	0,945	0,348
	11 anos	65	,49	,256		
AS - Ansiedade Separação	10 anos	20	,44	,149	0,358	0,721
	11 anos	65	,43	,153		
AS - PP	10 anos	20	,30	,152	-1,080	0,283
	11 anos	65	,35	,198		
AS - PNEG	10 anos	20	,59	,328	0,990	0,325
	11 anos	65	,50	,340		
FS - Fobia Social	10 anos	20	,38	,140	0,929	0,355
	11 anos	65	,34	,167		
FS - PP	10 anos	20	,36	,229	-0,495	0,622
	11 anos	65	,39	,266		
FS - PNEG	10 anos	20	,40	,277	1,620	0,109
	11 anos	65	,30	,235		

Idade - Variável nominal dicotômica. Para realizar o cruzamento entre as categorias em estudo e esta variável utiliza-se o teste paramétrico *t*-Student, embora exista desvio à normalidade, ele não é severo, pelo que pede usar-se o teste *t*-Student, pelo fato dos testes paramétricos serem mais robustos.

O valor de prova é superior a 5% para todas as categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades.

Anexo Q

Diferenças, significativas e não significativas, através dos valores médios entre os diversos tipos de ansiedade por história e a idade das crianças

		N	Média	Desvio Padrão	t-Student	p-value
A - Ansiedade Generalizada	10 anos	20	,46	,304	0,442	0,660
	11 anos	65	,43	,189		
A1 - PP	10 anos	20	,28	,310	-0,946	0,347
	11 anos	65	,36	,348		
A3 - PNEG	10 anos	20	,56	,433	0,975	0,333
	11 anos	65	,47	,332		
B - Ansiedade Separação	10 anos	20	,39	,176	1,331	0,187
	11 anos	65	,33	,193		
B1 - PP	10 anos	20	,38	,275	0,126	0,900
	11 anos	65	,37	,306		
B3 - PNEG	10 anos	20	,40	,401	1,107	0,272
	11 anos	65	,28	,427		
C - Fobia Social	10 anos	20	,47	,205	1,208	0,231
	11 anos	65	,41	,209		
C1 - PP	10 anos	20	,48	,477	0,379	0,706
	11 anos	65	,44	,425		
C3 - PNEG	10 anos	20	,47	,501	0,757	0,451
	11 anos	65	,38	,441		
D - Ansiedade Generalizada	10 anos	20	,42	,245	-0,136	0,892
	11 anos	65	,43	,239		
D1 - PP	10 anos	20	,22	,272	-0,691	0,491
	11 anos	65	,28	,357		
D3 - PNEG	10 anos	20	,62	,575	0,325	0,746
	11 anos	65	,57	,478		
E - Ansiedade Separação	10 anos	20	,45	,185	-0,862	0,391
	11 anos	65	,50	,260		
E1 - PP	10 anos	20	,31	,333	-0,274	0,785
	11 anos	65	,33	,310		
E3 - PNEG	10 anos	20	,63	,495	-0,581	0,563
	11 anos	65	,73	,690		
F - Fobia Social	10 anos	20	,32	,212	0,270	0,788

	11 anos	65	,31	,293		
F1 - PP	10 anos	20	,42	,358	-0,158	0,875
	11 anos	65	,44	,486		
F3 - PNEG	10 anos	20	,23	,461	0,659	0,512
	11 anos	65	,17	,308		
G - Ansiedade Generalizada	10 anos	20	,42	,206	0,597	0,552
	11 anos	65	,39	,195		
G1 - PP	10 anos	20	,30	,388	0,037	0,970
	11 anos	65	,30	,318		
G3 - PNEG	10 anos	20	,50	,256	0,615	0,540
	11 anos	65	,45	,334		
H - Ansiedade Separação	10 anos	20	,50	,210	0,438	0,663
	11 anos	65	,47	,238		
H1 - PP	10 anos	20	,20	,252	-1,859	0,067
	11 anos	65	,37	,383		
H3 - PNEG	10 anos	20	,80	,348	2,109	* 0,038
	11 anos	65	,58	,427		
I - Fobia Social	10 anos	20	,35	,162	0,754	0,453
	11 anos	65	,32	,168		
I1 - PP	10 anos	20	,18	,229	-1,788	0,077
	11 anos	65	,30	,269		
I3 - PNEG	10 anos	20	,48	,280	2,055	* 0,043
	11 anos	65	,33	,273		

Nota. * diferença significativa para $p < 0,05$

O valor de prova é inferior a 5% para as categorias H3 - Pensamentos Negativos e I3 - Pensamentos Negativos, rejeita-se H_0 e aceita-se H_1 : considera-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades. O valor de prova é superior a 5% para as restantes categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades.

Anexo R

Diferenças, significativas e não significativas, através dos seus valores médios para as subcategorias e a idade das crianças

		N	Média	Desvio		<i>t</i> -Student	<i>p</i> -value
				Padrão			
A1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,70	,801		-0,117	0,907
	11 anos	65	,72	,761			
A1.2 - Reconhecimento/ Interesse e Envolvimento na Situação	10 anos	20	,10	,308		-1,655	0,102
	11 anos	65	,34	,619			
A1.3 - Distanciamento da Situação	10 anos	20	,05	,224		0,403	0,688
	11 anos	65	,03	,174			
A3.1 – Medos	10 anos	20	,50	,761		-1,042	0,301
	11 anos	65	,71	,785			
A3.2 – Preocupação	10 anos	20	,25	,444		1,378	0,172
	11 anos	65	,12	,331			
A3.3 – Outras Sentimentos/ Emoções e Afetos	10 anos	20	,20	,523		0,000	10,000
	11 anos	65	,20	,440			
A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação	10 anos	20	1,10	,912		2,889	** 0,005
	11 anos	65	,54	,709			
A3.5 - Danos Materiais e Físicos	10 anos	20	,75	1,293		-0,094	0,925
	11 anos	65	,78	1,484			
B1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,10	,308		-1,537	0,128
	11 anos	65	,28	,484			
B1.2 - Aceitação Incondicional da Separação	10 anos	20	,70	,733		-0,232	0,817
	11 anos	65	,75	,952			
B1.3 – Aceitação Relutante da Separação	10 anos	20	,40	,598		0,830	0,409
	11 anos	65	,26	,668			
B1.4 - Reconhecimento da Privacidade e Vida do Casal	10 anos	20	,30	,470		1,059	0,292
	11 anos	65	,17	,486			
B3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,70	,865		1,457	0,149
	11 anos	65	,40	,787			
B3.2 - Dificuldades de Separação/ Aceitação	10 anos	20	,35	,587		-0,257	0,798
	11 anos	65	,40	,806			
B3.3 - Danos Físicos	10 anos	20	,35	,489		1,993	* 0,050
	11 anos	65	,14	,390			
B3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	10 anos	20	,20	,523		0,098	0,922
	11 anos	65	,18	,635			

		N	Média	Desvio		
				Padrão	t-Student	p-value
C1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,30	,470	0,555	0,580
	11 anos	65	,23	,493		
C1.2 - Adaptação e Reconhecimento da Situação Social	10 anos	20	,65	,813	0,086	0,932
	11 anos	65	,63	,894		
C1.3 - Interação com o Outro	10 anos	20	,50	1,000	0,165	0,870
	11 anos	65	,46	,885		
C3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,45	,945	1,304	0,196
	11 anos	65	,25	,469		
C3.2 - Dificuldade de Adaptação e de Reconhecimento da Situação Social	10 anos	20	,30	,571	0,601	0,550
	11 anos	65	,22	,545		
C3.3 - Dificuldades na Interação com o Outro	10 anos	20	,65	,875	-0,107	0,915
	11 anos	65	,68	1,017		
D1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,15	,366	0,282	0,779
	11 anos	65	,12	,375		
D1.2 – Reflexão, Reconhecimento/Aceitação da Situação de Teste	10 anos	20	,15	,489	-0,023	0,982
	11 anos	65	,15	,690		
D1.3 – Investimento/Confiança e Desempenho	10 anos	20	,35	,671	-1,042	0,301
	11 anos	65	,55	,791		
D3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,30	,571	-1,276	0,206
	11 anos	65	,54	,772		
D3.2 – Crítica e Dificuldade no Reconhecimento da Situação	10 anos	20	,30	,470	-0,286	0,776
	11 anos	65	,35	,799		
D3.3 – Insegurança	10 anos	20	1,25	1,333	1,661	0,101
	11 anos	65	,83	,858		
E1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,35	,587	0,438	0,662
	11 anos	65	,29	,491		
E1.2 - Aceitação da Separação	10 anos	20	,25	,550	-0,925	0,357
	11 anos	65	,40	,657		
E1.3 - Visão Otimista da Situação	10 anos	20	,20	,410	0,000	10,000
	11 anos	65	,20	,536		
E1.4 - Reflexão sobre a Situação	10 anos	20	,45	,945	0,020	0,984
	11 anos	65	,45	,708		
E3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,30	,470	-1,484	0,142
	11 anos	65	,72	1,244		
E3.2 - Dificuldades de Separação e	10 anos	20	,95	1,234	1,183	0,240

		N	Média	Desvio		<i>t</i> -Student	<i>p</i> -value
				Padrão			
Reconhecimento da Situação	11 anos	65	,65	,926			
E3.3 - Catastrofização da Situação	10 anos	20	,65	,933	-0,620	0,537	
	11 anos	65	,82	1,074			
F1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,15	,489	-0,273	0,785	
	11 anos	65	,18	,497			
F1.2 - Expetativas e Vivência Real do Acontecimento	10 anos	20	,65	1,040	-0,467	0,642	
	11 anos	65	,80	1,313			
F1.3 - Reconhecimento da Situação Social	10 anos	20	,45	,686	0,901	0,370	
	11 anos	65	,32	,503			
F3.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,05	,224	-0,766	0,446	
	11 anos	65	,11	,312			
F3.2 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	10 anos	20	,10	,447	-0,719	0,474	
	11 anos	65	,18	,464			
F3.3 - Expetativas	10 anos	20	,55	1,191	1,633	0,106	
	11 anos	65	,23	,580			
G1.1 - Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,15	,366	0,973	0,334	
	11 anos	65	,08	,269			
G1.2 – Desempenho	10 anos	20	,20	,410	-1,473	0,144	
	11 anos	65	,43	,661			
G1.3 - Reflexão/ Reconhecimento e Responsabilização pela Situação	10 anos	20	,55	,887	0,831	0,409	
	11 anos	65	,38	,744			
G3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,15	,366	-1,133	0,260	
	11 anos	65	,34	,713			
G3.2 – Pessimismo	10 anos	20	1,55	1,050	1,366	0,176	
	11 anos	65	1,20	,987			
G3.3 - Dificuldades de Desempenho	10 anos	20	,20	,410	0,609	0,544	
	11 anos	65	,14	,390			
G3.4 – Dificuldade no Reconhecimento da Situação	10 anos	20	,10	,308	-0,277	0,783	
	11 anos	65	,12	,331			
H1.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,15	,366	0,973	0,334	
	11 anos	65	,08	,269			
H1.2 – Capacidade para Lidar com a Separação	10 anos	20	,30	,733	-1,626	0,108	
	11 anos	65	,66	,906			
H1.3 - Estratégias de Remediação	10 anos	20	,15	,366	-1,388	0,169	
	11 anos	65	,37	,675			
H3.1 – Sentimentos/Emoções	10 anos	20	,50	,761	-0,192	0,849	

		N	Média	Desvio		<i>t</i> -Student	<i>p</i> -value
				Padrão			
e Afetos	11 anos	65	,54	,792			
H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação	10 anos	20	1,60	,940	2,793	** 0,006	
	11 anos	65	,97	,865			
H3.3 – Dificuldades no Reconhecimento da Situação	10 anos	20	,30	,470	0,555	0,580	
	11 anos	65	,23	,493			
I1.1 - Sentimentos/ Emoções e Afetos	10 anos	20	,30	,470	-0,763	0,448	
	11 anos	65	,40	,524			
I1.2 - Estratégias de Remediação	10 anos	20	,15	,366	-0,909	0,366	
	11 anos	65	,26	,509			
I1.3 – Aceitação e Desvalorização da Situação	10 anos	20	,10	,447	-1,066	0,290	
	11 anos	65	,25	,560			
I3.1 – Sentimentos/Emoções e Afetos	10 anos	20	,40	,598	0,477	0,635	
	11 anos	65	,32	,640			
I3.2 - Dificuldades de Aceitação e Valorização Negativa da Situação	10 anos	20	,30	,571	0,056	0,955	
	11 anos	65	,29	,522			
I3.3 – Culpabilização	10 anos	20	,30	,470	-0,265	0,792	
	11 anos	65	,34	,594			
I3.4 – Percepção Exagerada da Situação	10 anos	20	,90	1,021	2,703	** 0,008	
	11 anos	65	,37	,675			

Nota. * diferença significativa para $p < 0,05$

** diferença significativa para $p < 0,01$

O valor de prova é inferior a 5% para as categorias A3.4 – Dificuldades de Reconhecimento da Situação, B3.3 - Danos Físicos, H3.2 - Dificuldades para Lidar com a Separação e I3.4 – Percepção Exagerada da Situação, rejeita-se H_0 e aceita-se H_1 : considera-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades. O valor de prova é superior a 5% para as restantes categorias em estudo, aceita-se H_0 e rejeita-se H_1 : considera-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as duas idades.

Anexo S

Frequências de respostas da escala SCARED-R

	0		1		2	
	N	%	N	%	N	%
Perturbação de Pânico						
Spertpanico1	60	70,6%	24	28,2%	1	1,2%
Spertpanico9	81	95,3%	4	4,7%		
Spertpanico14	71	83,5%	12	14,1%	2	2,4%
Spertpanico18	78	91,8%	6	7,1%	1	1,2%
Spertpanico27	49	57,6%	28	32,9%	8	9,4%
Spertpanico32	15	17,6%	41	48,2%	29	34,1%
Spertpanico35	53	62,4%	31	36,5%	1	1,2%
Spertpanico40	72	84,7%	10	11,8%	3	3,5%
Spertpanico44	48	56,5%	32	37,6%	5	5,9%
Spertpanico48	72	84,7%	13	15,3%		
Spertpanico51	45	52,9%	34	40,0%	6	7,1%
Spertpanico56	76	89,4%	8	9,4%	1	1,2%
Spertpanico60	78	91,8%	7	8,2%		
Perturbação de Ansiedade Generalizada						
Spertag8	46	54,1%	31	36,5%	8	9,4%
Spertag11	29	34,1%	46	54,1%	10	11,8%
Spertag21	51	60,0%	28	32,9%	6	7,1%
Spertag38	18	21,2%	48	56,5%	19	22,4%
Spertag41	60	70,6%	24	28,2%	1	1,2%
Spertag49	62	72,9%	21	24,7%	2	2,4%
Spertag55	21	24,7%	42	49,4%	22	25,9%
Spertag57	12	14,1%	54	63,5%	19	22,4%
Spertag59	46	54,1%	34	40,0%	5	5,9%
Fobial Social						
Sfobiasocial4	8	9,4%	33	38,8%	44	51,8%
Sfobiasocial15	28	32,9%	42	49,4%	15	17,6%
Sfobiasocial47	17	20,0%	46	54,1%	22	25,9%
Sfobiasocial53	13	15,3%	36	42,4%	36	42,4%
Perturbações de Ansiedade de Separação						
Spertas7	70	82,4%	13	15,3%	2	2,4%
Spertas19	67	78,8%	17	20,0%	1	1,2%

	0		1		2	
	N	%	N	%	N	%
Spertas29	69	81,2%	14	16,5%	2	2,4%
Spertas36	55	64,7%	28	32,9%	2	2,4%
Spertas45	56	65,9%	19	22,4%	10	11,8%
Spertas50	7	8,2%	41	48,2%	37	43,5%
Spertas52	3	3,5%	34	40,0%	48	56,5%
Fobia Escolar						
Spertas3	65	76,5%	20	23,5%		
Spertas30	56	65,9%	26	30,6%	3	3,5%
Spertas58	80	94,1%	3	3,5%	2	2,4%

Nota. Os valores indicados reportam-se à escala de medida: 0- quase nunca; 1- às vezes; 2- muitas vezes.

Anexo T

Análise de consistência interna da escala SCARED-R por dimensões

Perturbação de Pânico

Estatísticas de consistência interna

α de Cronbach	N de Itens
0,760	13

	Correlação	
	Item-Total Corrigida	α de Cronbach sem o item
Spertpanico1	,292	,754
Spertpanico9	-,034	,770
Spertpanico14	,407	,742
Spertpanico18	,341	,750
Spertpanico27	,259	,765
Spertpanico32	,263	,767
Spertpanico35	,448	,737
Spertpanico40	,641	,717
Spertpanico44	,470	,734
Spertpanico48	,536	,734
Spertpanico51	,515	,728
Spertpanico56	,623	,727
Spertpanico60	,424	,746

Perturbação de Ansiedade Generalizada

Estatísticas de consistência interna

α de Cronbach	N de Itens
0,625	9

	Correlação Item- Total Corrigida		α de Cronbach sem o item
Spertag8	,165	,633	
Spertag11	,154	,634	
Spertag21	,307	,596	
Spertag38	,388	,574	
Spertag41	,385	,583	
Spertag49	,366	,586	
Spertag55	,503	,537	
Spertag57	,139	,635	
Spertag59	,400	,573	

Fobia Social

Estatísticas de consistência interna

α de Cronbach	N de Itens
0,727	4

	Correlação	
	Item-Total Corrigida	α de Cronbach sem o item
Sfobiasocial4	,645	,592
Sfobiasocial15	,510	,671
Sfobiasocial47	,503	,675
Sfobiasocial53	,422	,723

Perturbações de Ansiedade de Separação

Estatísticas de consistência interna

α de Cronbach	N de Itens
0,551	7

	Correlação Item- Total Corrigida		α de Cronbach sem o item
Spertas7	,276	,514	
Spertas19	,285	,512	
Spertas29	,333	,495	
Spertas36	,116	,570	
Spertas45	,353	,479	
Spertas50	,332	,488	
Spertas52	,271	,514	

Fobia Escolar

Estatísticas de consistência interna

α de Cronbach	N de Itens
0,361	3

	Correlação Item- Total Corrigida		α de Cronbach sem o item
Spertas3	,067	,518	
Spertas30	,299	,053	
Spertas58	,313	,133	

Anexo U

Quadro de abreviaturas

AG	Ansiedade Generalizada
AS	Ansiedade de Separação
FS	Fobia Social
PP	Pensamentos Positivos
PNEG	Pensamentos Negativos
PN	Pensamentos Neutros
U.r.	Unidades de registo
SCARED-R	Scale “ <i>Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders</i> ”